



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA – PosLA**

**JAMYLE DOS SANTOS MONTEIRO**

**ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO**

**FORTALEZA**

**2011**

JAMYLE DOS SANTOS MONTEIRO

ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: estudos da linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes  
Co-orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro  
Silva de Aragão

FORTALEZA  
2011

M775a Monteiro, Jamyle dos Santos  
Atlas lingüístico léxico-semântico de Capistrano / Jamyle dos Santos Monteiro. – Fortaleza, 2011.  
199p.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes.  
Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) -  
Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Atlas lingüístico 2. Geografia lingüística 3. Lexicografia regional 4. Multimodalidade. I. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD: 469.78131



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Título da Dissertação:** "ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO"

**Autor:** JAMYLE DOS SANTOS MONTEIRO

**Orientador:** Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes

**Co-orientadora:** Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão

**BANCA EXAMINADORA:**

*Antônio Luciano Pontes*

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes - UECE

**Presidente**

*Emília Maria Peixoto Farias*  
Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias - UFC

**Primeira Examinadora**

*Aluiza Alves de Araújo*  
Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo - UECE

**Segunda Examinadora**

**DATA DA DEFESA:** 29.08.2011

Dedico este trabalho  
Aos meus pais Aleuda e Silvio

Ao Victor

À mãe Santa

## AGRADECIMENTOS

A Deus;

Agradeço imensamente aos meus pais pelo amor incondicional, pelo apoio e por todo o esforço que já empreenderam por mim, especialmente para que eu pudesse concluir os meus estudos aqui em Fortaleza; e que, além de tudo, ainda foram meus auxiliares de pesquisa;

Ao Victor, por ser quem é, por tudo o que representa para mim, por ser meu companheiro e amigo de todas as horas, por estar sempre ao meu lado, pela atenção e pelos milhares de telefonemas;

À tia Vilma, minha segunda mãe, que ajudou minha mãe a me criar e me deu abrigo no período da pesquisa de campo sem nada pedir em troca. Estendo o agradecimento ao seu esposo Chico Bandeira;

À minha avó materna, Maria, a quem seus netos chamam carinhosamente de mãe Santa, por tudo o que já fez por mim;

À Angelice, Elias e Jefferson por me darem abrigo durante cinco anos, sem o qual seria impossível minha permanência em Fortaleza; pela compreensão e imensa ajuda;

Ao professor Luciano Pontes, pela orientação desta pesquisa, por se fazer presente mesmo quando longe, pelos conselhos, pela paciência, pelos puxões de orelha, por me acompanhar desde a graduação e por acreditar em mim;

À professora Socorro Aragão pela co-orientação desta pesquisa, pelo exemplo que é e por estar sempre disposta a ajudar;

Às professoras Emilia Farias e Aluiza Araújo pelas considerações que fizeram na qualificação do projeto de pesquisa e por gentilmente aceitarem compor a banca de defesa;

Ao pessoal do grupo LETENS pelas conversas e sugestões sempre pertinentes a esta pesquisa;

À equipe do Projeto ALiB-CE que me ensinou muito sobre Geografia Linguística e que passei a pôr em prática neste trabalho;

Aos professores do PosLA, especialmente às professoras Claudiana e Dilamar;

A todos os colegas de mestrado da turma de 2009, principalmente Cláudia e Romi;

À FUNCAP, pelo apoio financeiro necessário para a realização de parte desta pesquisa;

À Joyciane, pela amizade e por, gentilmente, elaborar o resumo em espanhol;

À Anairan e Ivana pela amizade de sempre;

Ao núcleo gestor e demais servidores das escolas municipais José Cavalcante Roman e José Saraiva Sobrinho pela atenção conferida a essa pesquisa ao cederem espaço para a realização dos inquéritos, por angariarem informantes e pelas merendas deliciosas;

A todos que se mobilizaram para que fosse possível a realização da pesquisa de campo, seja conseguindo informantes ou nos oferecendo abrigo e merenda: tia Cleyde, Ana Meire, Pelé, Clara, Troaca, Glauber, Beta, Maria Luiza, Raimundinho Chaga de Matos e família, tio Evandro e Neice;

Ao professor Betinho, ao seu Sebastião Chicute e ao seu Raimundinho Chaga de Matos pela atenção com que receberam esta pesquisa e pelos dados sobre Capistrano; aos servidores da Secretaria de Educação de Capistrano por prontamente tirarem minhas dúvidas;

A todos os informantes que, com a maior das gentilezas, me convidaram para entrar em suas residências ou em seus trabalhos, oferecendo o que mais procurávamos: as joias linguísticas;

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização dessa pesquisa;

Por fim, devo dizer que esse atlas não é da Jamyle: é nosso.

O que eles falavam na cozinha  
ou no alpendre do sobrado (...)  
saía pelas janelas

se ouvia nos quartos de baixo  
na casa vizinha, nos fundos da Moveleira  
(e vá alguém saber  
quanta coisa se fala numa cidade  
quantas vozes  
resvalam por esse intrincado labirinto  
de paredes e quartos e saguões,  
de banheiros, de pátios, de quintais

vozes

Entre muros e plantas,  
risos,  
que duram um segundo e se apagam)

E são coisas vivas as palavras  
e vibram da alegria do corpo que as gritou  
têm mesmo o seu perfume, o gosto  
da carne

que nunca se entrega realmente (...)  
senão a si mesma  
à sua própria vertigem

ou assim  
falando  
ou rindo  
no ambiente familiar

enquanto (...)  
tu podes ouvir e ver  
(...)  
como essas vozes batem nas paredes do pátio vazio  
na armação de ferro onde seca uma parreira  
entre arames  
de tarde  
numa pequena cidade latino-americana

(Poema sujo – FERREIRA GULLAR)



## RESUMO

A pesquisa Atlas Linguístico léxico-semântico de Capistrano tem como objetivo estudar a língua falada na cidade de Capistrano – Ceará, bem como analisar a composição dos aspectos verbais e visuais presentes nas cartas léxicas. Por compreendermos um atlas linguístico como um produto da Geografia Linguística, nos pautamos teoricamente em Aragão (2009), Miazzi (1976), Coseriu (1982), Cardoso (2010), Jordan (1973), Mouton (1992) e Radtke e Thun (1991). Entendemos o atlas linguístico, também, como repertório da Lexicografia Regional, pois possui características estruturais semelhantes a obras lexicográficas e registra o léxico com marcação diatópica e aportamo-nos em Pontes (2009), Welker (2004), Biderman (2001), Isquierdo (2006), Arnal (2009) e Haensch (1997) e, para estudarmos a composição dos elementos verbo-visuais de uma carta, nos fundamentamos na Multimodalidade com os autores Pimenta e Santana (2006) e Dionisio (2005). Baseamo-nos, para a metodologia, no Projeto ALiB. Realizamos uma pesquisa de campo numa rede de pontos constituída por 4 localidades – 1 zona urbana e 3 zonas rurais – escolhidas por terem maior importância econômica e cultural para a cidade. Aplicamos o questionário semântico-lexical do Projeto ALiB a 32 informantes no total, sendo 8 sujeitos por localidade, distribuídos no seguinte perfil: 4 homens e 4 mulheres, pertencentes a duas faixas etárias – a primeira de 18 a 30 anos e a segunda de 45 a 60 anos -, e a dois níveis de escolaridade – ensino fundamental e ensino superior. Os dados foram gravados em aparelho digital e transcritos posteriormente. Para a seleção dos itens lexicais, criamos um grupo de controle para validar os dados e, então, elaboramos 62 cartas no total, sendo 5 preliminares e 57 lexicais de organização onomasiológica. Acreditamos que essa pesquisa possa ajudar na cartografia dos falares no Ceará, bem como para a validação de regionalismos em obras lexicográficas.

Palavras-chave: Atlas Linguístico, Geografia Linguística, Lexicografia Regional, Multimodalidade

## RESUMEN

La investigación Atlas Lingüístico léxico semántico de Capistrano tiene por objetivo estudiar la lengua hablada en la ciudad de Capistrano – Ceará, así como analizar la composición de los aspectos verbales y visuales presentes en las cartas léxicas. Como comprendemos un atlas lingüístico como un resultado de la Geografía Lingüística, nos basamos teóricamente en Aragão (2009), Miazzi (1976), Coseriu (1982), Cardoso (2010), Iordan (1973), Mouton (1992) y Radtke y Thun (1991). También entendemos el atlas lingüístico como repertorio de la Lexicografía Regional, ya que posee características estructurales semejantes a las obras lexicográficas y nos aportamos en Pontes (2009), Welker (2004), Biderman (2001), Isquerdo (2006), Arnal (2009) y Haensch (1997) y, para estudiar la composición de los elementos verbo-visuales de una carta, nos fundamentamos en la multimodalidad con los autores Pimenta y Santana (2006) y Dionisio (2005). Para la metodología nos apoyamos, en el Proyecto ALiB. Realizamos una pesquisa de campo en una red de puntos constituida de 4 localidades - 1 zona urbana y 3 zonas rurales – elegidas por la importancia económica y cultural para la ciudad. Aplicamos el cuestionario semántico-lexical del Proyecto ALiB a 32 informantes, distribuidos en el siguiente perfil: 4 hombres y 4 mujeres, pertenecientes a dos quintas – la primera de 18 a 30 años y la segunda de 45 a 60 años -, y a dos niveles de escolaridad – la enseñanza básica y la superior. Los datos fueron grabados en un aparato digital y transcritos posteriormente. Para la selección de los ítems lexicales, creamos un grupo de control para validar los datos y, por fin, elaboramos 62 cartas en total, siendo 5 preliminares y 57 lexicales de organización onomasiológico. Creemos que esa investigación pueda ayudar en la cartografía del habla en Ceará, así como para la comprobación de regionalismos en obras lexicográficas.

Palabras clave: Atlas Lingüístico, Geografía Lingüística, Lexicografía Regional, Multimodalidad

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### **Figuras:**

Figura 1 – O Atlas Linguístico léxico-semântico de Iguatu.....	63
Figura 2 – O Atlas Semântico-Lexical do Grande ABC.....	64
Figura 3 – A microestrutura abstrata do ALCa.....	81
Figura 4 – A microestrutura concreta do ALCa.....	82

### **Quadros:**

Quadro 1 – Estruturas da gramática do design visual, adaptada de Petermann (2006).....	61
Quadro 2 – O perfil dos informantes.....	69

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ADDU – Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai
- AFPB – Atlas Prévio dos Falares Baianos
- AIS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional
- ALC – Atlas Linguístico da Catalúnia
- ALCa – Atlas Linguístico Léxico-Semântico de Capistrano
- ALE – Atlas Linguarum Europae
- ALEC – Atlas Linguístico-Etnográfico de Colômbia
- ALECE – Atlas Linguístico do Estado do Ceará
- ALEIC - Atlas Linguístico-Etnográfico Italiano da Córsega
- ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
- ALESUCh – Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Chile
- ALF – Atlas Linguístico da França
- ALGR – Atlas Linguístico Guarani-Românico
- ALHA – Atlas Linguístico de Hispanoamérica
- ALI – Atlas Linguístico Italiano
- ALiB – Atlas Linguístico do Brasil
- ALiG – Atlas Linguístico Léxico-Semântico de Iguatu
- ALiR – Atlas Linguistique Roman
- ALISPA – Atlas Linguístico Sonoro do Pará
- ALM – Atlas Linguístico do México
- ALMS – Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
- ALPB – Atlas Linguístico da Paraíba
- ALPI – Atlas Linguístico da Península Ibérica
- ALPR – Atlas Linguístico do Paraná
- ALR – Atlas Linguístico Romeno
- ALS – Atlas Linguístico de Sergipe
- ALS II – Atlas Linguístico de Sergipe II

EALMG – Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais

FCRS - Faculdade Católica Rainha do Sertão

FECLESC –Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central

FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

LANE – Linguistic Atlas of New England

LSF – Linguística Sistêmico-Funcional

NURC – Norma Linguística Urbana Culta

PSF – Programa de Saúde da Família

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UECE – Universidade Estadual do Ceará

UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú

## SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	11
LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS .....	12
INTRODUÇÃO .....	16
CAPÍTULO 1 – O MINUCÍPIO DE CAPISTRANO.....	21
1.1 Dos aspectos históricos .....	21
1.1.1 Das terras de Baturité .....	21
1.1.2 Riachão: de povoado a distrito.....	22
1.1.3 Capistrano: de distrito a cidade.....	23
1.2 Dos aspectos geográficos.....	24
1.3 Do perfil sócio-econômico.....	25
CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	27
2.1 Da Dialetologia.....	27
2.1.1 Da história da Dialetologia .....	28
2.1.2 Da Dialetologia no Brasil.....	30
2.1.3 Da Dialetologia no Ceará .....	33
2.2 Da Geografia Linguística .....	38
2.2.1 Do início e desenvolvimento da Geografia Linguística .....	40
2.2.2 Da Geografia Linguística na América .....	50
2.2.3 Da Geografia Linguística no Brasil.....	54
2.2.3.1 Do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.....	57
2.2.4 Da Geografia Linguística no Ceará.....	59
2.3 Da suposta crise na Geografia Linguística .....	60
2.4 Da Lexicografia.....	62
2.4.1 Da Lexicografia Regional .....	63
2.4.1.1 Dos dicionários regionais .....	64
2.4.1.2 Dos regionalismos nos dicionários gerais .....	67

2.4.1.3 Da interface tradicional entre Lexicografia e Geografia Linguística.....	69
2.4.1.4 Do atlas linguístico como produto lexicográfico regional .....	70
2.4.1.4.1 Das estruturas lexicográficas .....	71
2.4.1.4.2 Das estruturas lexicográficas do atlas linguístico .....	73
2.5 Da Multimodalidade .....	75
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA.....	81
3.1 Localidades.....	81
3.1.1 Pesqueiro.....	81
3.1.2 Carqueija .....	82
3.1.3 Capistrano (sede) .....	82
3.1.4 Mazagão .....	83
3.2 Informantes.....	83
3.3 Coleta de dados.....	92
3.3.1 Questionário.....	92
3.3.2 Fichas da localidade e do informante .....	93
3.3.3 Pesquisa de campo .....	93
3.4 Arquivamento e transcrição dos dados.....	94
3.5 Grupo de controle e seleção dos itens lexicais.....	95
3.6 Elaboração das cartas .....	95
CAPÍTULO 4 – ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO – ALCa .....	100
4.1 Da apresentação das cartas .....	100
4.1.1 Das cartas preliminares .....	100
4.1.2 Das cartas linguísticas .....	101
4.1.2.1 Da composição da carta léxica.....	101
4.2 Cartas preliminares ilustrativas .....	102
4.3 Cartas lexicais.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	166
REFERÊNCIAS.....	169
ANEXOS .....	175

## INTRODUÇÃO

As pesquisas dialetais vêm crescendo em número, qualidade e sistematicidade ao longo do século XX e neste início do século XXI. Isso se dá pelo fato de os pesquisadores terem uma preocupação crescente com a importância que a fala possui para os estudos em variação linguística. Como afirma Reis (2006, p. 18), “ao pesquisador, como ao garimpeiro, a busca por fatos que desnudem, pelo menos, uma das faces da linguagem de uma sociedade, se configura como achados de intenso valor – as joias linguísticas”.

Uma das ciências que estuda essas “joias linguísticas”, como a variação de acordo com a distribuição espacial, sociocultural e cronológica, é a Dialectologia (CARDOSO, 2010). Esta possui como um ramo de seus estudos a Geografia Linguística, responsável pela elaboração de atlas linguísticos, os quais são uma espécie de *fotografia* de uma língua ou de um dialeto em determinado espaço geográfico e em determinado tempo, fazendo com que o leitor das cartas de um atlas perceba com mais nitidez as nuances linguísticas existentes.

A importância dos atlas linguísticos para o estudo da variação linguística é grande, pois podem ser utilizados pelo público especializado, da Linguística e de áreas afins. Podem auxiliar os dialetólogos na definição de áreas dialetais ou de falares; oferecer subsídios para os pedagogos aprimorarem seus materiais didáticos levando em consideração as diversas realidades linguísticas de uma comunidade; ajudar os lexicógrafos na produção de dicionários, principalmente no acréscimo ou na validação de algum termo com marcação regional (PROJETO ALIB, 2001). Não podemos nos esquecer do caráter didático que possuem, fazendo com que usuários não-especializados leiam por curiosidade ou deleite.

Atualmente, existem atlas dos mais variados tipos, relativos à extensão territorial – de pequenas cidades a atlas continentais e de família de línguas; aos



níveis linguísticos – de atlas contemplando apenas um nível, como o fonético ou o lexical, aos que congregam muitos níveis, como o fonético, lexical, morfossintático, dentre outros; ao suporte – atlas impressos e eletrônicos, estes últimos podendo conter a voz dos informantes.

A Geografia Linguística, porém, teve início ainda no século XIX, contudo foi no século XX que possuiu um extraordinário desenvolvimento, haja vista a quantidade de atlas publicados no referido século, tanto nacionais, regionais, transnacionais e de pequenos domínios (CARDOSO, 2010) e com uma multiplicidade de decisões metodológicas, como os níveis da linguagem contemplados, as perguntas do questionário, o perfil do informante, as localidades da pesquisa, desenvolvendo-se a cada atlas publicado.

Essa multiplicidade nas decisões metodológicas tinha, porém, pontos negativos, pois o confronto de dados de diferentes atlas nem sempre era total. Outro fator negativo na produção de atlas era o tempo: elaborar o projeto, decidir a rede de pontos, fazer o questionário, passando pela pesquisa de campo, até a elaboração das cartas levava e ainda leva muito tempo. Porém, atualmente, por conta do desenvolvimento trazido pelo progresso, a elaboração de um atlas é mais facilitada, uma vez que houve melhorias na infraestrutura de uma forma geral, facilitando o acesso às localidades; a tecnologia está mais presente tanto na captação do áudio por aparelhos digitais, como nos programas computacionais para a elaboração de cartas.

O progresso também traz consigo através, principalmente, dos veículos de comunicação em massa uma tentativa de nivelar as diversas formas e estruturas da linguagem falada nos mais diferentes lugares de um país, por exemplo. Aliás, registrar esses traços da língua falada antes de seu desaparecimento foi sempre uma preocupação entre os dialetólogos, explicitado, inicialmente, por Gilliéron, autor do Atlas Linguístico da França, ainda na primeira década do século XX.

No que diz respeito ao Brasil, o desejo inicial de se elaborar um atlas de extensão nacional foi grande, data de 1953, porém inviabilizado, pois o Brasil era um país rural ainda, então foram feitas pesquisas em escala estadual até haver reais condições infraestruturais de se fazer um atlas nacional. Passados pouco mais de 40 anos, foi, enfim, viabilizado o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, doravante ALiB, que, atualmente, encontra-se em desenvolvimento.

Já em relação ao nosso tema, a vontade de produzirmos um atlas linguístico da cidade de Capistrano é, relativamente, antiga. Tem início quando ainda cursávamos a faculdade de Letras na Universidade Estadual do Ceará, no ano de 2004, quando passamos a integrar a equipe de colaboradores do projeto ALiB, inicialmente como bolsista voluntária. No projeto, tivemos contato com a literatura, com o método da pesquisa de campo, bem como com a transcrição grafemática dos dados. A partir de então, começamos as viagens ao interior, acompanhando a equipe já existente e aprendendo constantemente os meandros dessa pesquisa e, a partir de 2005, obtivemos uma bolsa institucional, financiada pela FUNCAP<sup>1</sup>. Em 2008, tivemos a oportunidade de escrever um artigo de final de graduação acerca do falar de Capistrano, no qual utilizamos a metodologia do Projeto ALiB, porém os dados foram organizados em forma de um glossário semasiológico, tendo como título *Para um léxico do falar de Capistrano* (MONTEIRO, 2008).

A partir das viagens e do aprendizado, nos veio a ideia de elaborar um atlas, de pequeno domínio, do município no qual crescemos e que possui poucos estudos dessa natureza, uma vez que Capistrano foi uma das cidades contempladas pela rede de pontos do Atlas Linguístico do Estado do Ceará – ALECE, porém a pesquisa foi feita na década de 1980 e a cidade carece de uma pesquisa atual, até mesmo para, num futuro próximo, realizarmos uma pesquisa de variação em tempo real.

---

<sup>1</sup> FUNCAP - Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Para a realização dessa pesquisa, pretendemos atingir o seguinte objetivo geral:

- Estudar a linguagem falada na cidade de Capistrano – Ceará.

Desse modo, buscamos como objetivos específicos:

- Produzir o Atlas Linguístico léxico-semântico de Capistrano e
- Analisar a composição dos aspectos verbais e visuais presentes nas cartas léxicas.

O nosso trabalho se desenvolve em quatro capítulos. O primeiro destes versa sobre o município de Capistrano e traça um panorama histórico e geográfico da cidade, bem como um perfil sócio-econômico de seus habitantes.

O segundo capítulo é o da fundamentação teórica na qual nos baseamos para a elaboração desse trabalho. Inicialmente, versamos sobre a Dialetoлогия e seus pressupostos teóricos, passando por um breve histórico desta, bem como a Dialetoлогия no Brasil e no Ceará. Em seguida, situamos a Geografia Linguística como um ramo de estudos da Dialetoлогия e buscamos fazer um panorama histórico, mostrando o seu desenvolvimento ao longo do tempo. Depois, abordamos a Geografia Linguística nacional, com os atlas linguísticos já publicados e apresentamos o Projeto ALiB. Após isso, apresentamos um panorama da Geografia Linguística no Ceará. Buscamos elucidar, também, a suposta crise pela qual passou a Geografia Linguística e ampliar a nossa visão sobre ela, pois além de enxergarmos o atlas linguístico como um produto da Geografia Linguística, também o vemos como um repertório lexicográfico de cunho regional. E, então, mostramos como isso se dá ao compararmos as estruturas de um dicionário com as de um atlas linguístico. Por fim, abordamos a multimodalidade como uma teoria que versa sobre a utilização de mais de um meio semiótico, como, no nosso caso, o meio verbal e o visual. Essa teoria nos fundamentou no momento da produção das cartas, aqui entendidas como microestruturas.

Na metodologia, terceiro capítulo, apresentamos um breve panorama de cada localidade estudada e nos baseamos nos pressupostos metodológicos do Projeto ALiB, como a seleção do informante, as fichas do informante e da localidade e o questionário semântico-lexical. Elucidamos como se deu a escolha dos itens lexicais e como foram produzidas as cartas do atlas. Por fim, analisamos como os elementos verbais e visuais se integram entre si nas cartas, de acordo com a multimodalidade.

No quarto capítulo temos, inicialmente, uma apresentação das cartas, como um guia de uso para a leitura dessas e, em seguida, as cartas do Atlas Linguístico léxico-semântico de Capistrano. Esse atlas foi elaborado de forma onomasiológica e possui um total de 62 cartas, sendo 5 preliminares, ambientando a cidade geograficamente para o leitor, e 57 cartas linguísticas léxico-semânticas, valorizando a variação lexical, de acordo com o espaço geográfico, a faixa etária, o sexo e a escolaridade.

As considerações finais contêm observações relativas à variação lexical na cidade, como: os campos semânticos com mais cartas, as cartas com maior número de variantes, outras com o maior número de ocorrências, algumas divergências encontradas entre a ortografia oficial e a transcrição grafemática, bem como as lacunas e as contribuições dessa pesquisa.

## **1 O MUNICÍPIO DE CAPISTRANO**

Neste capítulo, abordaremos os aspectos históricos e geográficos de Capistrano, bem como o perfil sócio-econômico do município.

### **1.1 Dos aspectos históricos**

As terras que hoje pertencem a Capistrano, inicialmente, eram propriedade de Baturité, cidade vizinha. Convém, portanto, fazermos um breve panorama da formação de Baturité para melhor entendermos como se deu a formação histórica de Capistrano, do início da povoação até a obtenção do título de município, em 1955.

#### **1.1.1 Das terras de Baturité**

Inicialmente, Baturité contava com um território extenso. De acordo com Sampaio (1982, p. 67), “era um vasto território no início da colonização do Ceará. Verdadeiras ‘terras do sem fim’ abrangendo rios, vales e montanhas, que se espalhavam desde o maciço baturiteense até os sertões de Canindé”. A origem de Baturité é vinculada aos aldeamentos organizados pelas missões que eram comuns no Ceará.

Na sua formação administrativa, em 1762, Baturité recebeu a denominação de Aldeia das Missões ao ser tida como distrito e logo após, em 1763, foi elevada a vila, sendo no começo denominada de Palma e, em 1764, de Vila Real Monte-Mor o Novo da América. Esta denominação faz um contraponto com Monte-Mor o Velho, onde hoje está localizada a cidade de Pacajus.

Coincidentemente, por essas terras, houve a passagem dos Paiacus, grupo indígena que ficou conhecido na história do Ceará como “baixotes e irritadiços, eram também venenosos em seus instintos guerreiros” (ARAGÃO, 1996, p. 88), característica essa que concorda com a etimologia, pois paiacu deriva de baiacu, “peixe pequeno e venenoso, chegando a explodir quando se irrita” (ARAGÃO, 1996, p. 88).

Apenas em 1858 a vila Monte-Mor o Novo da América teve *status* de cidade, através da lei provençal nº 844, de 09/08/1858, mudando sua denominação para Baturité. Há uma divergência entre estudiosos sobre a origem do topônimo, porém a mais aceita é que Baturité quer dizer ‘verdadeira serra’.

Segundo dados do IBGE<sup>2</sup>, “em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 7 distritos: Baturité, Castro, Caio Prado, Candeia, Guaramiranga, Pernambucozinho e Riachão.” É sobre esse último distrito que discorreremos a seguir.

### 1.1.2 Riachão: de povoação a distrito

As terras que hoje pertencem a Capistrano eram chamadas de Riachão e integraram a Vila Real Monte-Mor o Novo da América, mais tarde elevado a cidade com o nome de Baturité. Um dos primeiros moradores do Riachão foi o capitão Daniel Ferreira de Lima, fazendeiro, que construiu uma casa grande e moradias bem mais modestas para colonos.

Um grande feito para o pequeno povoado foi a inauguração da estação ferroviária, em 1890, que ligava Baturité a Fortaleza. Esse fato trouxe o progresso para Riachão, uma vez que o objetivo da estação nesse povoado era abastecer a

---

<sup>2</sup> Para acessar, vide: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 14/03/2011

locomotiva com madeira, o que foi positivo tanto para os donos das terras quanto para o restante da população por conta da oferta de trabalho que gerou.

De acordo com Pinheiro (2003, p. 21),

à medida que o povoado ia crescendo, estabeleciam-se pequenos grupos de famílias, que se iam formando como a elite política e econômica local, nos moldes do coronelismo vigente no Nordeste. Dentre esses podemos citar a do Coronel Francisco Nunes Cavalcante; Major Bezerra Campelo; Major Estelita e a família dos Lima Freitas. (PINHEIRO, 2003, p. 21)

O ano de 1896 é importante para o povoado, uma vez que, no dia 27 de março, Riachão passa a ser distrito de Baturité, podendo participar ativamente da política da cidade. Tanto que elege como vereadores, em diferentes épocas, Coronel Francisco Nunes Cavalcante e Major Bezerra Campelo.

### 1.1.3 Capistrano: de distrito a cidade

A luta da elite política e econômica local é crescente em prol de transformar Capistrano em município. Isso só acontece em 1951. Porém, antes, em 1933, o nome Riachão é trocado por Capistrano de Abreu, como homenagem ao famoso historiador cearense e, em 1938, o nome do distrito passa a ser apenas Capistrano.

A constituição do município de Capistrano é marcada pelas constantes lutas entre as elites locais, ávidas por poder. O primeiro pleito que oficializou o município aconteceu em 1954, donde saiu vencedor o Sr. Francisco Sales. Sua administração foi marcada, segundo Pinheiro (2003, p. 22), “pela urbanização de algumas ruas, implantação de energia elétrica a motor e a instalação do município propriamente dito”.

## 1.2 Dos aspectos geográficos

Capistrano é um município cearense, situado a 140 km de Fortaleza. Pertence à mesorregião Norte Cearense e à microrregião de Baturité. De acordo com o IBGE, possui uma área de 223 km<sup>2</sup>. Os limites territoriais desse município são: ao norte com Mulungu e Baturité, ao sul com Itapiúna, ao leste com Baturité e ao oeste com Aratuba e Mulungu, todos esses municípios são, também, pertencentes à microrregião de Baturité. Os principais acessos a Capistrano se dão por meio das rodovias CE-020 e CE-021. Pela cidade também passa a estrada de ferro que liga Fortaleza a Crato, sendo muito importante para a economia local outrora.

Os principais acidentes geográficos são os rios Putiú e Pesqueiro e os riachos Lagoa Nova, Tronco, Curimatã, Abelha, Oiticica e Furna da Onça. As principais elevações do município são o Serrote da Ponta Grossa e a Serra do Vicente. Em relação ao clima da região, de acordo com o mapa do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE<sup>3</sup>, Capistrano, à medida que se aproxima da Serra de Baturité, possui os climas tropical quente úmido e tropical quente subúmido; também registram-se os climas tropical quente semi-árido e tropical quente semi-árido brando no centro-sul da cidade.

Capistrano possui apenas um distrito que é o próprio município e dispõe de 1 zona urbana e 47 localidades nas zonas rurais, a saber: Mazagão, Serrote, Nova Passagem, Juamirim, Manus Kolping, Serrote Preto, Buenos Aires, Marmoré, Abelha, Curimatã, Tronco, Açudinho, Manga, Bananeiras, Várzea da Palmeira, Pindoba, Serra do Vicente, Riacho da Vagem, Esparmado, Brejo, Cabeça da Onça, Lagoinha, Pesqueiro, Santo Antônio, Belo Monte, São Bento, São Vicente, Iú, Salgado, Ipu, Vazante, Camarão, Cajazeiras, Três Bocas, Agrovila, Sans Souci,

---

<sup>3</sup> Acesso em 20/07/2011 - <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/12/126x.htm>



Boqueirão, Onofre, Cajuás de Cima, Camará, Catolé, Carqueija, Oiticica, Tenente, Murubeca, Serrinha de Dentro, Serrinha de Fora.

### **1.3 Perfil sócio-econômico**

De acordo com os resultados preliminares do universo do censo demográfico de 2010, a cidade possui um total de 17.062 habitantes. Destes, apenas 6.212 ocupam a zona urbana e representam 36,4% da população, já a zona rural conta com um total de 10.850 habitantes, 63,6%. Isso faz de Capistrano uma cidade ainda com tendências rurais, porém, paulatinamente, o município ganha ares de modernidade. Contando com 2 escolas de informática que oferecem serviços de computação e de internet, o progresso também chega à cidade pelo mundo virtual. A internet já é uma realidade na cidade, tanto na zona urbana como na rural, nas coberturas via rádio e via telefonia fixa e móvel.

Durante muitos anos, a economia local foi sustentada pelo algodão, porém a partir dos anos 80 do século XX, a lavoura do algodão foi atacada pelo inseto *Anthonomus grandis*, mais conhecido como bicudo. Este foi o grande responsável pelo rompimento do cultivo do algodão na cidade. Atualmente é movida pelo comércio a varejo e pelo funcionalismo público, tendo a agricultura como segundo plano para a economia, com o cultivo de feijão, milho, arroz e hortaliças.

Abaixo descrevemos sucintamente os aspectos sociais da cidade na saúde, na educação e na cultura.

Em relação à saúde, o município conta com 13 estabelecimentos públicos, sendo 2 situados na zona urbana e os demais pertencentes às zonas rurais atuando em parceria com o Programa Saúde da Família – PSF. Este programa visa atender a população não apenas nos postos de saúde, mas também

em visitas domiciliares, levando atendimento de médicos, dentistas, enfermeiros e agentes comunitários de saúde.

No tocante à educação, de acordo com o IBGE, dos 6.212 habitantes da zona urbana, 4.115 são pessoas de 10 ou mais anos de idade alfabetizadas, correspondendo a aproximadamente 66,2%; e das 10.850 pessoas residentes na zona rural, 6.482 são alfabetizadas e possuem 10 ou mais anos de idade, aproximadamente 59,7%. Capistrano possui um total de 16 escolas, sendo 12 municipais, 1 estadual e 3 particulares. Dados da Secretaria de Educação do Município informam que há um total de 4.624 alunos matriculados na educação básica em 2011.

Já em relação ao ensino superior, a cidade conta com um núcleo da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, com cursos superiores voltados para licenciatura. Nas cidades vizinhas, como Baturité, também há pólos universitários particulares e em Quixadá, município próximo, funciona a Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC, também com cursos voltados para licenciatura e a Faculdade Católica Rainha do Sertão – FCRS, com cursos nas áreas de ciências da saúde, ciências humanas, ciências sociais aplicadas e engenharias.

Culturalmente, a cidade destaca-se na música com instrumentistas conhecidos regionalmente, como Chiquinho Justino, Clementino Moura e Neném Seresteiro; também é destaque no artesanato e nas artes plásticas, principalmente na pintura, além de possuir um mestre da cultura popular local, Sebastião Chicute, cordelista.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, faremos uma revisão da literatura no que concerne à Dialetoлогия, à Geografia Linguística, à Lexicografia e à Multimodalidade.

### 2.1 Da Dialetoлогия

Costuma-se falar que Dialetoлогия é o estudo dos dialetos. Não que esta definição esteja errada, porém não é suficiente para abarcar as pormenoridades dessa ciência. De acordo com Cardoso (2010, p. 15), “a Dialetoлогия é um ramo de estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Por conta dessa diversidade linguística, temos, muitas vezes, o surgimento de um dialeto ou mesmo de um falar peculiar localizado. Para entendermos essa ciência e seu campo de estudo, faz-se necessária a atenção para os conceitos de *língua*, *dialeto* e *falar*.

Entendemos língua de acordo com Faria (1996), que a divide em dois sentidos. Numa primeira acepção, “é uma noção político-institucional. Corresponde a um sistema linguístico abstracto que, por razões políticas, económicas e sociais, adquiriu independência tanto funcional como psicológica para os seus falantes”. Num segundo sentido, o termo *língua* é utilizado numa perspectiva de variação e está relacionado com a noção de dialeto. Em relação a este, Aragão (1983, p. 17) disserta que:

A língua é sempre vista como uma unidade, um todo indivisível. No entanto esta unidade é composta de infinitas variações – regionais, grupais ou individuais – que podem ser estudadas através dos níveis de análise fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico. Cada língua, ou sistema linguístico, é constituído de subsistemas que apresentam pontos de

intersecção e de disjunção. Esses subsistemas são os dialetos. (ARAGÃO, 1983, p. 17)

Aragão corrobora com Alvar (1961, p. 57) o qual afirma que dialeto pressupõe um “sistema de signos desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outros de origem comum”<sup>4</sup>. O *falar*, por sua vez, não possui a coerência estrutural de um dialeto, configurando-se, portanto, numa “peculiaridade regional da língua comum”, segundo Brandão (1991, p. 13).

Para melhor entendermos a Dialetologia, partamos para um breve estudo de sua história e das transformações pelas quais passou.

### 2.1.1 Da história da Dialetologia

A consciência da existência da variação linguística, tanto social quanto regional, não é recente, mas, sim, remonta à antiguidade clássica. Os romanos, por exemplo, com uma sociedade muito estratificada, tinham já o conhecimento da variação na esfera social, sendo a fala corrente classificada em *sermo urbanus*, *sermo plebeius* e *sermo rusticus*. Os gregos, por sua vez, distinguiram quatro dialetos no plano espacial: o dórico, o eólico, o jônico e o ático; este último deu origem à *koiné dialektos*, que se transformou na língua comum para a comunicação e o intercâmbio. Apesar de haver a ideia de variação dialetal desde a antiguidade, “antes do século XIX, as línguas populares eram simplesmente vistas como uma espécie de degenerescência, línguas corrompidas, dizia-se, faladas por camponeses, que, em sua ignorância, eram incapazes de fazê-lo melhor” (MALMBERG, 1971, p. 80). Segundo o mesmo autor, esse preconceito é explicado historicamente, pois em um determinado momento da história – mais precisamente no final da Idade Média e no Renascimento - houve a eleição de um dialeto, por

---

<sup>4</sup> “um sistema de signos desgajado de una lengua común, viva o desaparecida; normalmente, com uma concreta limitación geográfica, pero sin una fuerte diferenciación frente a otros de origen común”.

conta de certa influência ou prestígio cultural, ao status de língua *standard*, oral e escrita, nivelando os outros dialetos de um mesmo Estado Nacional a falares locais.

Foi somente no século XIX que se deu um interesse maior aos dialetos. Movidos pelo entusiasmo regionalista ou tradicionalista, muitos eruditos diletantes confeccionaram dicionários e glossários dialetais como, por exemplo, o *Dictionnaire étymologique de la langue wallone* (1845-1880) de Gandgagnage, o *Dictionnaire du patois normand* (1849) de E. e A. Duméril, o *Vocabulaire du Berry* e o *Glossaire du Centre de la France* (1856-1858) de Joubert etc. Nesse período, havia o predomínio do estudo literário e do método histórico-comparativo de estudo das línguas. Em oposição a esses dois fatos, no ano de 1873, o italiano Ascoli publica, no primeiro volume da revista *Archivio Glottologico Italiano*, um estudo sobre os dialetos réticos *Saggi Ladini*, fato que é considerado o início da Dialetologia científica.

Na segunda metade do século XIX e no início do século XX, países como a Itália, com Ascoli, a Alemanha, com Wenker, e a França, com Gilliéron, se destacaram nos estudos dialetais. Inicialmente, houve o predomínio do método de pesquisa *monografia dialetal*, o qual representou um importante passo para a consolidação da Dialetologia como ciência. A monografia dialetal<sup>5</sup> era caracterizada como uma descrição diacrônica do dialeto, geralmente da fonética e da morfologia, partindo da sua origem até chegar ao momento atual. Esse tipo de estudo foi tido, inicialmente, como idealizado, pois preconizava uma evolução contínua do dialeto através do tempo. Atualmente, esse tipo de trabalho possui grande rigor científico, o que confere ao estudo uma grande importância dentro da ciência da variação diatópica.

Já o posterior método de pesquisa dialetal é a denominada Geografia Linguística que, de tanta importância que teve para os estudos em Dialetologia, em

---

<sup>5</sup> Há autores, como Miazzi (1976), que preferem utilizar o termo *dialetologia* como sinônimo do método monografia dialetal, contrapondo-o com a Geografia Linguística. Optamos por entender a Dialetologia como ciência que tem como um de seus ramos a Geografia Linguística.

alguns momentos, chega-se a confundir a referida ciência com o método que a embasa por excelência. Neste trabalho, procurarmos tratá-la não como um método e nem como sinônimo de Dialetoлогия, mas como um ramo desta, com um campo específico de estudos dentro da Dialetoлогия, possuindo, portanto, seu método próprio: o cartográfico, sobre o qual discorreremos mais adiante.

Após dissertarmos sobre o histórico da Dialetoлогия, partamos para a Dialetoлогия no Brasil e suas fases, bem como um breve panorama da Dialetoлогия no estado do Ceará.

### 2.1.2 Da Dialetoлогия no Brasil

O marco inicial dos estudos dialetais no Brasil data do ano de 1826, no qual Domingo Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, envia ao vêneto Adrien Balbi, para compor o *Atlas Ethnographique du globe*, um estudo comparativo entre o português brasileiro e o de Portugal. A partir de então, Antenor Nascentes, em 1952, portanto 126 anos depois, propõe uma divisão dos estudos dialetais brasileiros em duas grandes fases. A primeira de 1826 a 1920, ano em que se publica a célebre obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral e a segunda fase começa em 1920 e se estende até 1952, ano da implementação do Projeto Atlas Linguístico Brasileiro.

A primeira fase é caracterizada por estudos que percorrem uma linha lexicográfica regional diletante. As obras mais significativas numa perspectiva do português brasileiro como um regionalismo comparado ao de Portugal são: *Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados como daqueles a origem é ignorada* (1883-1884) de visconde de Beaurepaire-Rohan; *Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros* (1912), de P. Carlos Teschauer; *Dicionário de brasileirismos* (1912), de Rodolfo Garcia. Já o principal trabalho cujo foco é os regionalismos no português do Brasil intitula-se *Glossário paraense* (1905), de Vicente Chermont de

Miranda. A essas obras soma-se um estudo de natureza gramatical intitulado *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil* (1879), de Paranhos da Silva.

A segunda fase dos estudos dialetais no Brasil proposta por Nascentes e corroborada por Ferreira e Cardoso (1994) inicia-se com a publicação de *O dialeto caipira* (1920), de Amadeu Amaral. Esta obra junto a *O linguajar carioca em 1922* de Antenor Nascentes e *A língua do Nordeste* (1934) de Mário Marroquim marcam

a produção de trabalhos de cunho monográfico voltada para a observação de uma área determinada, buscando descrever os fenômenos que a caracterizam não só do ponto de vista semântico-lexical, mas também do fonético-fonológico e morfossintático. Nota-se a existência da preocupação com uma metodologia de abordagem dos fenômenos orientada para o exame da realidade observada *in loco* e considerada nos seus diferentes aspectos. (CARDOSO, 2010, p. 134)

Essa fase é marcada, ainda, por obras realizadas à moda da primeira fase, como léxicos e glossários regionais – *Vocabulário gaúcho* (1926), de Roque Callage, e *O vocabulário pernambucano* (1937), de Pereira da Costa; por estudos de natureza ampla – *O problema da língua brasileira* (1940), de Sílvio Elia e *A língua do Brasil* (1946), de Gladstone Chaves de Melo; por estudos regionais de fenômenos específicos em áreas delimitadas – *O falar mineiro* (1938), de José Aparecido Teixeira e *A linguagem popular da Bahia* (1951), de Édison Carneiro; e estudos sobre a contribuição africana para o português do Brasil – *O elemento afro-negro na língua portuguesa* (1933), de Jacques Raimundo e *A influência africana no português do Brasil* (1933), de Renato Mendonça.

A terceira fase é proposta por Ferreira e Cardoso (1994) e representa o começo da Geografia Linguística no Brasil. É iniciada em 1952 quando o decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, instaura como finalidade principal a elaboração de

um Atlas linguístico brasileiro e é encerrada em 1996, ano de implementação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – AliB.

Essa fase foi marcada pelos esforços de grandes linguistas como Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi para a instauração da Geografia Linguística no país. O primeiro autor lançou em 1958 e 1962 as *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* onde se evidencia as vantagens de se empreender um atlas de extensão nacional; e Serafim da Silva Neto, em 1957, o *Guia para estudos dialetológicos*, onde se prega a importância de uma consciência dialetológica e de metodologia da pesquisa dialetal.

A ideia de se empreender um atlas nacional foi de encontro à situação estrutural do Brasil na década de 1950, na qual

63% da população se encontrava no campo e apenas 37% nas grandes cidades, o que revela a maior concentração demográfica fora dos centros urbanos. Os meios de comunicação – rádio, televisão e telefone – tinham um perfil muito tímido, cujos dados não vêm registrados nas estatísticas para esse ano. A extensão da rede de estradas de ferro em tráfego alcançava 36.681 km. As rodovias se estendiam por 341.035 km. As empresas aéreas civis atingiam um percurso de 96.600.775 km e a navegação marítima e fluvial apresentavam um movimento de 406 embarcações em tráfego. (PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL, 1996)

A situação do Brasil era desfavorável à execução de um atlas nacional. Por isso, Celso Cunha sugeriu que se tomasse outro caminho: a execução de atlas regionais. O pioneiro foi Nelson Rossi que, em co-autoria com Dinah Isensee e Carlota Ferreira, lançou o *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB), em 1963. Este e outros quatro atlas regionais integram as obras mais significantes dessa fase, a saber: *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG) de José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio, de 1977; *Atlas linguístico da Paraíba* (ALPB), de Maria do Socorro Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes, de 1984; *Atlas*



*linguístico de Sergipe* (ALS), em 1987, por Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi; e *Atlas linguístico do Paraná* (ALPR), de Vanderci Aguilera, em 1994.

A terceira fase da Dialetologia no Brasil é marcada, também, por monografias dialetais e produtos lexicográficos regionais, expostos na *Bibliografia indexada de dissertações e teses em letras e linguística*, apresentadas em universidades brasileiras, organizada por Ulf Gregor Baranov em 1990, em que se registram 89 trabalhos dialetais dentre os 1.589 citados na obra.

A quarta fase é proposta por Mota e Cardoso (2005) e inicia-se a partir da implementação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, em 1996, representando a consolidação da Geografia Linguística em território nacional.

### 2.1.3 Da Dialetologia no Ceará

O estudo do falar cearense conta com uma vasta literatura e já é bem tradicional, remonta ao século XIX e vai até os dias atuais. O que acontece, muitas vezes, é que as obras são veiculadas em publicações de pequena circulação, como revistas e periódicos, quase sempre restritos ao âmbito acadêmico. Pretendendo diminuir essa restrição, algumas publicações de cunho bibliográfico mostram os principais estudos no âmbito dialetal no Ceará, como podemos encontrar no artigo *Fontes bibliográficas para o estudo do falar cearense* (MONTEIRO, 1995), no livro eletrônico *Bibliografia dialetal brasileira* (ARAGÃO, 2002) e na seção “Bibliografia dialetal cearense” do *Atlas linguístico do Estado do Ceará – ALECE* (BESSA, 2010).

De acordo com o Bessa (2010), os primeiros registros escritos sobre o falar cearense datam de 1865, em que Juvenal Galeno lançou o livro *Lendas e canções populares*. Essa é uma publicação relativa aos costumes e ao folclore

cearense, porém são registrados 215 verbetes acerca das peculiaridades linguísticas da região. Paulino Nogueira, em 1887, lançou o *Vocabulário indígena em uso na província do Ceará* em que há 575 verbetes sobre assuntos diversificados, desde a flora e fauna, passando por objetos ligados às atividades da cultura local, até topônimos, dentre outros. Ainda há o registro de importantes autores, como Martinz de Aguiar com as publicações *Cirandas infantis* (1932) e *Fonética do Português do Ceará* (1937); Florival Seraine com *Dicionário de termos populares* (1958); Raimundo Girão com *Vocabulário popular cearense* (1967); e Tomé Cabral com *Dicionário de termos e expressões populares* (1972). De acordo com Aragão (2005), “apesar da qualidade e do pioneirismo de seus trabalhos, não seguiram uma metodologia científica que nos assegure sua pertinência”<sup>6</sup>.

Já Monteiro (1995), em seu artigo *Fontes bibliográficas para o estudo do falar cearense*, divide de forma didática o estudo do falar cearense em seis categorias, a saber: pesquisas sobre o português do Brasil; estudos sobre o folclore cearense; obras de caráter regionalista; textos de cantadores e poetas populares; ensaios e estudos sobre o falar cearense; e dicionários de termos populares.

A primeira categoria abrange obras de cunho geral do português do Brasil que versam, também, sobre características do falar do Ceará, como *O Português do Brasil*, de Renato Mendonça (1936), *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920) e *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934). Monteiro menciona, também, nessa categoria, o já citado *Vocabulário indígena em uso na província do Ceará*, de Paulino Nogueira e, também, *A linguagem dos cantadores*, de Clóvis Monteiro, monografia defendida em 1933 para o ingresso no Colégio Pedro II.

Na categoria “estudos sobre o folclore cearense”, Monteiro (1995) assinala obras importantes não apenas para o folclore, mas também para o registro

---

<sup>6</sup> Retirado do artigo de Aragão *Os estudos fonético-fonológicos no estado do Ceará* (2005) elaborado para apresentação na SBPC que se encontra no seguinte endereço: [http://www.sbcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF\\_SIMP/textos/msocorroaragao2.htm](http://www.sbcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/msocorroaragao2.htm)

da língua no Ceará, sendo o folclore considerado como uma fonte importante para os estudos dialetais. Há o registro de duas obras já citadas anteriormente: *Lendas e canções populares* de Juvenal Galeno e *Cirandas infantis*, de Martinz de Aguiar. Outro autor importante para o estudo linguístico decorrente do folclore é Florival Seraine, de quem os livros *Reisado no interior cearense* e *Antologia do folclore cearense* trazem valiosas contribuições para a Dialectologia do Estado. Por conta disso, o referido autor é considerado por muitos o pioneiro dos estudos dialetais no Ceará. Ainda nessa segunda categoria, podemos citar *Cancioneiro do Norte* (1903), de Rodrigues de Carvalho, *O Ceará e os cearenses* (1906), de Antônio Bezerra, *Prosa vadia* (1932), de Leonardo Mota. Merece também destaque Eduardo Campos com *Folclore do Nordeste* (1960), *Estudos do folclore cearense* (1960) e *Medicina popular do Nordeste* (1967). Monteiro ainda destaca obras realizadas fora do Ceará, mas que, mesmo assim, são importantes para estudos dialetológicos: *Galalaus e batorés* (1981) e *Painel folclórico do Nordeste* (1920), de Mário Souto Maior e *A vaqueijada nordestina e sua origem* (1976), de Câmara Cascudo.

Contamos, no Ceará, com uma infinidade de publicações literárias e não-literárias de caráter regionalista. Monteiro (1995), em sua divisão disposta acima, revela, em sua terceira categoria, obras de caráter regionalista, algumas publicações importantes para o estudo do falar cearense, pois, além da riqueza da obra, trazem comentários e notas elucidativas que servem como abonações, além de glossários e vocabulários que elucidam algumas passagens de livros, principalmente, os mais antigos. Uma obra de destaque é *Dona Guidinha do Poço* (1952), de Manuel Oliveira Paiva que traz notas e comentários, além de um glossário elaborado por Américo Facó. Já outros livros possuem comentários elaborados por seus próprios autores, como *Terra do Sol* (1962), de Gustavo Barroso e *Jeca Tatu e Mané Xiquexique* (1969), de Ildelfonso Albano. Há, ainda, apêndices com explicações para certos regionalismos e notas para elucidações de certos cearensismos, respectivamente nas obras *O Cabeleira* (1966), de Franklin Távora, e *A normalista* (1893) de Adolfo Caminha. De acordo com Monteiro (1995, p. 75), “é extensa [...] a lista de obras que fornecem elementos abonatórios, a maioria das quais esperando levantamentos e análises das construções regionais”. Dentre essas, destacamos as seguintes: *A fome* (1922 2ª ed.) e *Maria Rita* (1987), de Rodolfo Teófilo; *Luzia-Homem* (1980), de

Domingos Olímpio; *O Quinze* (1967 8ª ed) e *João Miguel* (1973), de Raquel de Queiroz; e *O chão dos mortos* (1964) e *Rosa do Lagamar* (1964), de Eduardo Campos.

Na quarta categoria, textos de cantadores e poetas populares, o autor faz alusão apenas às antologias elaboradas para focar certos aspectos do falar cearense, frente à infinidade de cordeis que se encontram facilmente acessíveis em todo o nosso Estado. O primeiro estudioso citado é Leonardo Mota que em *Viroleiros do Norte* (1976 4ª ed), traz um glossário de modismos e adágios, com cerca de trinta páginas; já em *Sertão alegre* (1965 2ª ed), há a presença de um apêndice com cerca de cinquenta páginas com elucidações do vocabulário regional. Outros importantes autores são Rodrigues Carvalho com *Cancioneiro do Norte* (1967 3ª ed); Eduardo Campos, com *Cantador, musa e viola* (1973); Raimundo Araújo, com *Cantador, verso e viola* (1974); Liêdo Maranhão de Sousa, com *Classificação popular da literatura de cordel* (1976); e Nery Camello, com *Alma do Nordeste* (1945 5ª ed).

Ensaio e estudos sobre o falar do Nordeste é a quinta categoria a que faz alusão Monteiro (1995). Cronologicamente, o primeiro autor a se destacar é Martinz de Aguiar que publicou um ensaio no livro *Repasse crítico da gramática portuguesa* (1922) e analisou características do falar cearense. Outro estudioso é Antônio Sales que analisou algumas ressignificações características da fala do Ceará em *Notas de linguagem* (1924) e *O falar cearense* (1927). O terceiro autor é Florival Seraine que possui um grande destaque nos estudos diatópicos e diastráticos. Dentre suas principais publicações temos: *Estudos cearenses* (1942) que versa sobre fonética, morfossintaxe e regionalismos no Ceará; *Aspectos históricos da língua nacional no Ceará* (1949); *Lexicografia e semântica cearenses* (1954); *Contribuição ao estudo da formação de palavras na linguagem popular cearense* (1957); *Dialetologia cearense – morfologia e algumas notas sintáticas* (1967); *A ‘Relação do Maranhão’ do Padre Luís Figueira e o falar cearense atual* (1970); *Processos de desempenho linguístico em um quadro sociocultural* (1978); *Contribuição metodológica aos estudos lexicais* (1980); *Marcas de ruralidade na fala*

*urbana* (1983); *Relações entre níveis de norma na fala atual de Fortaleza* (1984). Há, também, a contribuição de autores que estudaram as influências indígenas, como Renato Braga, Paulino Nogueira, com o já referido *Vocabulário indígena em uso na província do Ceará* (1887) e Thomaz Pompeu Sobrinho, com *Onomástica indígena cearense* (1964). Nessa categoria, encontramos, ainda, as seguintes dissertações de mestrado *O dialeto cearense* (1974), de Hamilton de Andrade, abrangendo aspectos fonéticos e morfossintáticos e *O léxico da cultura e industrialização do caju em Pacajus - CE* (1985), de Antônio Luciano Pontes, que organizou um glossário semasiológico com base em *corpus* oral coletado em pesquisa de campo.

A última categoria é Dicionário de termos populares. Monteiro (1995) expõe algumas importantes obras lexicográficas para o falar cearense, que são: *Vocabulário popular cearense* (1967), de Raimundo Girão em que há registros apenas de termos falados no Ceará; *Dicionário de termos populares* (1958), de Florival Seraine, que possui termos populares do Ceará, mesmo que existam em outros locais do Brasil; *Dicionário de termos e expressões populares* (1972), de Tomé Cabral, que conta com cerca de 15.000 verbetes, coletados durante quarenta anos de observações do autor; *Nomes e expressões populares da medicina no Ceará* (1985), de Eurípedes Chaves Jr. Há de se registrar, ainda, o *Dicionário do palavrão e termos afins* (1979) e o *Dicionário folclórico da cachaça* (1980 2ª ed), ambos de Souto Maior.

Além das seis categorias apresentadas, Monteiro (1995) apresenta dois projetos que, até a publicação do seu artigo, não tinham sido concluídos: o primeiro procura descrever a norma culta de Fortaleza, procurando contribuir com o Projeto Norma Linguística Urbana Culta – NURC, de José Rebouças Macambira e o Projeto Atlas Linguístico do Estado do Ceará – ALECE, que será exposto na seção deste capítulo “Geografia Linguística no Ceará”. Em sua conclusão, o autor reafirma que os estudos dialetais no Ceará já possuem uma longa tradição, mesmo que algumas

obras não possuem um rigor metodológico. O que ocorre, entretanto, é a parca divulgação de alguns trabalhos.

Tentando sanar também a pouca divulgação em trabalhos dialetais, Aragão (2002) lança o livro eletrônico *Bibliografia dialetal brasileira* o qual congrega em si os trabalhos em âmbito nacional lançados até o ano de 2002. Nele, dentre os muitos trabalhos dialetais relativos ao Ceará, está presente o artigo de Monteiro (1995) abordado acima, como também *Para um vocabulário semissistemático da cultura e da indústria da rede de dormir: um estudo dos movimentos sígnicos* – Ferreira (1997), *Vocabulário da construção civil da linguagem dos pedreiros de Limoeiro - CE* – Silva (1997).

Do ano de 2002 aos dias atuais, outros importantes trabalhos foram lançados em território cearense, como *Estudo da nasalidade na cidade de Fortaleza numa perspectiva perceptual e fonética* – Capistrano (2004); *As vogais médias pretônicas no falar de Fortaleza: uma abordagem variacionista* – Araújo (2007) e *Aspectos Sócio-Dialetais da Língua Falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /R/* - Alencar (2007).

## 2.2 Da Geografia Linguística

Como dito anteriormente, o nosso olhar sobre a Geografia Linguística é avistando-a como um ramo dos estudos dialetológicos. Conforme Aragão (2009, p. 72), “uma das bases da Geografia Linguística é o estudo das variações diatópicas, ou geográficas, no nível léxico. É nessas variações, como também nas fonéticas, onde se encontram as marcas delimitadoras dos falares regionais”.

A Geografia Linguística estuda fenômenos linguísticos representados cartograficamente em atlas linguísticos, distinguindo-se do método cartográfico, específico para produção desses. Corroboramos com Miazzi (1976, p. 61), ao

afirmar que Dialetologia e Geografia Linguística não se confundem, pois são “modalidades distintas do estudo dialetal, uma vez que têm ambas o mesmo objeto – estudo de falas populares – e diferem só pelo modo de apresentá-lo, cartograficamente ou em glossários”. Estes últimos, somados às monografias dialetais, são elaborados de acordo com a Dialetologia.

Seguindo a mesma linha, Iordan (1973, p. 212) afirma entender a Geografia Linguística pela “investigação por mapas das condições sob as quais se registram migrações de determinados fenômenos linguísticos, que se expandem horizontalmente”. O referido autor, ao compará-la com a Dialetologia afirma que

“não é, no entanto, difícil provar que entre a geografia linguística e a dialetologia existem estreitas relações, pois ambas têm como objetivo o estudo dos dialetos. Estas duas disciplinas diferem apenas quanto ao seu método (e nem neste ponto há uma diferença radical, pois também um dialectólogo no velho sentido da palavra se serve do inquérito direto *in loco*) e, sobretudo, quanto à maneira como apresentam o material linguístico (uma por meio de mapas, outra por meio de glossários e textos).” (IORDAN, 1973, p. 282)

A Geografia Linguística, que surgiu no século XIX, possuiu um grande desenvolvimento durante o século XX e atualmente desfruta de um grande caminho trilhado, haja vista os inúmeros atlas linguísticos – dos mais diversos locais, contemplando os mais variados níveis linguísticos – e algumas particularidades metodológicas. Cremos que, neste início do século XXI, permanecerá a contribuir para a continuação dos estudos dialetais de forma geral, tendo a consciência de que o repensar crítico de seu método e de suas dimensões como disciplina, bem como o diálogo com outras áreas, podem trazer benefícios diretos a ela.

Acreditamos que se faz necessário um breve relatar da trajetória da Geografia Linguística para que possamos entender melhor como esta se edificou, tomando forma a partir do seu próprio fazer teórico-metodológico através do tempo.

### 2.2.1 Do início e desenvolvimento da Geografia Linguística

O primeiro estudo tendo como base o método cartográfico foi o atlas<sup>7</sup> do alemão Wenker – lançado em 1881 – que teve um caráter indireto: não se aplicou o questionário – com 40 frases pequenas e 300 palavras, mais ou menos – da pesquisa *in loco*, mas, sim, por correspondências. Estas eram enviadas “a professores e outras pessoas cultas das regiões rurais que deveriam transcrever tais frases no seu respectivo dialecto” (IORDAN, 1973, p. 200). Após recolhidas todas as informações, o pesquisador as cartografou em mapas linguísticos: utilizando o mesmo modelo de mapa em todas as cartas, variando, apenas, as informações coletadas. Wenker foi o primeiro a ter a ideia de expor a extensão dos fenômenos linguísticos com a ajuda de cartas geográficas. O referido autor, curiosamente, era adepto das doutrinas neogramáticas e, com seu estudo, pretendia confirmar o determinismo das leis fonéticas que se pretendiam absolutas. Contudo, foi exatamente o contrário: mostrou-se, a partir de 6 cartas publicadas, que “cada palavra tem suas próprias fronteiras e, por isso mesmo também, sua própria história fonética” (MALMBERG, 1971, p. 83).

Não podemos esquecer do trabalho do também alemão Weigand que publicou, em 1909, 67 cartas fonéticas no seu Atlas Linguístico do território Dacorumeno.<sup>8</sup> Esse atlas, porém, teve uma evolução em sua metodologia em relação ao atlas de Wenker: foi utilizado um questionário sistematicamente elaborado. Foram realizados inquéritos diretos – o questionário foi aplicado por um pesquisador em todos os locais da rede de pontos. Porém, isso não representa uma inovação de Weigand, uma vez que o francês Gilliéron já o tinha utilizado em seu *Petit Atlas phonétique du Valais Roman*, publicado em 1881. O mesmo fez o também francês Rousselot com o *Modifications phonétiques du langage étudiées dans le patois d'une famille de Celfrouin* em 1891.

---

<sup>7</sup> *Sprachatlas Von Nord – und Mitteldeutschland, auf Grund von systematisch mit Hilfe der Volksschullehrer gesammelten Material aus circa 30 000 Orten, bearbeitet, entworfen und gezeichnet von Dr. G. Wenker.*

<sup>8</sup> *Linguistischer Atlas des dacorumänischen Sprachgebietes.*



Gilliéron e seu ajudante Edmont – um caixeiro-viajante francês – foram os grandes personagens da Geografia Linguística do início do século XX, pois produziram a obra que marcou os estudos nessa área: o Atlas Linguístico da França – ALF<sup>9</sup> (1902-1912), servindo de modelo para diversos outros atlas que o seguiram. Gilliéron teve três principais motivos para a elaboração do ALF, segundo Coseriu (1982, p. 72):

1) a necessidade de “salvar” para a ciência e para a posteridade pelo menos uma parte da riqueza e variedade histórica das falas locais, já muito ameaçadas pela rápida difusão da língua comum; 2) a necessidade de uma coleção de materiais de *todos* os dialetos, sem lacunas demasiadamente graves, que permitisse assentar em bases mais firmes o seu estudo comparativo; e 3) a necessidade de uma coleção de material, na medida do possível, *homogêneo*. (grifos do autor)

Diferentemente de Wenker e Weigand, Gilliéron interessou-se não apenas pela fonética, mas também pela morfologia, sintaxe e pelo léxico. Por conta disso, produziu um questionário contendo 1920 perguntas, misturando palavras eruditas com expressões populares. Segundo Jordan (1973, p. 204),

para os termos populares, lançou mão, de preferência, da terminologia que designa os seres vivos e os objetos de uso cotidiano. Assim o inquirido podia indicar a riqueza e a variedade do vocabulário dialetal, pois é natural que, entre dois objetos, o de emprego mais corrente tenha mais denominações. (p. 204)

A pesquisa teve caráter direto ou *in loco*, contemplando 1 informante por local, numa rede de pontos contendo 639 localidades (excetuando os grandes centros urbanos, como Paris) que abrangeram os dialetos galo-românicos, por conta disso, o único pesquisador de campo, Edmont, ultrapassou as fronteiras da França, se estendendo à Bélgica e à Suíça para alcançar seu objetivo.

Observando os atlas já publicados até o Atlas Linguístico da França, podemos perceber algumas características da pesquisa e do método que se

---

<sup>9</sup> *Atlas Linguistique de la France*.

encaixava melhor para a situação naquele momento: ao utilizar-se a pesquisa por correspondência e a *in loco* verificou-se que os resultados são mais claros e mais fidedignos se esta acontecer *in loco*.

Em relação à rede de pontos, verificamos que é significativa, pois os pesquisadores tendem a ter uma preocupação com os dialetos falados dentro e fora do país, ocorrendo, muitas vezes, a redução da rede para elaborar um atlas em tempo hábil, como o exemplo da França que, no início do século XX, possuía 37.000 localidades, mas foram contempladas para o ALF, apenas 639 pontos – incluídas, também, algumas localidades da Suíça e da Bélgica – onde Edmont passou ininterruptamente quase quatro anos e meio para finalizar os inquéritos.

Observamos, também, que houve uma evolução relativa ao questionário da pesquisa, já que o primeiro, feito por Wenker, consistia numa lista de perguntas com o objetivo de obter, foneticamente (por correspondência), os sons de determinado dialeto. Em seguida, Weigand organizou sistematicamente um questionário para seu atlas, assim como já o tinha feito Gilliéron e Rousselot em seus respectivos atlas de regiões da França. Fato este que foi reproduzido no ALF.

Em relação ao inquiridor, os produtores dos atlas, excetuando Wenker, ou participaram das entrevistas (Weigand – Atlas Linguístico Darco-Romeno) ou enviaram um único inquiridor (Edmont – Atlas Linguístico da França) para a coleta dos dados por confiarem que, assim, registrariam mais fidedignamente os dados, ressaltando que este último não era linguista.

Os informantes ideais dos primeiros atlas, em geral, eram pessoas nascidas na localidade, sem estudo – pois assim preservavam melhor o falar, pessoas da zona rural e com pouco poder aquisitivo, como agricultores, e do sexo masculino, sendo identificado como informante único, por ser o único representante

da localidade. A exceção foram os informantes de Wenker que eram letrados e, por correspondência, enviaram dados fonéticos sobre os falares locais.

Os dados coletados eram, inicialmente, de natureza fonética, uma vez que o autor do primeiro atlas – Wenker – foi um estudioso das leis fonéticas, seguido, também, por Weigand. Diferentemente destes, Gilliéron interessou-se, além da fonética, por morfologia, sintaxe e léxico, por uma preocupação de registrar as estruturas da língua falada antes de serem ameaçadas pelo progresso.

Em relação à organização do material dos atlas, optaram pela forma alfabética, semasiológica, como em um dicionário geral de língua.

Esses primeiros atlas são classificados como *monodimensionais*, por darem muita importância ao fator espacial, em detrimento de outras variáveis, como graus de escolaridade, diferentes idades e profissões. Esses dados, veremos, serão de suma importância para os atlas que surgirão em meados do século XX, os atlas *pluridimensionais*.

De acordo com Cardoso (2010, p. 68), “o começo da geolinguística está, assim, marcado pela busca da realidade nacional, entendida como a descrição linguística de área que, geográfica ou politicamente, se reveste de unidade”. Cardoso cita que os atlas podem ser divididos em quatro tipos de acordo com a extensão territorial: regional, nacional, continental e grupo linguístico<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Atualmente, encontramos atlas de pequenas cidades – *Pelos caminhos da geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular em Adrianópolis* (ALTINO, 2002); de grandes cidades – *Atlas linguístico do município de Ponta Porã - MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai* (REIS, 2006); de grupo de cidades – sem porém formar uma microrregião – *Atlas Linguístico da Região do Grande ABC Paulista* (CRISTIANINI, 2007); de microrregião – *Atlas Linguístico da Microrregião de Ubá* (ARAÚJO, em andamento); de mesorregião – *Atlas Linguístico da Mesoregião Sudeste Mato-Grossense* (CUBA, 2009).

Não obstante a esse fato, Cardoso (2010, p. 68) afirma que

a necessidade de aprofundar o conhecimento de uma dada região, proporcionado pelos atlas nacionais, motivou o aparecimento de atlas regionais que, como a própria denominação explícita, se destinam ao exame de áreas menores, buscando detalhar o conhecimento de regiões específicas, fazendo com que o que se deveria ter constituído na primeira geração de atlas linguísticos – a produção de atlas regionais –, viesse a aparecer num segundo momento e quando já circulavam os atlas nacionais.

Essa busca pela realidade nacional vai impulsionar o surgimento de atlas em outros países, tendo como base os princípios metodológicos do ALF, mesmo mudando uma ou algumas situações na metodologia como o entrevistador único e não-linguista. Veremos agora alguns outros importantes atlas, nacionais, regionais e transnacionais, que marcaram a história da Geografia Linguística.

O primeiro é o famoso Atlas Linguístico-etnográfico da Itália e da Suíça meridional – AIS<sup>11</sup> (1928-1950), dos suíços Jaberg e Jud. Esse atlas segue o princípio do informante único, porém com algumas inovações quanto ao seu perfil: eram sujeitos diversificados em relação ao estrato social – camponeses, pessoas com instrução secundária e intelectuais – numa faixa etária de 15 a 85 anos. O entrevistador único não é mantido. Por conta do tempo, optou-se por três inquiridores. Tampouco foi mantido um único questionário, foram três: o normal – para a maioria dos casos – com cerca de 2.000 perguntas, o reduzido – para o uso exclusivo nas grandes cidades – com 800 e o ampliado – explorando bem o elemento dialetal – com cerca de 4.000 perguntas, numa rede que abrange 405 pontos. Em relação ao material pesquisado, optou-se pelo léxico, uma vez que este atlas possui um caráter também etnográfico. As cartas contêm informações linguísticas, além de fotografias e desenhos dos objetos retratados na pesquisa, aproximando a Geografia Linguística ao método *palavras e coisas*. As cartas estão organizadas de forma onomasiológica, por campos semânticos.

---

<sup>11</sup> Sprach-und Sachatlas Italiens und der Südschweiz (1928-1950).

Um atlas bem semelhante ao AIS foi o Atlas Linguístico-etnográfico italiano da Córsega – ALEIC<sup>12</sup> (1935-1942), do italiano Bottiglioni. Este foi quem elaborou todo o atlas, desde o projeto, passando pelo questionário, pela pesquisa de campo e pela feitura dos mapas. O questionário com 1950 frases foi aplicado a um informante por local, numa rede de pontos com 55 localidades. Esse atlas preocupava-se com a cultura e com o folclore, por isso seu caráter etnográfico. Os informantes selecionados tinham um perfil diferente dos de outros atlas, pois não eram analfabetos: eram pessoas de nível médio.

Alguns atlas linguísticos que estavam sendo organizados na Europa tiveram que adiar suas publicações por conta de guerras, por exemplo, a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). É o caso do Atlas Linguístico Italiano, do Atlas Linguístico da Catalunha, do Atlas Linguístico Romeno e do Atlas Linguístico da Península Ibérica.

O primeiro destes, o Atlas Linguístico Italiano - ALI<sup>13</sup> (1995-2008), teve seus trabalhos iniciados em 1925, sob a direção de Bartoli, porém as pesquisas foram interrompidas por 16 anos, por conta da Segunda Guerra Mundial. As pesquisas foram retomadas em 1952 e a coleta de dados foi concluída em 1965, sob a direção de Terracini. Com a morte deste, o trabalho sofreu novo baque. Apenas na década de 1980 do século XX, retomaram-se os estudos e, em 1995, foi lançado o primeiro volume do ALI. Como passos metodológicos, temos o inquiridor único, o questionário elaborado por campos semânticos – a saber: o indivíduo, a família, a sociedade, a natureza, a agricultura. A rede de pontos foi constituída inicialmente por 730 localidades, depois foi ampliada para 1000. Foram elaboradas cartas onomasiológicas. Os sete primeiros volumes foram publicados entre os anos de 1995 e 2008<sup>14</sup>, nos quais se pode observar o cunho etnográfico da pesquisa, através de fotografias da cultura das diversas localidades prestigiadas pelo trabalho.

---

<sup>12</sup> Atlante linguistico etnográfico italiano della Corsica (1935-1942).

<sup>13</sup> Atlante linguistico italiano

<sup>14</sup> Vide: <http://www.atlantelinguistico.it/atlante/Introduzione.html>, acesso em 15/03/2011

Outro atlas que também foi paralisado por conta da guerra foi o Atlas Linguístico da Catalunha - ALC<sup>15</sup>, de Grier. As pesquisas foram realizadas entre os anos de 1912 e 1921. Grier foi o organizador, inquiridor e redator do atlas. A rede de pontos é constituída por 250 localidades, a elas foi aplicado um questionário e deu-se a preferência a informantes “inteligentes”. Até 1923 já tinham sido publicados cinco volumes com 858 cartas, porém a Espanha entrou em Guerra Civil, impossibilitando o andamento das publicações. Pior: uma parte considerável do material coletado foi perdida. A pesquisa retornou em 1962, ainda com Grier. Foram publicadas 3500 cartas linguísticas de forma semasiológica.

Já o Atlas Linguístico Romeno – ALR<sup>16</sup> – teve a direção de Puscariu e a redação e pesquisa de Sever Pop e Petrovici. A coleta do material foi realizada entre os anos de 1930 a 1937. A rede de pontos consiste em 390 localidades, onde foram aplicados dois diferentes questionários. O primeiro, intitulado de normal, foi utilizado em 301 localidades, com 2200 palavras referentes a “conceitos básicos e características de linguagem”. O segundo questionário, o desenvolvido, foi aplicado a 90 localidades e buscava representar toda a vida do camponês romeno com 4800 perguntas explorando a etnografia e o folclore. Os trabalhos no ALR foram suspensos por conta da Segunda Guerra, mas foram retomados em 1956. Nesse período, além do ALR, foi produzida, de acordo com Jordan (1973, p. 343),

uma coletânea de textos dialetais que tinham sido recolhidos simultaneamente com um inquérito e um pequeno atlas linguístico a cores adicional (Micro Atlas Linguístico Romeno)<sup>17</sup>, que corresponde ao atlas grande do ponto de vista do conteúdo (também dividido segundo campos de atividade).

Outro atlas que sofreu com a Guerra Civil foi o Atlas Linguístico da Península Ibérica – ALPI. A pesquisa iniciou-se em 1925, porém foi interrompida de 1936 a 1947, quando foi retomada e concluída no ano de 1956. O questionário é considerado pequeno se comparado ao de sua época, pois contém apenas 1320

---

<sup>15</sup> Atlas Lingüístic Catalunya

<sup>16</sup> Atlasul Linguistic Român

<sup>17</sup> Micul Atlas Linguistic Romîn (serie nouă)

perguntas ligadas à fonética e ao léxico. A rede de pontos do atlas se constitui em 529 localidades. A organização das cartas dá-se de duas formas: semasiológica para aspectos fonéticos e onomasiológica para a parte lexicográfica. O primeiro e único volume do atlas possui 75 cartas.

Nesse período, podemos perceber que a Geografia Linguística sofreu modificações e aproximou-se da Etnografia e do Folclore, como atestamos no Atlas Ítalo-Suíço, no Atlas Linguístico-Etnográfico da Córsega, no Atlas Linguístico Romeno e no Atlas Linguístico Italiano.

Quanto às inovações no método, vemos que os questionários são bem diversificados, diferentemente dos primeiros atlas. Em alguns foram utilizados mais de um questionário, dependendo da localidade e da necessidade de se contemplar ou não um fenômeno linguístico. Como exemplo, temos o AIS e o ALR.

A rede de pontos ficou mais extensa, haja vista o número de localidades desses atlas. Por conta disso, em alguns, houve mais de um inquiridor, numa tentativa de não haver tanta demora na coleta dos dados, como, por exemplo, no AIS e no ALR. Já em outros, o trabalho foi concentrado nas mãos de um único pesquisador – elaboração do projeto, do questionário, inquirição, elaboração das cartas – como no ALEIC, no ALC e no ALI. Os inquiridores eram pessoas que, geralmente, possuíam uma formação linguística.

O perfil dos informantes é, também, um pouco diferente do dos primeiros atlas, já que foram incorporados informantes, além de analfabetos, com grau médio, formação secundária e superior, estes últimos em menor número. Não encontramos, todavia, dados sobre informantes de alguns atlas, como ALPI e ALI.

A organização das cartas dos atlas citados dá-se comumente de forma onomasiológica, excetuando-se o atlas da Catalunha, organizado alfabeticamente. O ALPI mescla sua organização: ora onomasiológica, ora semasiológica.

Nesse período, aconteceram duas guerras que afetaram diretamente o andamento das pesquisas, acarretando na paralisação dos trabalhos e também na perda de dados do ALC.

Muitos atlas linguísticos, por terem sofrido condições adversas como as guerras ou até mesmo pelo seu próprio fazer metodológico que demanda muito tempo, foram publicados tardiamente, comparando-se o início do projeto à fase de impressão das cartas. De muitos atlas foram publicados apenas um ou alguns tomos, já outros não concretizaram seus projetos, ficando apenas no “silêncio”. Esse fato chama a atenção de Radtke e Thun (1991) que veem nisso e em outras questões que mais à frente discorreremos, a possibilidade de fatores como esse terem encadeado uma possível crise na Geografia Linguística.

Os atlas supracitados são considerados atlas de primeira geração, pois, de acordo com a tipologia de atlas linguísticos de Cardoso (2010, p. 78),

expõem cartograficamente os resultados, acrescentando ou não notas e ilustrações que complementam as informações (...). É o procedimento que se observa na grande maioria dos atlas em circulação. Os dados apresentam-se, quase sempre, sob a forma de cartas onomasiológicas, fornecendo-se para cada conceito selecionado o conjunto de formas que o identificam, distribuídas diatopicamente. (CARDOSO, 2010, p. 78)

Muitos outros atlas linguísticos foram produzidos em território europeu com características já vistas anteriormente e/ou com inovações no método, porém há de se destacar dois atlas que ultrapassaram as fronteiras de um país. O primeiro é o Atlas Linguarum Europae (ALE) e se configura no primeiro e único – até o presente momento – atlas continental; o segundo é o Atlas Linguistique Roman



(ALiR) – atlas de família de línguas. Esses dois atlas são considerados, de acordo com a tipologia de atlas proposta por Cardoso (2010), de segunda geração, pois “ao mesmo tempo em que fornecem os dados espacialmente distribuídos, detêm-se na análise de fenômenos registrados” (CARDOSO, 2010, p. 78), com cartas interpretativas e motivacionais<sup>18</sup>.

O Atlas Linguarum Europae (ALE) é um atlas lexical, porém podem-se observar certos fenômenos fonéticos e morfológicos. A rede de pontos se estende por 2.631 localidades europeias, onde foi aplicado um questionário de cerca de 550 perguntas. O ALE foi iniciado oficialmente em 1970 e já conta com a publicação de seis fascículos até o presente momento (1975-2002). Cada fascículo conta com dois volumes: o primeiro apresenta as cartas e o segundo, os comentários das cartas. Estas podem ser onomasiológicas, semasiológicas e motivacionais, sendo estas últimas a principal inovação deste atlas.

Já o Atlas Linguistique Roman (ALiR) contempla os aspectos fonético-fonológicos, lexicais e morfo-sintáticos de todos os dialetos da Europa românica. A rede de pontos é constituída de 1.037 localidades e o questionário é assim descrito: questionários lexical (592 palavras), fonética história (284 itens) e morfossintáticos (41 entradas). O ALiR teve início em 1987 e seu primeiro volume data de 1996. Cada volume possui dois fascículos, um dedicado às cartas e o segundo aos comentários. O ALiR possui cartas interpretativas.

Aos atlas linguísticos que possuem características de primeira e de segunda gerações, somam-se os atlas de terceira geração que apresentam, além dos dados diatópicos e interpretativos, “a própria audição do corpus da língua trabalhada, apresentando o que os franceses denominam de *atlas parlants*, ‘atlas falantes’, que combinam cartas linguísticas com possibilidades de audição dos fatos

---

<sup>18</sup> Almeida (2008, p. 76), afirma que as cartas interpretativas “são geradas a partir da união de várias formas numa única representação”. Já a finalidade das cartas motivacionais é “agrupar as palavras por sua motivação, separá-las de acordo com o sentido de suas formas anteriores” (ALMEIDA, 2008, p. 73)

considerados.” (CARDOSO, 2009, p. 191), caso do *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* – *ALiSPA*, que abordaremos mais a frente.

### 2.2.2 Da Geografia Linguística na América

Muitos atlas linguísticos foram produzidos em território americano e alguns projetos estão em vias de elaboração ou publicação. Para a realização desses projetos, alguns colaboradores de atlas linguísticos europeus vieram treinar técnicas de pesquisa utilizadas no Velho Mundo com êxito, caso de Jakob Jud, diretor do AIS, que foi aos Estados Unidos auxiliar pesquisadores do *Atlas Linguístico dos Estados Unidos e Canadá*, elaborado por regiões, dentre elas tendo destaque o *Atlas Linguístico da Nova Inglaterra - LANE*<sup>19</sup>, publicado entre os anos de 1939 e 1943. Outro importante pesquisador engajado no desenvolvimento de uma consciência dialetológica foi Sever Pop que, em 1950, ministrou no Brasil conferências sobre Dialetologia.

A Geografia Linguística na América é diferente da praticada na Europa, pois, de acordo com Mouton (1992), precisamente a empreendida em países de colonização espanhola, tende a parecer com a da Espanha, porém recebendo outras influências nas concepções teóricas ou nas formas de investigação. Posteriormente, Mouton (1992, p. 699-700) afirma que

se na Europa suas tarefas [da geografia linguística] se centravam em territórios relativamente conhecidos do ponto de vista linguístico e, em alguns domínios, quase se podia afirmar que sua missão era a de fixar limites, a vitalidade e a importância do que já se conhecia ou se havia detectado, na América a situação era bem diferente. (MOUTON, 1992, p. 699-700)<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Linguistic Atlas of New England

<sup>20</sup> “Se em Europa sus tareas se centraban em territorios relativamente bien conocidos desde el punto de vista lingüístico, y, em algunos dominios, casi se podia afirmar que su misión era la de fijar unos limites, la vitalidad y la importancia de lo que ya se conocía o se había detectado, para América la situación era bien distinta”

Ainda de acordo com Mouton (1992), a língua espanhola no território americano abrangia uma região geográfica bem maior que na Espanha e, além disso, era mais recente. A autora descreve, também, que existia uma discrepância grande, pois havia zonas muito estudadas e outras sem nenhum tipo de estudo linguístico.

Nesta seção, nos deteremos apenas nos atlas que foram pioneiros e/ou trouxeram contribuições significativas para a Geografia Linguística em território americano.

O primeiro deles é o *Atlas Linguístico da Nova Inglaterra (LANE)* de autoria de Hans Kurath que produziu o *Atlas Linguístico dos Estados Unidos e Canadá*<sup>21</sup> por regiões. O *LANE* foi constituído pela coleta de dados em 6 estados americanos e 1 canadense, esses formavam um conjunto de colônias, fundadas no século XVII, intituladas de Nova Inglaterra. A importância desse atlas reside no fato de ele ser o primeiro atlas a agregar critérios sociais e geográficos para a seleção dos informantes, distribuindo-os em duas faixas etárias – a primeira constituída em meia-idade e mais jovens, a segunda era formada por idosos, geralmente com mais de 70 anos – e em três níveis de instrução, a saber: sujeitos com escassa educação formal e contato social, sujeitos com mediana educação formal e com maior contato social e, por fim, sujeitos com educação superior e com grande contato social. O *LANE* é constituído por 734 cartas linguísticas.

Em alguns países da América<sup>22</sup>, a realização de um atlas linguístico unificado nacional foi posta de lado, levando os pesquisadores a promoverem atlas nacionais por região, como o Chile com o *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Chile (ALESUCh)*. Muitos projetos foram iniciados no país, porém apenas o *ALESUCh* produziu resultados. O início do projeto deu-se em 1964 com inquéritos preliminares e nos anos de 1968 e 1969 foram realizadas as pesquisas definitivas,

---

<sup>21</sup> Linguistic Atlas of the United States and Canada.

<sup>22</sup> Estados Unidos e Brasil, por exemplo.

numa rede recobrando 59 pontos. Foi utilizado um questionário com ênfase no léxico, na fonética e na gramática com um total de 1607 perguntas. Em cada localidade, foi entrevistado mais de um informante. Esse atlas foi projetado para ser impresso em 5 volumes, porém apenas ocorreu a publicação do volume I, em 1973.

Na Colômbia, foi produzido o *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Colômbia (ALEC)*. Esse foi o primeiro atlas nacional publicado em território latino-americano. Teve o início de seus inquéritos em 1958, sendo finalizados em 1976. A rede de pontos foi constituída de 202 localidades, nas quais foi aplicado um questionário com 1500 perguntas, percorrendo aspectos léxicos, gramáticos, fonéticos e onomásticos. Foram entrevistados 2234 informantes - 1480 homens e 754 mulheres – com as seguintes faixas etárias: menos de 30 anos, entre 30 e 60 anos e mais de 60 anos, sendo todos iletrados ou com instrução primária. Foram publicados 6 volumes com 1500 cartas linguísticas e ainda um livro com introdução, glossário e um suplemento aos mapas.

Já o *Atlas Lingüístico do México (ALM)* teve sua equipe formada por membros do corpo docente e discente do Colégio do México, sendo treinados por Manuel Alvar<sup>23</sup>. Os inquéritos, de fato, duraram de 1970 a 1979, porém desde 1967 os pesquisadores iam a campo realizar entrevistas experimentais. O questionário possui 1000 perguntas e foi aplicado a uma rede de pontos formada por 193 localidades e, em cada uma, foram entrevistados, no mínimo, 7 informantes distribuídos em 4 níveis culturais, esse é um dos pontos de destaque do ALM. Foi publicado o primeiro volume dedicado à fonética em 1990, nele a organização das cartas dá-se na ordem alfabética.

O *Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU)*, comandado por Elizaincín e Thun, é o atlas mais sociolinguístico do continente

---

<sup>23</sup> Manuel Alvar é dialetólogo e autor dos seguintes atlas: Atlas Lingüístico e Etnográfico de Andaluzia (1961-1973), Atlas Lingüístico e Etnográfico das Ilhas Canárias (1975-1978), dentre outros, e foi colaborador do Atlas Linguarum Europae.

sulamericano (ALMEIDA, 2008), pois além de informações diatópicas são acrescentados parâmetros sociolinguísticos. O atlas publicado em dois volumes, em 2000, é considerado pluridimensional, pois contempla oito níveis, a saber: dialingual, diatópico, diatópico-cinético, diastrático, diageracional, diassexual, diafásico e diarreferencial<sup>24</sup>. Essa pluralidade de dimensões é, segundo Thun (2002:170), “capaz de fornecer as sínteses das situações linguísticas tais como elas se apresentam nas sociedades complexas e móveis atuais”. A metodologia do ADDU é a seguinte: foram aplicados 2 questionários idênticos, porém 1 para as zonas hispanófonas (75 pontos, com a equipe de inquiridores formada por 1 uruguaio ou argentino e 1 alemão) e outro para as zonas lusófonas (34 pontos, com a equipe formada por 1 brasileiro e 1 alemão). A rede de pontos possui 109 localidades. As cartas foram elaboradas com símbolos, comentários breves e esquemas gráficos.

O *Atlas Linguístico Guaraní-Românico (ALGR)* possui grande importância para a Geografia Linguística da América do Sul, pois é o primeiro que contempla uma língua indígena. Ele configura-se num atlas de línguas de contato na denominada Zona Guaranítica, onde há o contato entre o guarani e o castelhano e entre o guarani e o português, abrangendo Paraguai, Argentina e Brasil. Os inquéritos foram iniciados em 1992, numa rede de pontos contendo 105 localidades, sendo assim distribuídas: 49 no Paraguai, 35 na Argentina e 21 no Brasil. Nas localidades foi aplicado um questionário dividido em duas partes: uma linguística com 400 questões distribuídas em aspectos fonéticos, fonológicos e lexicais; e outra envolvendo estatística e sociolinguística com 75 perguntas. Em 2002, foram publicados dois volumes do ALGR, um com comentários e outro com as cartas sobre sociologia.

---

<sup>24</sup> De acordo com Almeida (2008, p. 48), “dialingual (espanhol/português); diatópica (topoestática); diatópico-cinética (topoestática – que contempla os informantes com residência relativamente estável no lugar de pesquisa /topodinâmica- referente a grupos móveis); diastrática (classe superior/classe inferior); diageracional (geração II/geração I); diassexual (mulheres/homens); diafásica (respostas ao questionário/leitura de uma versão ligeiramente modificada da parábola do filho pródigo/conversação livre) e diarreferencial (língua “objeto” – utilização da língua referida em entidades não linguísticas/metalingua – utilização metalinguística).”

O *Atlas Lingüístico de Hispanoamérica - ALHA* nasceu do desejo de Manuel Alvar de elaborar um atlas lingüístico de toda a América espanhola. Data de 1980, porém apenas em 1984 foi dado início ao projeto. Foi elaborado um questionário de 1415 perguntas, dentre elas 394 fonéticas, 263 morfossintáticas e 758 lexicais. Inicialmente, os informantes pretendidos para a pesquisa eram 2 em cada ponto, um com instrução escolar e outro sem instrução, porém em alguns locais, por conta de adversidades como guerras, houve a ocorrência do informante único. Alguns volumes do ALHA já foram lançados, são eles: *El español en la República Dominicana*, *El Español en Venezuela* e *El Espanõl en le Sur de Estados Unidos. Estúdios, mapas, textos*. Outros atlas previstos para lançamento são de países como Uruguai, Argentina, Paraguai, México e Chile.

Abaixo veremos um panorama da Geografia Lingüística no Brasil, os atlas lingüísticos já publicados em território nacional e o Projeto Atlas Lingüístico do Brasil.

### 2.2.3 Da Geografia Lingüística no Brasil

Como dito anteriormente, a Geografia Lingüística começou a ser desenvolvida no Brasil através de atlas regionais, uma vez que o desejo de se produzir um atlas nacional foi inviabilizado por questões de natureza estrutural. Nesta seção, discorreremos sobre os produtos da Geografia Lingüística no Brasil: os atlas regionais publicados e o projeto Atlas Lingüístico do Brasil, que se configura num divisor de águas para Geografia Lingüística nacional.

O primeiro atlas regional foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, de Nelson Rossi, em coautoria com Dinah Isensee e Carlota Ferreira, lançado em 1963. A pesquisa foi realizada *in loco*, numa rede de pontos formada por 50 localidades, onde foi aplicado um questionário com 179 perguntas. De acordo com Brandão (1991, p. 55), “utilizaram-se dois informantes por localidade, não tendo

havido, no entanto, preocupação de que fossem, obrigatoriamente, de sexos diferentes ou de que se enquadrassem em determinada faixa etária”. O atlas possui 198 cartas linguísticas e 11 introdutórias, totalizando 209 cartas.

O segundo atlas linguístico regional foi o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) de José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio, que em 1977 teve publicado o primeiro volume, os outros volumes estão em preparação. A sua metodologia é composta tanto por inquérito *in loco*, 116 pontos, como por correspondência, 302 localidades, estas para comprovar isoléxicas da pesquisa direta. O perfil do informante era ter de 30 a 50 anos e com “profissão variável, pois variável era o questionário, pessoa de contatos, desinibida, capaz de representar o falar local” (RIBEIRO, ZÁGARI, PASSINI e GAIO, 1977, p. 28). Os autores colocam, ainda, que as entrevistas, sempre que possível, eram realizadas numa conversa com muitos informantes ao mesmo tempo, sendo um deles o mais importante e os demais secundários, validando ou não o que o principal respondia. As cartas são em sua totalidade 73.

O *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB), de Maria do Socorro Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes, lançado em 1984, configura-se no terceiro atlas linguístico regional. Seu percurso metodológico consiste em: pesquisa *in loco* em 100 localidades, onde foram inquiridos, por localidade, de 3 a 10 sujeitos, de acordo com o seguinte perfil: “homem ou mulher, casado ou solteiro, de faixa etária entre 30 a 75 anos, nível de instrução variando entre o analfabeto e primário completo, num total de 107 informantes” (ARAGÃO e MENEZES, 1984, p. 6). O questionário da pesquisa foi dividido em duas partes: “a geral, com 289 questões, abarcou sete campos semânticos; a específica, com 588 questões abordou o léxico relativo aos cinco principais produtos agrícolas da Paraíba: mandioca, cana-de-açúcar, agave, algodão e abacaxi” (BRANDÃO, 1991, p. 62).

O *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS) é o quarto atlas publicado no Brasil, em 1987, por Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana

Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi. A pesquisa foi realizada *in loco*. A rede de pontos do ALS constitui-se de 15 localidades, onde foi aplicado um questionário de 700 perguntas. Para cada ponto, foram escolhidos 2 informantes: um do sexo masculino e outro do feminino, na idade de 35 a 50 anos.

O quinto atlas lançado no Brasil é intitulado *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), de Vanderci Aguilera, em 1994. Esse atlas foi lançado em 2 volumes, sendo o primeiro composto pela metodologia e por um glossário das formas cartografadas e o segundo volume apresenta o atlas propriamente dito. O ALPR configurou-se num trabalho de pesquisa direta, contemplando 65 pontos e, para cada localidade, foi escolhido um informante de cada sexo, numa faixa etária de 30 a 60 anos. As cartas são em número de 203, no âmbito fonético e lexical.

Já situado na quarta fase da Dialetologia no Brasil, o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), em 2002, de Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Vilson Altenhofen é o sexto atlas lançado em território nacional. Esse atlas contempla os três estados da região sul do país: Paraná (PR), Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS). Foram lançados dois volumes: o primeiro contendo introdução e metodologia e o segundo, o atlas propriamente dito. A rede de pontos dessa pesquisa é dividida em duas partes: 275 pontos para a zona rural – 100 pontos no PR, 80 no RS e 75 em SC – e 19 pontos para a zona urbana – 6 no PR, 6 em SC e 7 no RS.

O sétimo é o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALISPA) lançado em 2004, em CD-ROM, é o primeiro atlas de terceira geração do Brasil, pois fornece a audição das respostas dos informantes. A pesquisa foi de natureza direta em 10 localidades, com um questionário fonético-fonológico de 159 perguntas. Para cada ponto, foram entrevistados 4 informantes, de acordo com o sexo – 2 homens e 2 mulheres –, a faixa-etária – a primeira de 18 a 30 anos e a segunda de 40 a 70 anos – e a escolaridade – até o ensino fundamental completo.



Lançado em 2005, o oitavo atlas regional é o *Atlas Linguístico de Sergipe II*, de Suzana Cardoso. A pesquisa foi constituída através da pesquisa direta, presente em 15 localidades, onde foi aplicado um questionário semântico-lexical de 700 questões. Foram entrevistados 2 informantes por localidade, sendo um homem e uma mulher, na faixa etária de 25 a 65 anos, preferência a informantes analfabetos e semianalfabetos.

O nono atlas é o *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS*, em 2008, sob a coordenação de Decir Pedro de Oliveira. A metodologia da pesquisa foi *in loco*, numa rede de pontos constituída de 32 localidades, sendo aplicado um questionário de 557 perguntas a 128 sujeitos distribuídos no seguinte perfil: 4 informantes por ponto, sendo 2 homens e 2 mulheres, com escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental. As cartas são em número de 207, dispostas da seguinte maneira: 47 fonéticas, 153 semântico-lexicais e 7 morfossintáticas.

O décimo atlas regional publicado no Brasil é o *Atlas linguístico do Estado do Ceará - ALECE*, em 2010, sob a coordenação de Rogério Bessa, que discorreremos na seção “Da Geografia Linguística no Ceará”.

### 2.2.3.1 Do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) representa um amadurecimento da Geografia Linguística no Brasil e, dada a sua importância, inicia a quarta fase dos estudos dialetais nacionais. É formado por uma parceria entre as universidades brasileiras<sup>25</sup> e tem como principais membros os autores de atlas regionais brasileiros publicados ou em andamento. Os principais objetivos desse projeto são:

---

<sup>25</sup> Dentre as quais podemos citar as seguintes universidades: Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual do Ceará, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Universidade Estadual de Londrina, Universidade Federal do Pará.

- Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação de diferenças diatópicas, diastráticas e diageracionais (fônicas, inclusive prosódicas, morfossintáticas, léxico-semânticas), consideradas na perspectiva da geolinguística pluridimensional.
- Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicógrafos, etimólogos, filólogos e das demais áreas dos estudos linguísticos), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o 1º e 2º graus, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil. (PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL, 1996)

O ALiB pretende, ainda, estabelecer isoglossas e, com isso, traçar a divisão dialetal do Brasil; registrar os processos de mudança linguística; estudar as repercussões de fenômenos fonéticos localizados no ensino-aprendizagem da língua portuguesa; examinar os dados coletados numa interface com áreas afins com a finalidade de teorizar sobre a implantação e o desenvolvimento da língua materna; contribuir para o entendimento da língua portuguesa no país como possuidora de muitas normas de uso, mas com uma unidade sistêmica.

A metodologia do ALiB é a seguinte: a rede de pontos é formada por 250 localidades espalhadas pelo Brasil, o número de pontos por estado varia, dependendo da extensão territorial e da importância histórica e cultural. De acordo com o perfil dos informantes, são entrevistados 4 sujeitos por localidade – nas capitais dos estados são 8 sujeitos – de acordo com o sexo (2 homens e 2 mulheres), com a faixa etária (1 casal com idade entre 18 e 30 anos e outro casal com idade de 45 a 60 anos) e com a escolaridade (ensino fundamental e ensino superior). O questionário prestigia aspectos fonético-fonológicos – 159 perguntas, acrescidas de 11 questões de prosódia –, semântico-lexicais – 202 perguntas – e morfossintáticos – 49 questões, além desses, possui questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e texto para leitura – a parábola dos sete vimes.

#### 2.2.4 Da Geografia Linguística no Ceará

No Ceará, temos obras em Geografia Linguística muito significativas para o falar do nosso Estado. As duas primeiras são de Florival Seraine – *Dois mapas linguísticos do Ceará* (1949) e *Introdução ao Atlas linguístico e Folclórico do Cariri* (1972); o *Atlas linguístico do Estado do Ceará – ALECE* (2010) e o *Atlas Linguístico Léxico-Semântico de Iguatu – ALIg* (2009).

O primeiro citado, *Dois mapas linguísticos do Ceará* (1949), foi publicado nos anais do X Congresso Brasileiro de Geografia e tinha como objetivo “traçar isoglossas de determinadas ocorrências léxicas e gramaticais” (SERAINE, 1972). Já a *Introdução ao Atlas linguístico e folclórico do Cariri*, de autoria de Seraine, foi lançada em 1972 na Revista do Instituto do Ceará. Nesse artigo, o autor afirma a necessidade de um atlas da referida região, situa e caracteriza a região do Cariri nos seus aspectos históricos, geográficos, culturais e econômicos. A metodologia da pesquisa consiste em: pesquisa *in loco* em todas as cidades que compõem o Cariri – 20 municípios até 1972 (atualmente, possui apenas oito). A base da pesquisa é diatópica e diastrática, sendo o critério etário também uma possibilidade. O autor comenta a intenção de todos os inquéritos serem gravados em fita magnética. Foram feitos alguns inquéritos experimentais com três informantes entre 30 e 40 anos: um com instrução regular, o segundo era semi-culto e o terceiro, analfabeto. Seraine comenta que o conhecimento prévio da realidade linguística do Cariri, junto com os inquéritos experimentais possibilitaram a preparação de um questionário que daria ênfase à fonética e à sintaxe, não esquecendo da morfologia.

Passados trinta e oito anos da elaboração do referido artigo de Seraine, foi publicado o *Atlas linguístico do Estado do Ceará – ALECE* (BESSA, 2010). Os trabalhos foram iniciados em 1978. De acordo com Bessa (2010, p. 65), os objetivos gerais do ALECE são:

1. Apurar a realidade linguística do Estado do Ceará, para fornecer dados que possibilitem uma descrição dos traços fonológicos, gramaticais e lexicais da Língua Portuguesa;
2. Oferecer elementos para um planejamento do ensino da língua em bases realistas e científicas. (BESSA, 2010, p.65)

A pesquisa de campo é direta, numa rede de pontos constituída por 70 localidades, onde foi aplicado um questionário pré-estabelecido de 306 itens para o seguinte perfil de informante: 4 sujeitos por localidade, 2 homens e 2 mulheres, sendo um par analfabeto e um par alfabetizado com curso de 1º grau completo.

Já o *Atlas Linguístico Léxico-Semântico de Iguatu (ALlg)* é resultado da dissertação de mestrado de Fabiana Lima, em 2009. Os objetivos do ALlg são:

documentar o falar iguatense, analisar as variações lexicais na linguagem, tanto na sua zona rural quanto na urbana, a fim de demonstrar cientificamente as peculiaridades que o senso comum atesta, mas não possui embasamento teórico para se pronunciar seguramente. (LIMA, 2009, p. 13)

A pesquisa tem caráter *in loco* e, segundo Lima (2009), o Projeto ALiB serviu como base para a escolha da rede de pontos e para o perfil dos informantes, bem como para o questionário utilizado. Foram escolhidos seis pontos – dois na zona rural e quatro na zona urbana – e em cada um desses foram entrevistados quatro informantes no seguinte perfil: dois sujeitos do sexo masculino e dois do sexo feminino, em duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 45 a 60 anos, todos com ensino fundamental. Foram elaboradas 53 cartas léxico-semânticas.

### **2.3 Da suposta crise na Geografia Linguística**

No final da década de 1960, já afirmava Alvar (1969, p. 17) que “a Dialetoлогия havia permanecido estacionada em umas abordagens tradicionais que a impediam de sair dos limites que havia marcado para si mesma”. De fato, nos

últimos anos, tem-se falado em uma suposta crise na Geografia Linguística na qual esta, ao tomar uma postura exclusivamente tradicional e não se integrar às mudanças do mundo atual, se torna uma disciplina obsoleta.

Radtke e Thun (1991) também citam uma possível crise organizativo-estrutural quando afirmam que

em vários lugares da Romania existem cemitérios de dados e projetos geolinguísticos que têm sido enterrados com o devido silêncio. Alguns desses grandes projetos não nos têm deixado nenhum tomo de mapas, outros somente um. Muitos sequer sobrevivem à sua apresentação, outros necessitam de uma quantidade de tempo preocupante para culminar a obra. Aqui existe um verdadeiro problema coletivo que não deve calar-se, mas sim ser discutido abertamente. (RADTKE E THUN, 1991, p. 26)

Os referidos autores falam de outra suposta “crise” que é a da informação, na qual ao assumir uma atitude de encerrar-se em si mesma, permite uma diminuição do interesse da própria Linguística pela Geografia Linguística. Essa falta de interesse, muitas vezes, leva os profissionais da Linguística a seguirem outras direções e modismos dessa área e a não “quererem saber” da Geografia Linguística.

Não podemos esquecer, entretanto, de um outro posicionamento dentro dessa disciplina que procura buscar inovações, técnicas e concepções teóricas que a coloquem como uma disciplina fortalecida pelas contribuições de outras e, ao mesmo tempo, consistente o suficiente para contribuir para o engrandecimento de outras áreas.

Pensamos ser esta a alternativa mais coerente de se trabalhar com a Geografia Linguística atualmente: fazendo interface com outras disciplinas afins. Assim, ela se redimensiona e se enriquece com as contribuições das diversas

disciplinas próximas a ela. Neste trabalho, estreitaremos as relações com a Lexicografia e a multimodalidade.

## **2.4 Da Lexicografia**

Dentre as disciplinas que tradicionalmente estudam o léxico, temos a Lexicologia, a Terminologia e a Lexicografia. Em relação à lexicologia, Pontes (2009, p. 18) disserta que é “a disciplina responsável pelo estudo das palavras de uma língua, em discursos individuais e coletivos”. De acordo com Biderman (2001, p. 16), “tem como objetivos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”. A referida autora pondera que a Lexicologia possui fronteiras com a semântica, a morfologia lexical, a Dialetoлогия e a Etnolinguística. Já a Terminologia, possui o termo técnico-científico como objeto principal dessa disciplina, porém também fazem parte do seu campo de estudo a fraseologia especializada e a definição terminológica (KRIEGER E FINATTO, 2004).

A Lexicografia preocupa-se com o estudo do léxico e é, segundo Hernández (1989, p. 08), “uma disciplina do ramo da Linguística Aplicada que se ocupa das questões teóricas e práticas concernentes à elaboração de dicionários”. A Lexicografia possui duas grandes divisões: uma parte teórica e outra prática. A primeira, também conhecida como metalexigrafia, abrange questões acerca de estudos de problemas ligados à elaboração de dicionários, à crítica de dicionários, à pesquisa da história da Lexicografia, à pesquisa de uso de dicionários e ainda à tipologia (WELKER, 2004). Já a segunda diz respeito à elaboração de dicionários.

Dependendo do foco que dá ao seu objeto de estudo, a Lexicografia possui ramos de atuação. Para a prática ou estudo de dicionários voltados ao ensino de língua materna ou estrangeira temos a Lexicografia Pedagógica; para a elaboração de dicionários eletrônicos, a Lexicografia Computacional; para o estudo de crenças, dificuldades e estratégias sobre o uso do dicionário, a Lexicografia

Aplicada (Pontes, 2009); para o estudo dos regionalismos léxicos, a Lexicografia Regional. É sobre esta última que nos deteremos neste trabalho, abordando o dicionário de regionalismos e o dicionário geral de língua e a interface que a Lexicografia Regional possui em relação à Geografia Linguística.

#### 2.4.1 Da Lexicografia Regional

A Lexicografia Regional tem por objetivo estudar, analisar, criticar, dentre outras ações, os regionalismos que podem ser estudados em duas linhas de investigação que, de acordo com Ahumada Lara (2007, p. 101) são “(a) os regionalismos e sua presença nos dicionários gerais e (b) os regionalismos como objeto exclusivo de estudo, isto é, os vocabulários dialetais ou dicionários de regionalismos”. Propomos, ainda, uma terceira linha de investigação: os atlas linguísticos como inventários lexicográficos regionais que procuraremos desenvolver mais abaixo.

Para entendermos os regionalismos, precisamos ter em mente o conceito de norma, como versa Isquierdo (2006, p. 14):

Discutir a configuração dos regionalismos no âmbito de uma língua implica considerar a noção de norma regional e popular, já que esses fatos linguísticos situam-se na esfera da variação lexical de natureza diatópica, ou seja, a variação que se processa no eixo horizontal ou espacial. (ISQUERDO, 2006, p. 14)

Para Coseriu, (1979, p. 14), norma é “um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente”. Ela está inserida no sistema, entendido como o conjunto abstrato de possibilidades de uma língua. Sistema esse que possui várias normas de acordo com o grupo social em que estamos inseridos e com a região na qual vivemos. Diatopicamente, existem duas noções de norma, segundo Biderman (2001, p.20): “uma norma geral – a da sociedade global ou nação – e as normas parciais, regionais”.

Em relação à língua portuguesa do Brasil, Isquierdo (2006) expõe dois tipos de regionalismos: o amplo e o restrito. O primeiro diz respeito à língua portuguesa variante brasileira ter caráter de regionalismo – mais conhecido como brasileirismo – se comparada à variante portuguesa. Já o restrito, configura-se na variedade empregada em uma dada região. Tendo em vista essas observações, nos pautamos em Biderman (2001b, p. 136) no tocante ao conceito de regionalismos no âmbito restrito, a saber:

qualquer fato linguístico (palavra, expressão, ou seu sentido) peculiar a uma ou outra variedade regional do português falado no Brasil, excetuando a variedade empregada no eixo linguístico Rio/São Paulo, considerada a variedade de referência, ou seja, o português brasileiro padrão, e excluindo também as variedades usadas em outros territórios lusófonos. (BIDERMAN, 2001b, p.136)

Abaixo, discorreremos sobre os dicionários regionais e sobre os dicionários gerais que contemplam, nas marcas de uso geográficas, os regionalismos.

#### 2.4.1.1 Dos dicionários regionais

Atualmente, os lexicógrafos têm encontrado no critério do usuário uma forma adequada de produção de suas obras, pois é a partir deste que se elaboram as finalidades do repertório, o *corpus* que será utilizado, a seleção dos itens lexicais que comporão a macroestrutura e as informações presentes na microestrutura<sup>26</sup>. Com as obras lexicográficas de cunho regional não é diferente, porém nem sempre o critério utilizado é explicado nas páginas iniciais dessas obras. Aliás, muitos repertórios regionais são criticados tanto pela ausência de critério, como da técnica lexicográfica.

---

<sup>26</sup> Acerca das denominações de macroestrutura e microestrutura, veremos posteriormente no subitem “estruturas lexicográficas”, porém adiantamos que a macroestrutura é entendida pelo conjunto de verbetes e a microestrutura como o verbete lexicográfico.



Os estudiosos que iniciaram o percurso de produção de obras lexicográficas regionais não possuíam uma sólida formação filológica, em geral eram folcloristas e/ou profissionais de diversas áreas, como professores e médicos, os chamados diletantes. Além disso, havia uma precariedade de meios empregados na coleta de dados, fazendo com que, nos últimos tempos, a academia – embora reconheça o valor pioneiro referente a essas obras – critique repertórios produzidos por diletantes “à medida que a teoria e a prática lexicográficas têm ganhado rigor e especialização” (ORTEGA OJEDA, 1997, p. 197). O mesmo autor afirma que é preciso chamar a atenção do leitor mais desavisado para ser cuidadoso ao se deparar com esse tipo de obra e elenca várias ocorrências encontradas nelas que vão de encontro à técnica lexicográfica, como erros na elaboração tanto da macroestrutura como da microestrutura. Essa realidade, porém, está mudando, pois, principalmente no âmbito acadêmico, tem-se produzido obras que obedecem à técnica lexicográfica e explicitam seus critérios.

Segundo Arnal (2009, p. 130),

um dicionário deve cumprir diferentes funções e está dirigido a diferentes tipos de usuários [...]. Naturalmente, predominará uma ou outra função, segundo o tenha concebido o lexicógrafo e dependendo também do tipo de dicionário regional (tesouro, vocabulário etc.) de que se trate.<sup>27</sup> (ARNAL, 2009, p. 130)

Abaixo estão algumas finalidades e funções dos dicionários regionais citados pela referida autora que são: complemento do dicionário geral, finalidade científico-descritiva, finalidade pedagógico-prática, função documental, função cultural e obra para leitura.

A primeira, complemento do dicionário geral, diz respeito a muitas vezes o lexicógrafo produzir uma obra de cunho regional como complemento ao dicionário geral de língua. Já para a finalidade científico-descritiva temos que muitos repertórios foram elaborados com uma função normativa, que tratava o léxico regional como desviado, como desprestigiado frente à língua padrão. A autora

<sup>27</sup> “un diccionario debe cumplir, a menudo, distintas funciones y está dirigido a distintos usuarios [...]. Naturalmente, predominará una u otra función, según lo haya concebido el lexicógrafo y dependiendo también del tipo de diccionario regional (tesoro, vocabulário, etc.) de que se trate”

também disserta que essa finalidade científico-descritiva de um léxico particular encontra-se com mais frequência em inventários decorrentes de teses e dissertações e que muitos lexicógrafos possuem o propósito de colocar à disposição de pesquisadores de áreas afins, como a Dialetologia, a Sociolinguística, a Antropologia, material para estudos posteriores.

Arnal versa, ainda, que há uma tendência atual em se elaborar verdadeiros tesouros regionais que configuram-se em reunir em uma obra os materiais disponíveis sobre uma variedade dialetal que se encontram dispersos em uma multidão de vocabulários, glossários, artigos e trabalhos diversos, nem sempre de fácil acesso. Para os tesouros, os usuários são mais especialistas do que o público em geral. Um exemplo de tesouro regional é o que está sendo desenvolvido em parceria entre universidades brasileiras, portuguesas e galegas, intitulado Projeto Tesouro do Léxico Galego-Português. Para a finalidade pedagógico-prática, a autora coloca que as obras de cunho regional possuem um caráter de uso, porém reduzido, se comparado com os dicionários gerais, por exemplo. É consenso entre os lexicógrafos que todo dicionário é uma obra didática e nas palavras de Tejera (1983, p.xiii) podemos comprovar que o regional também o é:

o dicionário dialetológico se constitui em veículo de saber que permite aos desconhecedores do dialeto o acesso à compreensão do mesmo, uma vez que contribui ao enriquecimento da competência do falante e, portanto, a melhorar a comunicação. (TEJERA, 1983, p. xiii)<sup>28</sup>

Esse tipo de obra de consulta serve para a decodificação, para a leitura, para solucionar dúvidas sobre algum item dialetal, mas que, também, possui um caráter de codificação, para a produção de textos orais e escritos, sendo bastante importante para a utilização em sala de aula. De acordo com a autora, há, também, uma função documental que é a de preservar o léxico antes deste desaparecer por conta do progresso, uma vez que “é o que mais facilmente cai em desprestígio, é substituído, e as novas gerações de falantes preferem utilizar vozes menos marcadas pelos localismos e, em troca, mais gerais e comuns” (CORRALES, 2004, p. 67). A função cultural, por sua vez, diz respeito a depósitos de informações

---

<sup>28</sup> “el diccionario dialectológico se constituye em vehículo de saber que permite a los desconocedores del dialecto el acceso a la comprensión del mismo, a la vez que contribuye al enriquecimiento de la competencia del hablante y, por lo tanto, a mejorar la comunicación”

etnolinguísticas, encontradas nem tanto nos vocábulos que denominam, mas nos itens lexicais que designam realidades específicas de um território ou de termos relativos a diferentes tecnoletos. Além de tudo isso, a obra de caráter regional também é indicada para a leitura, principalmente para usuários da região abordada, que podem desfrutar da leitura de seu próprio falar.

Uma outra função dos repertórios lexicográficos de caráter regional é a validação dos regionalismos presentes nos dicionários gerais, assuntos que veremos a seguir.

#### 2.4.1.2 Dos regionalismos nos dicionários gerais

Para usuários que possuem um maior conhecimento da língua e domínio do idioma são elaborados os dicionários gerais de língua. Estes são, segundo Pontes (2010, p. 204),

obras que podem apresentar uma extensa macroestrutura e uma microestrutura não tão exaustiva. A microestrutura, nesse tipo de dicionário, não pretende explicitar informações consideradas desnecessárias ao pressupor, o lexicógrafo, que o usuário compartilhe com ele os mesmos conhecimentos sobre a língua. (PONTES, 2010, p. 204)

Em relação à macroestrutura, segundo Biderman (1984, p. 28),

um dicionário padrão (50.000 verbetes) possui um repertório lexical que nenhum usuário jamais utilizará, quer no seu vocabulário ativo, quer no seu vocabulário passivo, mesmo os mais competentes falantes do idioma. (BIDERMAN, 1984, p.28)

Já em relação à microestrutura, podemos encontrar nela informações como: a entrada, a subentrada, a informação fônica, a pronúncia, a informação gramatical, as marcas lexicográficas (ou marcas de uso), a definição, as informações paradigmáticas, os exemplos de uso, além das explicações semânticas e das

informações enciclopédicas<sup>29</sup>. Além disso, são obras voltadas mais para a leitura do que para a produção de textos. Nesta seção nos deteremos nas *marcas lexicográficas*, por serem nelas que aparecem as vozes com marcação diatópica<sup>30</sup>.

De acordo com Pontes (2009), a língua nos dicionários apresenta-se heterogênea em várias dimensões: temporais, espaciais, sociais e em âmbitos de atividade. Essas dimensões aparecem nessas obras com a denominação 'marcas de uso'. Segundo Welker (2004, p.134), "elas são imprescindíveis quando se precisa de ajuda na produção de textos, mas também são importantes na recepção, pois sem elas não se alcança uma compreensão exata do texto". Nesse trabalho, deteremo-nos, apenas, nas marcas de uso espaciais, pois são elas que apresentam os regionalismos nos dicionários gerais.

Com relação à língua portuguesa, variante brasileira, Pires de Oliveira (1999, p. 48-49) expõe que:

Podemos observar que a variante brasileira do português não se apresenta homogênea. Verifica-se, sobretudo, no nível lexical, "marcas" regionais. Por vezes esse vocabulário regional registra traços bastante diversificados devido, principalmente, às grandes extensões geográficas do nosso território, em alguns casos, à influência de povos oriundos de outros pontos da Europa. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 58-49)

Cardoso (2006) observa que os lexicógrafos ao incluírem inúmeras palavras caracterizadas como brasileirismos/regionalismos buscam, sobretudo, documentar e registrar o léxico próprio de uma comunidade linguística, embora muitas obras apresentem contradições nas classificações de 'marcas de uso', com diferentes referências geográficas. Quanto a esse fato, Welker (2004, p. 130) assevera que "todos os dicionaristas e metalexicógrafos concordam que se trata de

---

<sup>29</sup> Para uma explicação destes, ver Pontes (2009).

<sup>30</sup> Utilizaremos como sinônimo de marca de uso diatópica os termos *espacial*, *geográfico* e *regional* que serão utilizadas aqui indistintamente.

uma tarefa difícil, e vários autores constataram as divergências existentes em dicionários da mesma língua”<sup>31</sup>.

Por conta disso, faz-se imprescindível a consulta a obras científicas confiáveis que validem as marcas de uso, como produtos de pesquisas de campo nos âmbitos da própria Lexicografia Regional – dicionário, vocabulários e glossários regionais, bem como da Dialectologia – monografias dialetais e atlas linguísticos.

#### 2.4.1.3 Da interface tradicional entre lexicografia regional e Geografia Linguística

Tradicionalmente, a Lexicografia Regional possui uma proximidade muito forte com a Geografia Linguística, que acontece em dois sentidos: a Geografia Linguística contribui para a confecção de obras lexicográficas gerais – temos como exemplo as marcas de uso geográficas em dicionários gerais – quanto especiais<sup>32</sup> – no caso dos dicionários regionais. Da mesma forma, a Lexicografia colabora com a Geografia Linguística, o que veremos mais abaixo. O atlas linguístico é bem aceito pelos lexicógrafos, alguns deles versam sobre possíveis benefícios, como Moreno Fernández (2002) que atesta a importância dos atlas linguísticos para a Lexicografia Prática:

Não é que os atlas possam ocupar o lugar dos dicionários, não; é que os dicionários enriqueceriam e precisariam enormemente seus lemas e suas acepções se incluíssem ao menos uma parte da informação dos atlas. (MORENO FERNÁNDEZ, 2002, p. 18)<sup>33</sup>

Martínez de Sousa (1995), por sua vez, discorre sobre a importância para o registro de regionalismos:

<sup>31</sup> Segundo Welker (2004), esses autores são: Hausmann (1977), Käge (1982), Corbin (1989), Hausmann (1989), Ludwin (1991), Zöfgen (1994), Schmidt-Radefeldt (1998), Strehler (1998) e Borba (2003).

<sup>32</sup> Dicionários especiais versam sobre algum fato da língua comum. São obras lexicográficas especiais: dicionários de sinônimos, de rimas, de regionalismos etc.

<sup>33</sup> “No es que los atlas puedan ocupar el lugar de los diccionarios, no; es que los diccionarios enriquecerían y precisarían enormemente sus lematarios y sus acepciones si incluyeran al menos una parte de la información de los atlas”

Os atlas linguísticos são poderosos auxiliares do trabalho lexicográfico, já que oferecem uma enorme riqueza de materiais coletados e tratados sistematicamente, em especial no que se refere a regionalismos, provincialismos, dialetalismos etc. Graças a eles, é possível conhecer o alcance geográfico concreto de uma voz, em vez de valer-se de percursos casuais e incompletos desse tipo de unidades léxicas. (MARTÍNEZ DE SOUSA, 1995, p. 47)<sup>34</sup>

Já no tocante à validação de regionalismos nos dicionários gerais, Isquierdo (2007) afirma que

os atlas linguísticos são de grande valia, pois fornecem dados confiáveis acerca do grau de disseminação de uma variante lexical, o que é garantido pela metodologia que orienta pesquisas geolinguísticas, em especial o uso de questionário de natureza onomasiológica utilizado na coleta de dados e uma rede de pontos distribuída na área investigada. (ISQUERDO, 2007, p. 199)

Os lexicógrafos já perceberam a significativa contribuição que um atlas linguístico pode oferecer. Em contrapartida, a Lexicografia, tradicionalmente, contribui para a Geografia Linguística ao validar muitas das palavras/termos que aparecem nos atlas linguísticos que, comumente, apresentam um glossário após o conjunto das cartas linguísticas. Precisamos, também, levar em consideração que muitos dos autores e colaboradores dos atlas linguísticos possuem uma sólida formação lexicográfica.

#### 2.4.1.4 Do atlas linguístico como produto lexicográfico regional

Ao manusearmos um atlas linguístico, percebemos que este não é composto apenas por um conjunto de cartas linguísticas. Antes destas, muitas informações aparecem, principalmente para ambientar o leitor<sup>35</sup> sobre o universo da pesquisa. Esses dados dizem respeito a: informantes entrevistados, localidades

<sup>34</sup> “Los atlas lingüísticos son poderosos auxiliares del trabajo lexicográfico, ya que ofrecen un enorme caudal de materiales recogidos y tratados sistemáticamente, em especial em lo que se refiere a regionalismos, provincialismos, dialectalismos, etc. Gracias a ellos es posible conocer al alcance geográfico concreto de una voz, en vez de valerse de recogidas casuales e incompletas de ese tipo de unidades léxicas”

<sup>35</sup> O público do atlas é, comumente, o especializado, como professores, lexicógrafos e profissionais de áreas afins. Não impedindo que o público geral o manuseie.

contempladas, questionário utilizado, níveis linguísticos contemplados, dentre outras informações. Há, também, o que comumente se conhece, ao menos na tradição da Geografia Linguística brasileira, como *apresentação das cartas* que mostra como o leitor deve proceder para poder extrair delas o máximo de informação possível e otimizar sua pesquisa. Já na parte final do atlas, quando terminam as cartas, é comum haver índices onomásticos, referências bibliográficas, fichas utilizadas na pesquisa e, como já pontuamos, glossários.

Veremos que essas partes do atlas se parecem com partes, chamadas de *estruturas*, de um dicionário por exemplo. Então procuramos um aporte teórico que fundamentasse nossa ideia e encontramos em Haensch (1997) um indicativo de que estamos pensando de maneira coerente. O referido autor afirma que

Se interpretarmos o conceito de repertório lexicográfico em sentido amplo, há que mencionar como tipo destes os *atlas lingüísticos* [...]. Estes podem ser considerados como inventários onomasiológicos, uma vez que se preocupam pelas denominações de um referente em distintos pontos de um perímetro determinado (uma região, um país), mas como oferecem materiais geograficamente diferenciados, podem ser considerados também como **repertórios que registram léxico com marcação diatópica** (HAENSCH, 1997, p. 81). [grifo nosso]<sup>36</sup>

A seguir, apresentaremos as estruturas de um repertório lexicográfico. Logo após, as *estruturas lexicográficas* do atlas linguístico.

#### 2.4.1.4.1 Das estruturas lexicográficas

As obras lexicográficas possuem mais de uma estrutura. A primeira que podemos citar é uma estrutura maior que engloba as páginas iniciais, o corpo do dicionário e as páginas finais, é chamada de megaestrutura. As páginas iniciais,

---

<sup>36</sup> “Si interpretamos el concepto de repertorio lexicográfico em sentido amplio, hay que mencionar también como um tipo de ellos los *atlas lingüísticos* [...]. Estos se pueden considerar como inventarios onomasiológicos, puesto que se preocupan por las denominaciones de um referente em distintos puntos de um perímetro determinado (uma región, um país), pero como ofrecen materiales geográficamente diferenciados, se podrían considerar también como repertorios que registran léxico com marcaje diatópico”.

segundo Pontes (2009, p.67), versam sobre “as características técnicas da obra; a definição de critérios adotados pelo lexicógrafo; as indicações de uso, como guia para a consulta da obra”. O corpo do repertório é o conjunto dos verbetes presentes na obra. Já as páginas finais, situadas depois dos verbetes, são de caráter opcional e constituem-se de apêndices e anexos.

A segunda estrutura é a que compõe o conjunto dos verbetes ou das entradas organizadas, de uma maneira geral, verticalmente no corpo da obra, denominada macroestrutura. Esta pode vir organizada de duas formas: semasiológica e onomasiológica. A semasiológica ocorre em ordem alfabética e é direcionada da palavra/termo para o conceito. Já a onomasiológica é organizada por campos semânticos, portanto, parte do conceito para a palavra.

Já o terceiro nível estrutural se configura em um sistema de remissões ao longo de toda a obra, é conhecida por medioestrutura. Esta pode vir, segundo Gelpí Arroyo (2000), de três formas: horizontal, vertical e transversal. A horizontal se configura como uma remissão dentro do próprio verbete; a vertical como a remissão dentro da macroestrutura; e a transversal como remissão fora da macroestrutura, ou seja, referente às informações contidas nas páginas iniciais ou finais.

Por fim, o último nível estrutural é constituído por paradigmas dispostos horizontalmente dentro de cada verbete, é a microestrutura. Portanto, entrada, informação gramatical, exemplo, marca de uso, dentre outras, constituem as informações de um verbete lexicográfico. Ainda em relação à microestrutura, há de se distinguir esta entre abstrata e concreta<sup>37</sup>. A primeira constitui-se como um conjunto de informações padronizadas, são como uma fórmula abstrata e genérica que será realizada pela microestrutura concreta, formada por unidades léxicas.

---

<sup>37</sup> Os termos *microestrutura abstrata* e *microestrutura concreta* encontram-se em WELKER, A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.



É importante salientar que a microestrutura não é fixa para todas as obras lexicográficas e, muitas vezes, nem numa mesma obra, pois, a exemplo dos dicionários gerais, a microestrutura abstrata atenderá às necessidades de cada classe de palavras, adequando-se a estas.

#### 2.4.1.4.2 Das estruturas lexicográficas do atlas linguístico

Nos atlas linguísticos, podemos perceber uma semelhança estrutural com repertórios lexicográficos, compartilhando da mesma ideia de estrutura lexicográfica.

Possuem uma megaestrutura – ou primeiro nível estrutural – que comporta as páginas iniciais, o corpo do atlas e as páginas finais. As páginas iniciais, normalmente, são constituídas por: apresentação, introdução, informações sobre os informantes e a rede de pontos, notas de esclarecimento para a leitura do atlas linguístico. Já o corpo do atlas é composto pelo conjunto das cartas, aqui entendidas como um conjunto de verbetes lexicográficos, portanto, pensamos na pertinência de admitir os termos *cartas lexicográficas* e *cartas-verbete*. Por fim, as páginas finais são compostas por informações complementares em forma de anexos e/ou apêndices, como glossários, fichas de informante e de localidade etc.

A macroestrutura – ou segundo nível estrutural – é constituída pelo conjunto das cartas lexicográficas e, comumente, de forma onomasiológica.

O sistema de remissivas que compõe a medioestrutura em atlas linguístico dá-se, mais comumente, de forma implícita. Pode acontecer dentro de uma mesma carta, como na leitura das legendas. É possível ocorrer entre uma carta e outra, ao aparecer um mesmo item em duas ou mais cartas. Também pode ocorrer uma remissão às páginas iniciais e finais, quando, por exemplo, o atlas possui uma lista de palavras em apêndice, apontando as páginas em que elas ocorrem, ou então

quando há um glossário relativo aos itens encontrados nas cartas do atlas linguístico.

Por sua vez, a microestrutura, o último nível estrutural, é composta pela carta lexicográfica, constituída geralmente pelo nome da carta, pelo mapa da rede de pontos e pelas legendas que contêm as variantes dadas pelos informantes a um mesmo referente, possuindo uma organização onomasiológica. Seguindo a linha lexicográfica, a microestrutura de uma carta lexicográfica divide-se em abstrata e concreta, sendo a primeira uma carta-modelo e a segunda a materialização das informações nas cartas.

Importante salientar que em diferentes atlas linguísticos quase nunca fixa e unificada é a composição dos elementos da carta ou microestrutura. Nesta há informações que todo atlas deve ter como nome da carta, mapa e legenda, porém há atlas que acrescentam comentários de especialistas, outros colocam comentários de informantes, figuras, gráficos estatísticos.

Acreditamos que a nossa proposta na qual o atlas linguístico é tido como inventário lexicográfico regional é validada por dois fatores: o primeiro é o estrutural e o segundo, como observou Haensch (1997), é registrar o léxico com marcação diatópica, característica de obras lexicográficas regionais.

Para o estudo específico da microestrutura do atlas, a carta, nos baseamos na multimodalidade, assunto que veremos a seguir.

## 2.5 Da Multimodalidade

Desde os primórdios da humanidade, o homem teve a necessidade de se comunicar, inicialmente rabiscando mapas nas paredes das cavernas, depois desenvolvendo a escrita. Esta, com o passar do tempo, ganhou mais prestígio do que as imagens, por exemplo. Por isso, durante muito tempo na escola havia a preocupação apenas com o código escrito, relegando os outros a papéis secundários para o entendimento de um texto. Porém, com o advento e a popularização da internet, a linguagem visual vem ganhando cada vez mais espaço e atenção, não somente no ambiente virtual, como também no impresso. Consequentemente, exige-se do leitor que detenha a mesma atenção a um texto não-verbal que delega para o verbal, exige-se, portanto, na relação escrita-imagem, um *letramento* tanto verbal como visual, decodificando o significado que a imagem produz, assim como o da escrita. Um texto que integre em sua composição mais de um modo semiótico é chamado de multimodal. Textos assim são estudados pela multimodalidade que, por sua vez, está ligada às pesquisas em Semiótica Social.

A Semiótica Social advém dos estudos de Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)<sup>38</sup> e configura-se, segundo Pimenta e Santana (2006, p. 154) como

a ciência que se encarrega da análise dos signos na sociedade, com a função principal de estudar a troca de mensagens (verbais ou não-verbais), ou seja, a comunicação dentro de um contexto social. Nessa teoria, as diversas formas de representação são denominadas modos semióticos. (PIMENTA E SANTANA, 2006, p. 154)

Dionísio (2005, p. 1) entende por multimodalidade a “apresentação do texto em pelo menos duas formas de representação da informação ou do conhecimento. A forma verbal pode ser escrita ou oral e a forma pictorial pode ser estática ou dinâmica.” A referida autora disserta que a multimodalidade também é constitutiva do discurso oral e escrito, pois “quando falamos ou escrevemos um

---

<sup>38</sup> De acordo com Trask (2008, p. 184), “procura explicitamente combinar, numa única descrição integrada, as informações mais estritamente estruturais com fatores abertamente sociais, [...] se interessa a fundo pelos propósitos de uso linguístico”.

texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipos gráficos, palavras e sorrisos, palavras e animações etc” (DIONISIO, 2006, p. 133).

Portanto os mapas podem ser estudados de acordo com a multimodalidade, de acordo com Aroucha (2008, p. 38),

por serem constituídos de imagens e palavras e por representarem a linguagem visual e verbal. Os recursos semióticos utilizados na confecção do mapa são estabelecidos conforme a necessidade, o contexto de uso e a intenção de quem produz o mapa. (AROUCHA, 2008, p. 38)

Kress e van Leeuwen (2006) publicaram a *Gramática do Design Visual*. Nessa obra, os autores baseiam-se na LSF e propõem para a análise de imagens três metafunções, de acordo com o quadro abaixo:

Metafunções de Halliday	Metafunções de Kress e van Leeuwen
<p><b>Metafunção ideacional:</b> Representação das experiências de mundo por meio da linguagem</p>	<p><b>Metafunção representacional:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <u>Estrutura narrativa</u> (ação transacional, ação não-transacional, reação transacional, reação não-transacional, processo mental, processo verbal)</li> <li>▪ <u>Estrutura conceitual</u> (processo classificacional, processo analítico, processo simbólico)</li> </ul>
<p><b>Metafunção interpessoal:</b> Estratégias de aproximação/afastamento para com o leitor</p>	<p><b>Metafunção interpessoal:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <u>Contato</u> (pedido – interpelação ou oferta)</li> <li>▪ <u>Distância Social</u> (social, pessoal, íntimo)</li> <li>▪ <u>Atitude</u> (objetividade ou subjetividade)</li> <li>▪ <u>Modalidade</u> (valor de verdade)</li> </ul>
<p><b>Metafunção textual:</b> Modos de organização do texto.</p>	<p><b>Metafunção composicional:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <u>Valor de Informação</u> (ideal/real, dado/novo)</li> <li>▪ <u>Saliência</u> (elementos mais salientes que definem o caminho de leitura)</li> <li>▪ <u>Moldura</u> (o modo como os elementos estão conectados na imagem).</li> </ul>

Quadro 1: Estruturas da gramática do design visual, adaptada de Petermann (2006)

Nesta seção nos basearemos na metafunção composicional proposta por Kress e van Leeuwen (2006) que possui três sistemas interrelacionados entre si: o valor da informação, a saliência e o *framing*.

O **valor da informação** trata da posição dos elementos na imagem; informações relacionam-se por se posicionarem no topo e na base, dando a ideia de que no topo está algo idealizado e na base algo concreto, esse traço da composição é chamado de **ideal/real**. O mesmo raciocínio é aplicado à relação existente entre informações que estão à esquerda e à direita na imagem: de acordo com a Gramática do Design Visual, elementos dispostos à esquerda são familiares e/ou conhecidos do leitor, daí serem chamados de **informações dadas**, já os que estão posicionados à direita apresentam algum elemento a que se deva prestar mais atenção, é uma **informação nova**, daí haver a dicotomia **dado/novo**. Há, ainda, a presença do **centro**, que faz a intermediação entre o **dado/novo** e entre o **ideal/real**.

Já o segundo tópico da composição, a **saliência**, proporciona a certos elementos um maior ou menor destaque no plano imagético, dando uma importância maior ao elemento mais destacado através do contraste, do jogo de cores, do brilho etc.

A **estruturação**, por sua vez, versa sobre o enquadre (*framing*) na imagem, fazendo com que haja a presença ou ausência de conexão entre os elementos dispostos na composição; a ausência dessa interligação dá-se através de enquadramentos, representados por linhas divisórias, saliências, contrastes que dão uma ideia de fragmento e individualidade à imagem; no entanto, a conexão está presente quando há a ausência de enquadramentos, proporcionando ao leitor uma visão de integração.

A seguir, veremos em duas cartas, pertencentes a dois atlas linguísticos já publicados, como se dá a composição da microestrutura de cada um para entendermos melhor essa metafunção aplicada às cartas:

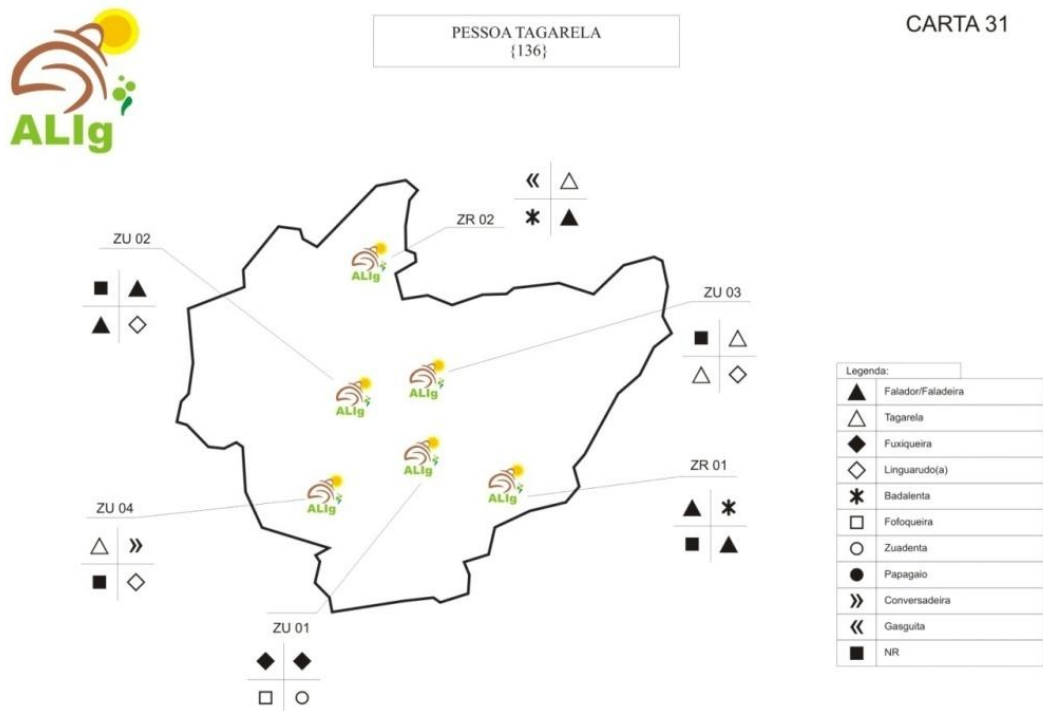


Figura1 : carta do Atlas Linguístico léxico-semântico de Iguatu (LIMA, 2009)

Na carta acima, vemos que o nome da carta está na parte superior da página, centralizado, e a legenda na parte inferior, dando uma noção de ocorrência da dicotomia ideal/real, uma vez que os itens lexicais presentes na legenda são as realizações dos falantes. Porém o que percebemos mais claramente é que há uma relação de centro/margem, sendo o mapa – posicionado na parte central da página e saliente pelo negrito – o núcleo da informação e a ele encontram-se, numa relação de subordinação, os outros elementos da página, como a legenda e as realizações dos falantes nas *cruzezinhas*, que estão nas margens; percebemos que a gravura colorida com o nome do atlas presente dentro do mapa salienta ainda mais este. Em relação ao enquadre, vemos que apenas o mapa está em negrito e as outras informações, como legenda e *cruzezinhas*, numa moldura não muito destacada, isso ressalta que o grau de conexão entre os elementos seja muito forte.

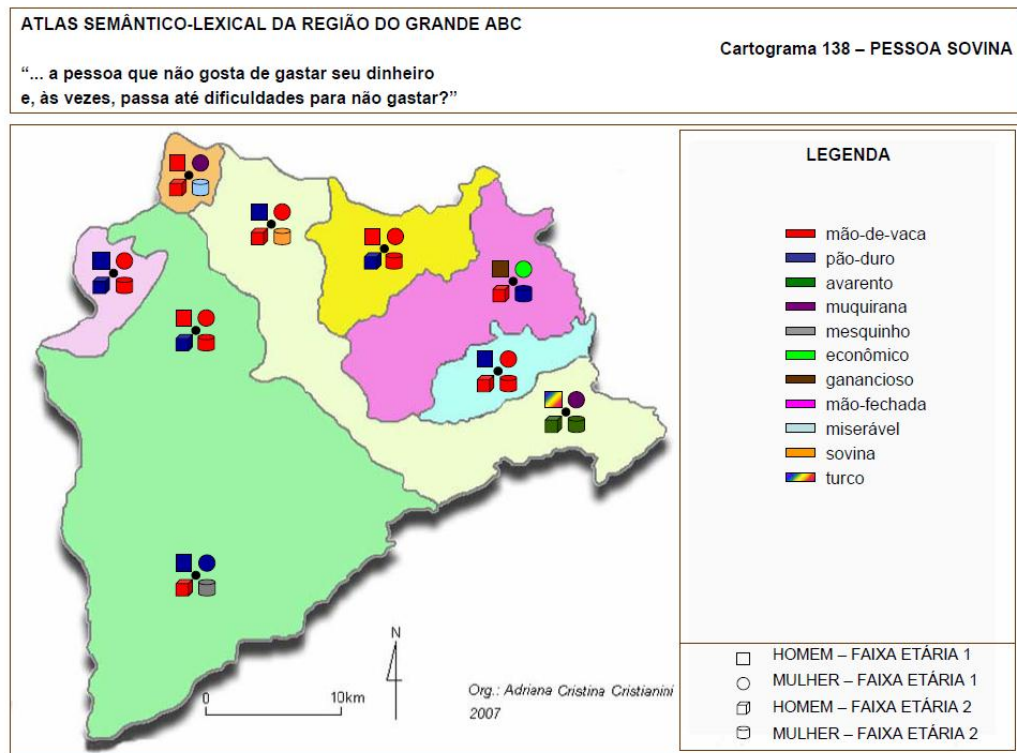


Figura 2: Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC (CRISTIANINI, 2007)

Na carta acima, vemos que a relação que prevalece não é mais a de centro/margem, pois o mapa situa-se na parte esquerda da figura e as duas legendas – superior e inferior – no lado direito. Temos, portanto, uma relação de dado/novo. Porém, iniciemos visualizando a carta de cima para baixo. Percebemos nitidamente pela moldura que a carta está dividida em duas partes: uma superior e outra inferior, daí podermos afirmar que há uma relação de ideal/real, principalmente no que concerne à informação *pessoa sovina*, pois é a resposta nacionalmente esperada pelo projeto ALiB (a autora do atlas afirmou em sua metodologia que utilizou o questionário do referido projeto), sendo a outra parte da carta o real. Ainda na parte superior, temos o nome do atlas e a pergunta que foi feita ao informante no canto esquerdo, em contrapartida, na parte direita, temos o número da carta e a resposta. Acreditamos que, no enquadre superior, também tenhamos uma relação de dado/novo: o dado, nesse caso, é a pergunta – o ponto de partida – para se conhecer a resposta – o novo. Da mesma forma, podemos proceder com a parte inferior da carta contendo o mapa com as realizações dos falantes – dado – e as duas legendas – novo. A carta possui muita saliência visual: o negrito na parte

superior, as cores dos municípios, das legendas e dos símbolos com as realizações dos falantes. Em relação ao enquadre, percebemos que está bem presente, pois tanto o mapa quanto as legendas e a parte superior estão em moldura, o que se configuram na carta como unidades separadas de informação.

Tivemos o intuito de mostrar brevemente essas duas cartas de atlas publicados recentemente – uma com valor informativo dominante de centro/margem, pouca saliência e pouco enquadre e outra com predominância de dado/novo, saliência e enquadre – para tornar mais claras as relações do aspecto composicional da multimodalidade nas cartas de um atlas linguístico.

A seguir, apresentaremos a metodologia da pesquisa e, no item 3.6 – elaboração das cartas – abordaremos a carta do atlas em questão, fazendo a devida análise.



### **3 METODOLOGIA**

Abordaremos a seguir a metodologia da pesquisa em Geografia Linguística, entendida por nós como método cartográfico. Nossa metodologia é baseada na do Projeto ALiB, com algumas adaptações que são vistas no decorrer do capítulo.

#### **3.1 Localidades**

A cidade de Capistrano conta com 1 sede, referente à zona urbana e 47 localidades, constituindo a zona rural. Para a constituição da rede de pontos, foram selecionadas a sede da cidade e 3 localidades, a saber: Pesqueiro, Carqueija e Mazagão. O critério de seleção foi a importância econômica e cultural para o município. Abaixo, traçamos o perfil de cada localidade.

##### **3.1.1 Pesqueiro**

A motivação do topônimo surgiu a partir do rio homônimo que perpassa a localidade e que era a base do sustento alimentar da população mais carente que vinha de muitas outras localidades para o rio que era “bom de pesca, muito pesqueiro”. Configura-se em uma das localidades mais importantes de Capistrano, principalmente no que tange à agricultura, surgindo com um considerável cultivo de milho, feijão, fava e verduras. Possui, também, algumas fábricas caseiras de doce, bolo e abate de carne destinadas à demanda da Secretaria de Educação do município. A principal via de acesso é a rodovia CE- 021. Pesqueiro conta com uma creche, uma escola de ensino fundamental I e II, um posto de saúde, uma quadra de esportes e uma praça. Pelos cálculos de moradores, a localidade possui em torno de 90 famílias que contabilizam aproximadamente 500 habitantes. Há dados de

emigração para a sede de Capistrano, para municípios vizinhos e para cidades de outros estados, principalmente Brasília.

### **3.1.2 Carqueija**

O nome Carqueija deriva de uma planta que antigamente era cultivada na região. Possuiu um grande progresso em meados do século XX com a chegada de Pierre, que construiu a Diocese e alguns outros ganhos locais e que, também, introduziu o cultivo da siriguela na região. A localidade é dividida em três sublocalidades e, cada uma, dividida por nomes de famílias tradicionais que habitam a região: Carqueija I, distribuída em São Tiago, Sans Souci, Vila Cassaco, Fernandes e Guilhermes; Carqueija II ou dos Chaga de Matos; e Carqueija III, dividida em Diocese, Centro, São Mateus, Mocó, Pedro Alves, Lagoa Seca e Coaçu. Na agricultura destaca-se a produção de milho, feijão e, em menor escala, a mandioca; também planta-se caju, seriguela, manga, urucu e mamona, além da criação de gado para o leite e de galinha. Possui fábricas caseiras de bolo, doce e de abate de frango que abastecem a escola local e, também, uma fábrica de castanha. Carqueija conta com uma escola de ensino fundamental I e II, duas creches, dois postos de saúde, três quadras de esporte e sete igrejas católicas e uma evangélica. Os principais acessos à localidade são a CE-021 e a Estrada Carqueija, esta última percorre toda a localidade, com uma estimativa de 11 km de extensão. O êxodo rural é recorrente tanto para a sede de Capistrano quanto para cidades vizinhas, Fortaleza e outras regiões do país em busca de melhores condições de vida.

### **3.1.2 Capistrano (sede)**

A cidade já foi conhecida como Riachão da Lagoa Nova, Riachão e Capistrano de Abreu, sendo que os habitantes mais antigos costumam ainda chamá-la de Riachão. Inicialmente, o povoado situou-se perto da Lagoa Nova por conta de

um renomado prostíbulo que ali havia, porém o município não se desenvolveu às margens da Lagoa Nova, mas sim do rio Pesqueiro, que perpassa praticamente toda a cidade. Atualmente, as atividades econômicas predominantes são o comércio a varejo e o funcionalismo público, principalmente o municipal. A sede conta com uma fábrica de castanha e outra de roupa íntima e, também, há a instalação de uma fábrica de colchão. Os principais acessos à localidade são as rodovias CE-060 e CE-021. Há, também, uma estrada de ferro, servindo apenas para o transporte de cargas. A sede conta com uma imigração de pessoas vindas da zona rural e, também, de alguns funcionários, estes muitas vezes com um intuito passageiro e flutuante. Já a emigração é feita, na maioria das vezes, para Fortaleza ou para estados do Sudeste.

### **3.1.4 Mazagão**

A localidade possui esse nome porque antigamente um homem com o nome de Mazagão pernoitava no local levando animais. Populares informaram que em 2011 Mazagão completou 210 anos. É dividido em três sublocalidades: Mazagão I; Mazagão II, dividido em Capela e dos Costas; e Mazagão III, com dos Paulo e dos Moreira. A atividade econômica predominante é a agricultura com o cultivo de milho, feijão, fava e arroz. A localidade conta com uma escola de ensino fundamental I e II, sete creches, um posto de saúde, três igrejas católicas e uma evangélica e quatro centros comunitários. A principal via de acesso é a Estrada Mazagão que percorre toda a localidade, com uma extensão aproximada de 10 km.

## **3.2 Informantes**

Ao buscarmos registrar variações locais, não nos detemos apenas na dimensão espacial do falar, mas também em suas outras dimensões como as variações decorrentes da faixa etária, do sexo e da escolaridade, de acordo com a

geolinguística pluridimensional que fundamenta a metodologia do Projeto ALiB. Basearemos-nos, especificamente, na metodologia utilizada pelo projeto ALiB nas capitais dos estados brasileiros: para cada localidade são selecionados 8 sujeitos divididos em dois grupos: 4 com nível fundamental e 4 com instrução superior; para cada grupo são selecionados 1 homem e 1 mulher entre 18 e 30 anos e 1 homem e 1 mulher entre 45 e 60 anos. Fizemos, contudo, algumas adaptações no perfil do informante, uma vez que não encontramos alguns poucos informantes no perfil traçado pelo ALiB, informação que será elucidada mais adiante. Abaixo encontra-se o quadro de resumo do informante.

	Gênero			
	Masculino		Feminino	
Faixa Etária	1ª Faixa Etária	2ª Faixa Etária	1ª Faixa Etária	2ª Faixa Etária
Escolaridade				
Ensino Fundamental	4 ■	4 ■	4 ■	4 ■
Ensino Superior	4 ■	4 ■	4 ■	4 ■

Quadro 2: O perfil dos informantes

A decisão de contemplar a variável escolaridade dá-se pela efetivação, no município e em cidades próximas, de cursos de ensino superior, a saber: a presença, em Capistrano, de cursos superiores de licenciatura e de especialização da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; de cursos de licenciatura da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC que é *campus* da Universidade Estadual do Ceará – UECE na cidade de Quixadá; de cursos nas áreas de ciências da saúde, ciências humanas, ciências sociais aplicadas e engenharias da Faculdade Católica Rainha do Sertão – FCRS, também na cidade de Quixadá; de cursos de licenciatura semi-presenciais ou a distância da Universidade Aberta do Brasil – UAB em Quixadá e em Aracoiaba, cidade vizinha de Capistrano, dentre muitos outros cursos existentes de Educação a Distância.

Portanto, o quadro de informantes selecionados para essa pesquisa é o seguinte:

- a) Número: 32;
- b) Faixa etária (variante diageracional): FE1 – 18 a 30 anos e FE2: 45 a 60 anos;
- c) Sexo (variante diagenérica): 16 homens (identificados por números ímpares) e 16 mulheres (identificadas por números pares);
- d) Escolaridade: ensino fundamental – EF e ensino superior – ES;
- e) Naturalidade: sujeitos nascidos na cidade ou que nela chegaram ainda na infância.
- f) Mobilidade: preferência a informantes que tenham uma mobilidade baixa e que não tenham passado muito tempo fora da localidade.

Para a pesquisa foram escolhidos 32 sujeitos, uma vez que foram contempladas 4 localidades e, pelo perfil de informante traçado acima, 8 informantes para cada ponto, nas idades de 18 a 30 anos e de 45 a 60 anos. Salientamos que alguns poucos informantes destoaram levemente do critério faixa etária por não encontrarmos na localidade o perfil desejado, como os informantes 01/07 (na segunda faixa etária, porém com 41 anos), 03/01 (na primeira faixa etária, mas possui 33 anos), 04/01 (na primeira faixa etária, mas com 17 anos) e 04/06 (na primeira faixa etária, porém com 32 anos). Aliás, até a seleção por informantes enquadrados no perfil de 18 a 30 anos com ensino fundamental foi difícil.

Além disso, o critério escolaridade possui algumas ressalvas. Dois informantes enquadrados na escolaridade superior estão ainda cursando faculdade, são eles 02/05 e 02/06 e um sujeito, 03/01, enquadrado no nível fundamental abandonou os estudos após concluir o 1º ano do ensino médio. Mais uma vez não encontramos informantes no perfil desejado e fizemos essas adaptações.

O critério de naturalidade possui algumas ressalvas: o informante 02/03 nasceu em Quixeramobim e passou a infância em Quixeramobim e Choró; 03/01

nasceu e passou os primeiros 6 anos da infância em Quixadá e a informante 03/08 nasceu em Baturité e lá residiu durante 3 anos na época de sua infância. Já no critério mobilidade, registramos as seguintes ocorrências: o informante 02/01 esteve 6 anos em São Paulo, 2 anos em Recife e 4 meses em Fortaleza, todos a trabalho; o sujeito 02/05 atualmente reside em Quixadá para concluir a faculdade; a informante 02/06 atualmente mora em Fortaleza por motivo de estudo; a informante 04/02 morou 8 meses em Recife; o informante 04/03 trabalhou 2 meses no Maranhão; e a informante 04/06 passou 1 ano em Mato Grosso por motivo de trabalho. Disso tudo depreendemos, portanto, que o número de informantes com mobilidade é significativo. Acreditamos que o critério da mobilidade é importante, pois, como afirma Cardoso (2006), no Brasil, os meios de comunicação propagaram-se por todo o território, a malha viária expandiu-se em diversas direções, bem como a relação entre diferentes níveis sócio-culturais está mais efetiva.

Vistas todas as adaptações à metodologia do Projeto ALiB para a nossa pesquisa, traçamos a descrição de cada informante por localidade. Logo abaixo encontra-se uma descrição abstrata de todos os dados relevantes para a pesquisa. Em seguida, passamos à descrição concreta, ou seja, preenchendo a descrição abstrata com os dados propriamente ditos de cada informante.

Número da localidade/ número do informante – SIGLA DO NOME DO INFORMANTE. Sexo. FAIXA ETÁRIA (n anos). Naturalidade. Escolaridade. Mobilidade. Estado civil. Naturalidade do (a) esposo (a) e dos pais. Profissão. Contato com televisão, tipo de transmissão, frequência do contato e gêneros assistidos. Contato com rádio, frequência do contato e gêneros ouvidos. Contato com revistas. Contato com jornais.

#### 01 – Pesqueiro

01/01 – E.L.B. M. FE1 (22 anos). Pesqueiro. Ensino Fundamental: 8ª série. Criado pelos pais. Casado. Esposa de Palmatória e pais de Pesqueiro. Agricultor. Assiste

televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em novelas e noticiários. Ouve noticiário geral às vezes no rádio. Não costuma ler jornais e revistas.

01/02 – M.E.S.A. F. FE1 (25 anos). Capistrano. Ensino fundamental: 8ª série. Casada. Esposo e pais de Capistrano. Agricultora. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, preferencialmente novelas, noticiários e filmes. Não ouve rádio, não lê revistas e jornais.

01/03 – F.A.C.S. M. FE2 (47 anos), Baturité. Ensino fundamental: 5ª série. Criado pelos pais. Casado. Esposa de Capistrano, pais de Canindé. Agricultor e atravessador. Assiste televisão com transmissão parabólica às vezes, com ênfase em noticiários. Não ouve rádio, não lê revistas e jornais.

01/04 – C.A.N.S. F. FE2 (47 anos), Pesqueiro. Ensino fundamental: 5ª série. Criada pelos pais. Casada. Esposo de Baturité e pais de Capistrano. Agricultora. Assiste televisão com transmissão parabólica às vezes, com ênfase em programa religioso. Não ouve rádio, não lê revistas e jornais.

01/05 – J.C.S.F. M. FE1 (29 anos). Aracoiaba. Ensino superior: Matemática. Criado pelos pais. Casado. Esposa de Baturité e pais de Aratuba. Professor. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em noticiários. Ouve música às vezes no rádio; lê às vezes nos jornais *O Povo* e *O Diário do Nordeste* as seções de política, classificados e variedades.

01/06 – A.B.S.F. FE1 (27 anos). Baturité. Ensino Superior. Letras. Criada pelos pais. Casada. Esposo e pais de Pesqueiro. Estudante. Assistem televisão com transmissão gratuita todos os dias, com ênfase em novelas e noticiários. Ouve programa religioso e notícias sobre esporte às vezes no rádio. Raramente lê o jornal estadual eletrônico *Jangadeiro on line*. Raramente lê as revistas *Veja* e *Época*.

01/07 – F.J.F. M. FE2 (41 anos). Itapiúna. Ensino Superior: Matemática. Criado pelos pais. Casado. Esposa e pais de Capistrano. Professor. Assiste televisão com transmissão por assinatura às vezes, com ênfase em esportes, noticiários, e filmes. Não costuma ouvir rádio. Raramente lê jornal e lê às vezes revistas relacionadas à educação.

01/08 – M.F.B.S. F. FE2 (49 anos). Pesqueiro. Ensino superior: Pedagogia, Especialização. Criada pelos pais. Casada. Esposo e pais de Capistrano. Professora. Assiste televisão com transmissão parabólica às vezes, com ênfase em noticiários. Ouve noticiário geral todos os dias na rádio. Não lê revista e lê às vezes jornal.

## 02 – Carqueija

02/01 – A.S.B. M. FE1 (30 anos). Carqueija. Ensino fundamental: 8º ano. Passou 6 anos em São Paulo, 2 anos em Recife e 4 meses em Fortaleza por motivo de trabalho. Criado pelos pais. Casado. Esposa e pais de Carqueija. Vendedor. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em noticiários. Ouve esportes às vezes pela rádio. Não lê jornais e revistas.

02/02 – V.A.F. F. FE1 (23 anos). Carqueija. Ensino fundamental: 9º ano. Casada. Criada pelos pais. Esposo e pais de Carqueija. Agricultora. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em novelas. Não ouve rádio. Não lê jornais e revistas.

02/03 – J.R.L. M. FE2 (59 anos). Quixeramobim. Analfabeto. Passou a infância em Quixeramobim e Choró. Casado. Criado pelos pais. Esposa de Capistrano, mãe de Choró e pai de Capistrano. Agricultor. Assiste televisão com transmissão parabólica às vezes, com ênfase em novelas. Não ouve rádio, não lê jornais e revistas.

02/04 – A.R.A.H. F. FE2 (45 anos). Carqueija. Ensino Fundamental: 9º ano. Solteira. Pais de Carqueija. Agricultora. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em noticiários e novelas. Não ouve rádio, não lê jornais e revistas.

02/05 – A.F.S.X. M. FE1 (28 anos). Itapiúna. Terminando o Ensino Superior: Química. Mora em Quixadá por motivo de estudo. Solteiro. Pais de Carqueija. Professor. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em noticiários e esportes. Não ouve rádio; Lê às vezes a seção de esportes do jornal *O Povo*. Raramente lê revistas.



02/06 – I.M.F. F. FE1 (20 anos) Baturité. Cursando Ensino Superior: Estilismo e Moda. Mora em Fortaleza a 1 ano e 6 meses por motivo de estudo. Solteira. Pais de Carqueija. Estudante. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em novelas e noticiários. Não lê jornais; às vezes lê revistas de moda.

02/07 – R.R.M. M. FE2 (55 anos). Carqueija. Ensino Superior e Especialização em História. Casado. Esposa de Palmatória e pais de Carqueija. Professor e agricultor. Assiste televisão com transmissão parabólica às vezes, com ênfase em novelas, noticiários e programa religioso. Ouve programa religioso no rádio parte do dia. Lê às vezes a seção programa religioso no jornal *O Povo*. Raramente lê revistas.

02/08 – L.M.S. F. FE2 (50 anos). Carqueija. Ensino Superior: Pedagogia. Casada. Esposo e pais de Carqueija. Professora aposentada. Assiste televisão com transmissão parabólica às vezes, com ênfase em noticiários, programa de auditório e programa religioso. Ouve às vezes no rádio noticiário geral e música no rádio. Lê às vezes o *Jornal Escolar*, de circulação local e raramente lê revistas.

### 03 – Capistrano (sede)

03/01 – F.W.S.R. M. FE1 (33 anos). Quixadá. Ensino Médio: 1º ano. Passou 6 anos da infância em Quixadá. Casado. Esposa de Itapiúna, mãe de Quixadá e pai de Capistrano. Agricultor, moto-taxista e cantor de seresta. Assiste televisão com transmissão gratuita todos os dias, com ênfase em novelas e noticiários. Todos os dias ouve noticiário geral no rádio. Às vezes lê a seção de esportes do jornal *O Diário do Nordeste* e não lê revistas.

03/02 – M.R.L.R. F. FE1 (29 anos). Capistrano. Ensino Fundamental: 6ª série. Casada. Esposo de Capistrano, mãe de Capistrano e pai de Baturité. Agricultora. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em novelas e noticiários. Ouve músicas todos os dias no rádio e não lê jornais e revistas.

03/03 – E.R.L. M. FE2 (54 anos). Capistrano. Ensino Fundamental: 1ª série. Casado. Esposa de Quixadá, mãe de Capistrano e pai de Baturité. Padeiro. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em noticiários e esportes. Todos os dias ouve música no rádio. Não lê jornais e revistas.

03/04 – M.J.C.T. F. FE2 (55 anos). Mazagão. Ensino Fundamental: 5ª série. Casada. Esposo e pais de Mazagão. Agricultora. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em novelas e noticiários. Não ouve rádio, não lê revistas e jornais.

03/05 – R.S.A. M. FE1 (27 anos). Baturité. Ensino Superior e Especialização: Letras. Casado. Esposa de Redenção e pais de Capistrano. Professor. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em noticiários. Às vezes ouve noticiário geral na rádio. Raramente lê jornais na internet e publicações científicas.

03/06 – I.O.N. F. FE1 (22 anos). Baturité. Ensino Superior: Letras. Solteira. Mãe de Capistrano. Agente administrativa. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em novelas e noticiários. Às vezes ouve música e noticiário geral no rádio; lê as seções 'política' e 'variedades' no jornal *O Diário do Nordeste* e, também, revistas de moda e científicas.

03/07 – R.M.N.M. M. FE2 (46 anos). Capistrano. Ensino Superior: História. Casado. Esposa e pais de Capistrano. Agente administrativo. Assiste televisão com transmissão parabólica às vezes, com ênfase em noticiários e esportes. Ouve todos os dias noticiário geral no rádio. Raramente lê jornais e revistas.

03/08 – M.A.A.L. F. FE2 (46 anos). Baturité. Morou em Baturité durante 3 anos na adolescência. Ensino Superior: Letras. Casada. Esposo de Caridade, mãe de Capistrano e pai do Estado de Amazonas. Diretora de secretaria do fórum e professora. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em novelas, noticiários, programa religioso e filmes. Ouve música às vezes no rádio. Às vezes lê as seções editorial, variedades, programa cultural, política e página policial do jornal *O Diário do Nordeste*.

#### 04 – Mazagão

04/01 – F.L.T.B. M FE1 (17 anos). Mazagão. Ensino Fundamental: 8ª série. Solteiro. Criado pelos avós de Mazagão. Desempregado. Assiste televisão com transmissão

parabólica às vezes, com ênfase em esportes. Não ouve rádio, não lê jornais e revistas.

04/02 – F.L.F.A. F. FE1 (22 anos). Capistrano. Ensino Fundamental: 8ª série. Passou 8 meses em Recife. Casada. Esposo e pais de Capistrano. Agricultora e dona de casa. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em novelas. Às vezes ouve música no rádio. Não lê jornais e revistas.

04/03 – F.C.O. M. FE2 (59 anos). Mazagão. Ensino Fundamental: 1ª série. Passou 2 meses no Maranhão a trabalho. Casado. Esposa e pais de Mazagão. Agricultor. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em noticiários. Ouve rádio às vezes e não lê revistas e jornais.

04/04 – J.O.S. F. FE2 (46 anos). Mazagão. Ensino Fundamental: 8ª série. Casada. Esposo e pais de Mazagão. Agricultora. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em novelas e noticiários. Ouve noticiário geral todos os dias no rádio. Não lê jornais e revistas.

04/05 – I.L.R. M. FE1 (25 anos). Capistrano. Ensino Superior: Letras. Solteiro. Pais de Capistrano. Comerciante. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em noticiários. Às vezes ouve música e noticiário geral no rádio. Raramente lê jornais e revistas.

04/06 – M.S.C.C. F. FE1 (32 anos). Capistrano. Ensino Superior: História. Passou 1 ano em Mato Grosso a trabalho. Outro. Pais de Capistrano. Professora. Assiste televisão com transmissão parabólica todos os dias, com ênfase em noticiários e programa religioso. Ouve música todos os dias no rádio. Não lê revistas e jornais.

04/07 – F.E.P. M. FE2 (47 anos). Mazagão. Ensino Superior: Letras. Casado. Esposa de Pacajus e pais de Mazagão. Professor. Assiste televisão com transmissão parabólica às vezes, com ênfase em novelas e noticiários. Às vezes ouve noticiário geral e programa religioso no rádio. Às vezes lê as seções 'política' e 'página policial' no jornal *O Diário do Nordeste* e lê as revistas *Veja* e *Família*.

04/08 – F.R.S.C. F. FE2 (44 anos). Capistrano. Ensino Superior e Especialização: Pedagogia. Casada. Esposo e pais de Capistrano. Professora. Assiste televisão com transmissão parabólica às vezes, com ênfase em noticiários e filmes. Às vezes ouve

música no rádio. Às vezes lê as seções 'editorial' e 'variedades' do jornal *O Diário do Nordeste* e a revista *Família Cristã*.

### **3.3 Coleta dos dados**

Como falamos anteriormente, esta pesquisa está pautada nos moldes da metodologia do Projeto ALiB, inclusive no que diz respeito ao questionário utilizado para a coleta de dados, bem como às fichas usadas para extração de informações referentes tanto às localidades selecionadas quanto aos informantes escolhidos.

#### **3.3.1 Questionário**

O questionário do Projeto ALiB procura atender a aspectos fonético-fonológicos (QFF), com 159 perguntas somadas com 11 questões de prosódia; a aspectos semântico-lexicais (QSL), contendo 202 perguntas; a aspectos morfossintáticos (QMS), com 49 perguntas. Além dessas informações, atende ainda por questões de pragmática, com 4 perguntas, por temas para discursos semidirigidos, com 4 questões, a 6 questões metalinguísticas e a um texto final para leitura, a partir do qual serão validadas ou não alguns itens coletados durante a realização dos outros questionários.

Por conta do nosso objeto de pesquisa que é verificar as variações semânticas e lexicais em alguns pontos do município de Capistrano, decidimos utilizar, apenas, o questionário semântico-lexical (QSL) do ALiB (anexo 01). O QSL possui 202 perguntas ordenadas por campos semânticos, a saber: acidentes geográficos (6), fenômenos atmosféricos (15), astros e tempo (17), atividades agropastoris (25), fauna (25), corpo humano (32), ciclos da vida (15), convívio e comportamento social (11), religiões e crenças (8), jogos e diversões infantis (13),

habitação (8), alimentação e cozinha (12), vestuário e acessórios (6), e vida urbana (9).

### 3.3.2 Fichas da localidade e do informante

A ficha da localidade (anexo 02) é utilizada para sabermos mais sobre dados sócio-culturais do ponto inquirido. A ficha da localidade do Projeto ALiB possui a seguinte configuração: nome oficial, nome regional, nomes anteriores, nomes dados aos habitantes, nomes dados ao falar local, número oficial de habitantes, atividades econômicas predominantes, indústrias caseiras, sublocalidades, comunicações, dados sobre a infraestrutura da localidade, dados sobre emigração e imigração, características demográficas da localidade, histórico e observações gerais.

Já a ficha do informante (anexo 03) é muito importante, pois é através dela que temos as informações necessárias para traçar o perfil de cada sujeito e, também, para termos certeza de que este se encontra apto para pesquisa. A ficha do informante do Projeto ALiB pretende dar conta da descrição do sujeito, desde nome, alcunha, data de nascimento, endereço, estado civil, naturalidade, escolaridade, renda e profissão até contato com meio de comunicação, participação em diversões e orientação religiosa.

### 3.3.3 Pesquisa de campo

A pesquisa de campo foi realizada por nós *in loco* em cada ponto, tendo como auxiliares Aleuda Santos – nascida e criada na cidade, licenciada em Letras, professora de muitos dos informantes e conhecedora da cultura local – e do servidor estadual Silvio Monteiro – formado em Pedagogia, também conhecedor da cultura local e dos habitantes, uma vez que durante muitos anos trabalhou como agente de

saúde percorrendo toda a cidade. No tocante à procura dos informantes, procedemos da seguinte forma: primeiro realizamos os inquéritos com sujeitos conseguidos pelos próprios auxiliares da pesquisa. Em seguida, buscamos auxílio nas escolas, principalmente as de zona rural, nas quais, além de conseguirmos o contato com possíveis informantes, realizamos alguns inquéritos com pessoas de instrução superior. Também conseguimos informantes com a ajuda do presidente da comunidade Lú, Valter Nogueira, além de amigos conterrâneos, sempre dispostos a ajudar.

Cerca de dois terços dos inquéritos foram realizados nas residências dos informantes e um terço em seus respectivos ambientes de trabalho, geralmente em escolas (um inquérito em sala de aula), mas também dois em comércio de pequeno porte, um na Secretaria de Educação da cidade, um na sede da Prefeitura municipal e um numa praça, pois o informante era moto-taxista. Todas as entrevistas foram documentadas em um gravador digital de voz VN-5200PC da marca Olympus, com capacidade de gravação em alta qualidade de, aproximadamente, 35 horas e 20 minutos. Foi registrado um total de 20 horas, 51 minutos e 2 segundos de gravação. Em relação à qualidade do áudio dos inquéritos, alguns tiveram ruídos advindos de circunstâncias, de carros, de ônibus, porém não tivemos dificuldades na transcrição dos dados. Apenas um inquérito foi realizado em sala de aula, porém julgamos que o ambiente da entrevista não interferiu tanto na qualidade do áudio.

### **3.4 Arquivamento e transcrição dos dados**

As gravações digitalizadas foram armazenadas no disco rígido de um computador e, logo em seguida, passadas para 4 mídias de dvd, uma para cada localidade. Já a transcrição dos dados foi elaborada de forma grafemática, de acordo com a orientação do Projeto ALiB, especialmente no caso de fatores fônicos que devem ser representados, como: apagamento de consoantes finais, como em lápi (lápiz); apagamento de sílabas, como em sabo (sábado); acréscimo de sílabas,

como em avoar (voar); metáteses, como em protuguês (português); iotização ou despalatalização da lateral, como em mulé / muié (mulher) e fio (filho); semivocalização do /x/, como em arma / auma; redução de ditongos, como em fera (feira); outros casos (não previstos), como coresma, redemunho, causo.<sup>39</sup>

### **3.5 Grupo de controle e seleção dos itens lexicais**

Após a transcrição dos dados, algumas respostas dos sujeitos deixaram dúvidas quanto a sua validade e ficamos nos questionando se a informação dada é a que realmente diz respeito à pergunta. Por isso, decidimos pela criação do grupo de controle, formado por 4 cidadãos da cidade, ligados à educação e à cultura do município, referendando ou não as respostas dos informantes.

Somente depois da validação dos dados pelo grupo de controle fizemos a seleção dos itens lexicais para a composição das cartas com base em dois critérios: o primeiro deles é de apenas incorporarmos ao atlas os itens lexicais produtivos, validados pelo grupo controle e o segundo é o maior número de variantes, já que pretendemos registrar os processos de variação a nível léxico-semântico.

### **3.6 Elaboração das cartas**

Entendemos a carta de um atlas linguístico como uma microestrutura que possui um programa ideal, ou microestrutura abstrata, com informações gerais que irão ser preenchidas por dados reais da pesquisa de campo, constituindo a microestrutura concreta. A carta léxica do ALCa é composta pelas informações tradicionais que já foram consagradas pelo gênero, como o nome da carta, o mapa e

---

<sup>39</sup> Extraído de RESOLUÇÕES TOMADAS NO V *WORKALiB* (Salvador, 29-31.agosto.2005).

as legendas e todos esses dados foram organizados na carta de acordo com o aspecto composicional da Multimodalidade.

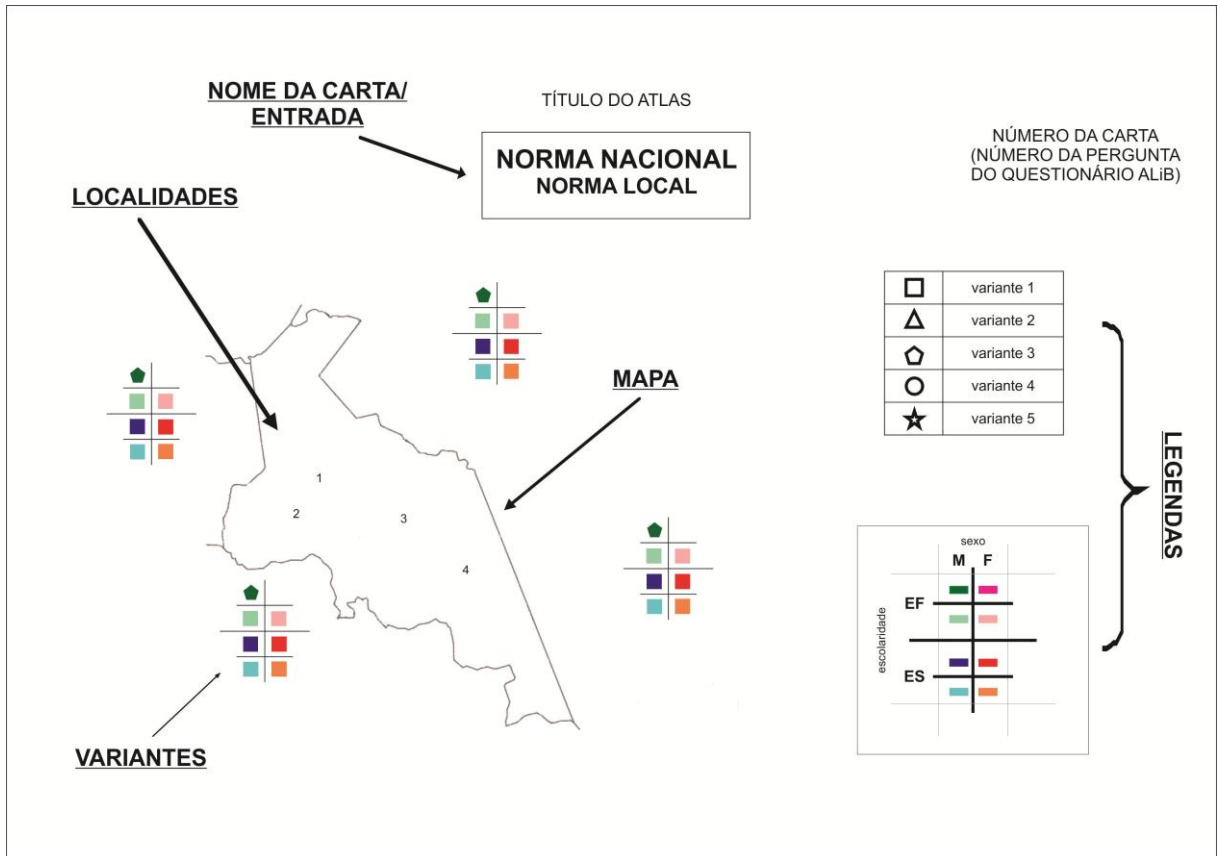


Figura 1: A microestrutura abstrata do ALCa

Esse quadro mostra como é formado o programa ideal de uma carta linguística, pois contém os elementos que a compõem; são eles: o nome da carta – o qual também denominamos de entrada, em semelhança a uma obra lexicográfica –, o número da carta, o mapa determinando o perímetro da região estudada, as legendas que carregam as variantes do item expresso no nome da carta e, por fim, os símbolos que situam-se próximos ao mapa, indicando a fala dos informantes. Abaixo vemos a microestrutura abstrata preenchida por dados concretos.



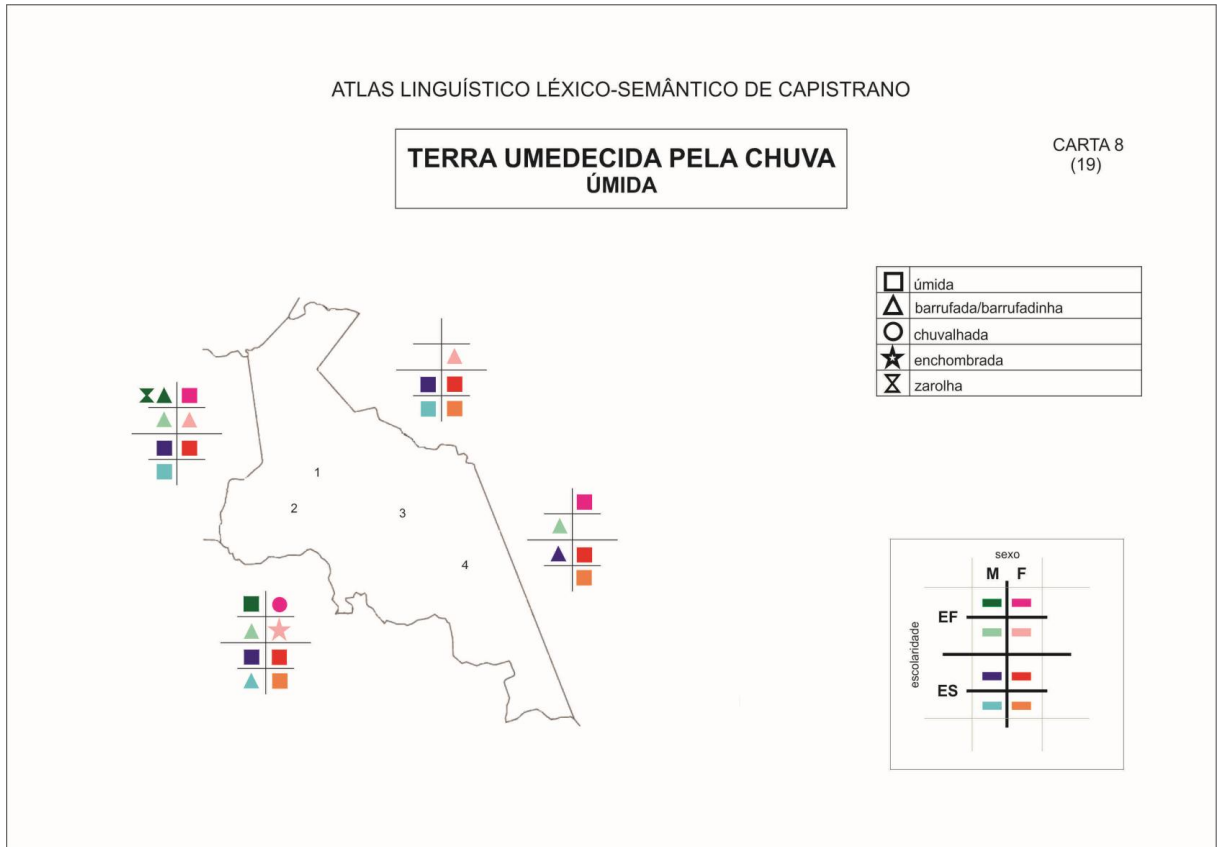


Figura 2: A microestrutura concreta do ALCa

A seguir faremos uma breve análise dos elementos da carta do ALCa de acordo com o valor de informação, a saliência e o *framing* do aspecto composicional da multimodalidade.

De acordo com o valor de informação, analisaremos a carta através do *ideal/real* e do *dado/novo*. Inicialmente, partiremos do nome da carta, ou entrada, pois, como num verbete ele é o ponto de partida do usuário para a leitura do mapa. Ao visualizarmos toda a carta, percebemos a entrada como algo ideal em relação às outras informações, que aqui denominaremos reais – o mapa, as legendas e os símbolos. Porém, ao olharmos especificamente para o nome da carta, vemos que possui dois elementos enquadrados: a norma nacional e a norma local – a primeira versa sobre um modelo idealizado e a segunda já diz respeito à frequência de uso dos informantes. A norma nacional refere-se a uma informação ou informações nacionalmente esperadas, é tida como ideal, haja vista a diversidade do português

do Brasil; a norma local já se configura como o item lexical mais frequente realizado pelos falantes da cidade, o qual denominamos de norma local.

Ao olharmos para o mapa, percebemos que este situa-se sempre à esquerda da página, como uma informação dada, ou seja, um dado já conhecido, principalmente, pelos habitantes da cidade. Nele, encontramos os símbolos que representam a realização da fala dos habitantes, a identidade linguística da cidade, também já conhecida por eles. Já no lado direito da página, encontramos duas legendas que se complementam para a realização dos símbolos encontrados no lado esquerdo: a legenda superior fornece as variantes léxicas e a inferior, informações sobre o sexo e a escolaridade dos sujeitos da pesquisa. Entendemos essas legendas como informações novas, uma vez que o *novo* pode apresentar alguma informação a qual se deva ter mais atenção e que, além das variantes, pode estar presente na forma como se lê a relação entre as legendas para formar os símbolos coloridos no lado esquerdo.

Percebemos que, na carta, há aspectos que estão destacados pela cor ou mesmo pelo negrito que chamam a atenção do leitor, é a denominada saliência visual. Observamos que os elementos mais destacados são: o nome da carta, que está em letras maiúsculas e em negrito, além de estar enquadrado, pegando a atenção do leitor; os símbolos da legenda superior que também estão em negrito; na legenda inferior, vemos que estão bem salientes as informações extralinguísticas como o sexo – M e F – e a escolaridade – EF e ES, como importantes dados para o entendimento da variação léxica, além de uma cruz maior contendo duas menores, demarcando o posicionamento de cada informante; os símbolos próximos ao mapa que estão em cores e os quadrados coloridos da legenda inferior. Ao traçarmos um paralelo entre os símbolos próximos ao mapa e a segunda legenda, veremos que para cada informante há uma cor diferente, portanto, podemos dizer que se configura numa rima visual.

Outro aspecto importante para o estudo da composição multimodal da carta é o *framing* ou enquadre. No mapa, há a presença de enquadre no título da carta, salientando-o e, para diferir a norma nacional da local, a presença de uma linha, acentuando o grau idealizado de uma e real da outra; o enquadre se apresenta também nas tabelas superior e inferior. Na primeira, há destaque para as linhas da tabela que separam uma variante da outra e na segunda as informações contidas são emolduradas para haver uma uniformidade. Percebemos que o grau de enquadre da carta é baixo, fazendo com que haja uma maior integração entre os participantes da carta – título, mapa, legendas e símbolos.

## **4 ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO – ALCa**

Este capítulo apresenta as cartas linguísticas – no aspecto lexical – do ALCa. Porém, inicialmente, expomos uma apresentação das cartas, como um guia de uso, para facilitar a leitura destas, tanto no eixo vertical ou macroestrutura como no horizontal ou microestrutura, pelo usuário.

O ALCa foi pensado e estruturado para o público especializado de pesquisadores que possam se utilizar dos dados para o estudo da variação lexical nos mais variados âmbitos, com especial atenção aos lexicógrafos na produção de obras de cunho regional como na validação de regionalismos em dicionários gerais. Foi também pensado para o público local, os habitantes da cidade, que, aqui, podem ver a fotografia de seu próprio falar.

### **4.1 Da apresentação das cartas**

Para o máximo de aproveitamento das informações geolinguísticas das cartas, o leitor encontra no mapa a seguinte apresentação:

#### **4.1.1 Das cartas preliminares**

As primeiras cartas são de natureza introdutória, buscando ambientar o leitor geograficamente, são os mapas de 1 a 5: “O estado do Ceará”, “Capistrano na Mesorregião Norte Cearense”, “Capistrano na Microrregião de Baturité”, “Mapa de Capistrano” e “Rede de pontos”.

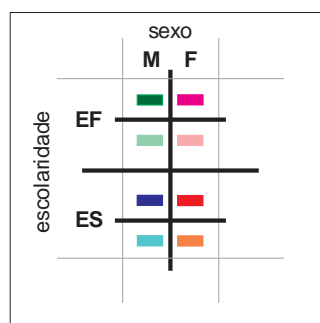
A numeração das localidades contempladas na pesquisa foi feita no seguinte sentido: leste/oeste e norte/sul;

#### 4.1.2 Das cartas linguísticas

- a) As cartas expostas no ALCa são apenas de natureza léxica;
- b) O atlas é onomasiológico e segue a ordem das perguntas do questionário do Projeto ALiB, elaborado por campos semânticos;
- c) No ALCa, todos os campos semânticos do questionário do Projeto ALiB estão presentes em, pelo menos, uma carta. A sequência das cartas equivale à mesma sequência de perguntas do questionário semântico-lexical do ALiB.

##### 4.1.2.1 Da composição da carta léxica

- a) Na parte superior e centralizado o título do atlas e logo abaixo o nome da carta;
- b) Na parte superior e à direita, o número da carta no atlas e logo abaixo o número correspondente a essa pergunta no questionário do Projeto ALiB;
- c) No lado esquerdo, o mapa da cidade e as variantes léxicas de cada localidade;
- d) No lado direito, duas legendas: a primeira contendo uma tabela com as variantes coletadas na pesquisa de campo, que estão dispostas verticalmente obedecendo ao critério da frequência, ou seja, o primeiro item lexical é o mais frequente e o último, o menos frequente; a segunda legenda, que possui uma cruz maior dividida em duas menores, explicita o perfil de cada informante quanto às informações extra-linguísticas como sexo – masculino e feminino – e escolaridade – ensino fundamental e superior – e, implicitamente, a faixa-etária, uma vez que os dois primeiros informantes de cada cruz menor enquadram-se na 1ª faixa etária – 18 a 30 anos – e os dois últimos de cada cruz menor encontram-se na 2ª faixa etária – 45 a 60 anos.



- e) Não foram colocados símbolos para as respostas não-produtivas e para perguntas sem respostas.



**Cartas preliminares ilustrativas**

ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

## O ESTADO DO CEARÁ

MAPA 1





ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**MAPA DE CAPISTRANO NA MESORREGIÃO  
NORTE CEARENSE**

MAPA 2



ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**MAPA DE CAPISTRANO NA MICRORREGIÃO  
DE BATURITÉ**

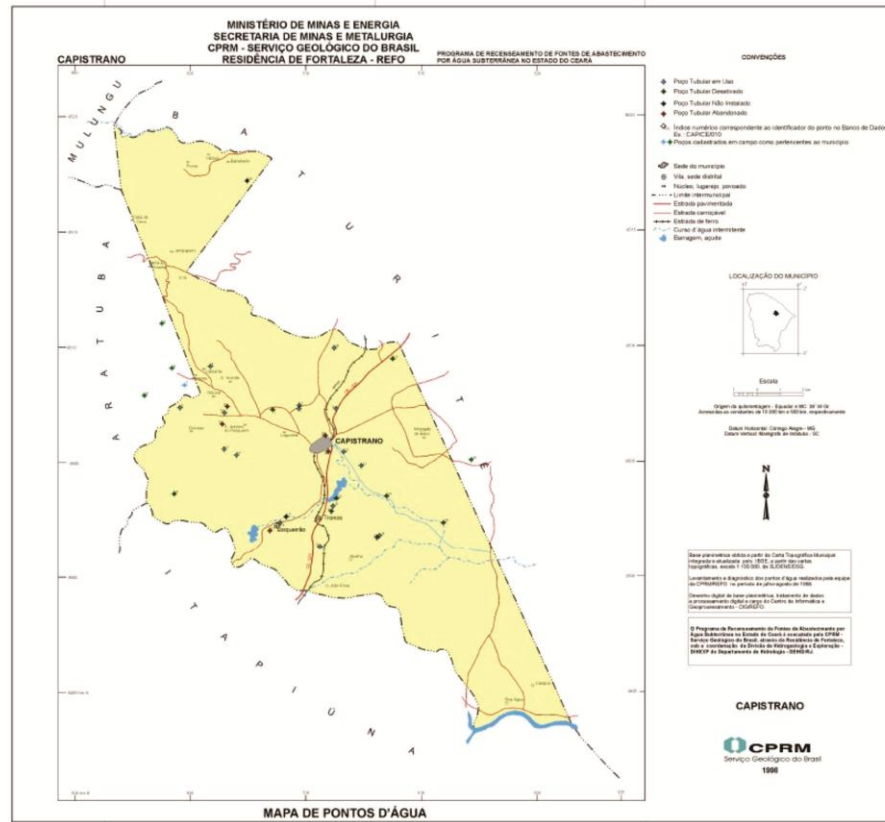
MAPA 3



ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

MAPA DE CAPISTRANO

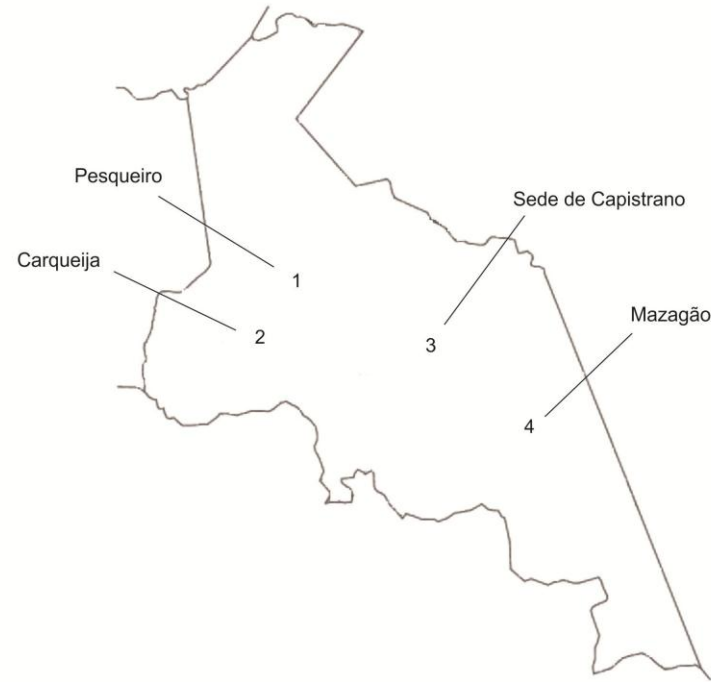
MAPA 4



ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**REDE DE PONTOS DE CAPISTRANO**

MAPA 5

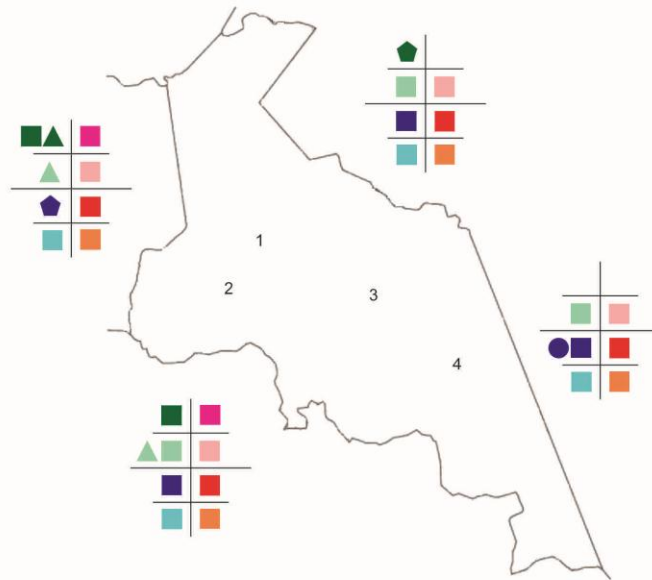


**Cartas lexicais**

ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**RIACHO**  
**RIACHO**

CARTA 1  
(01)



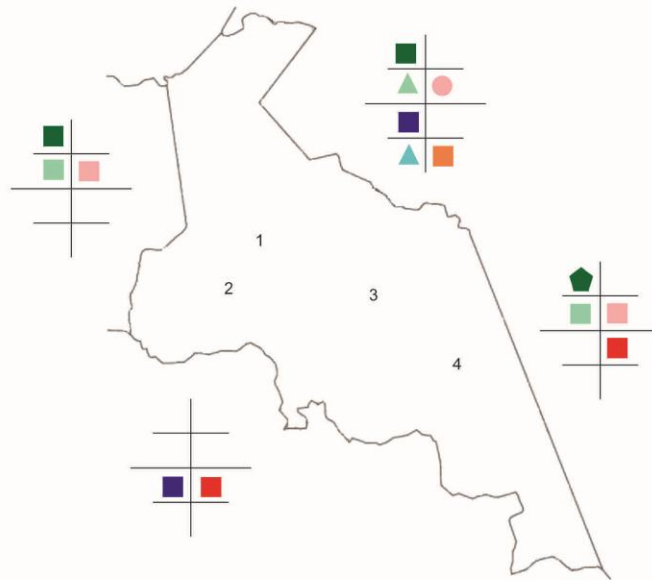
□	riacho
△	grotá
◡	rio
○	córrego



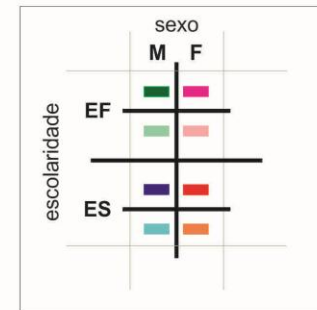
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**REDEMOINHO**  
**REDEMOINHO**

CARTA 2  
(04)



□	redemoinho/redimunho/ridimũil/riodimunho
△	corrupio
◑	funil
○	parafuso

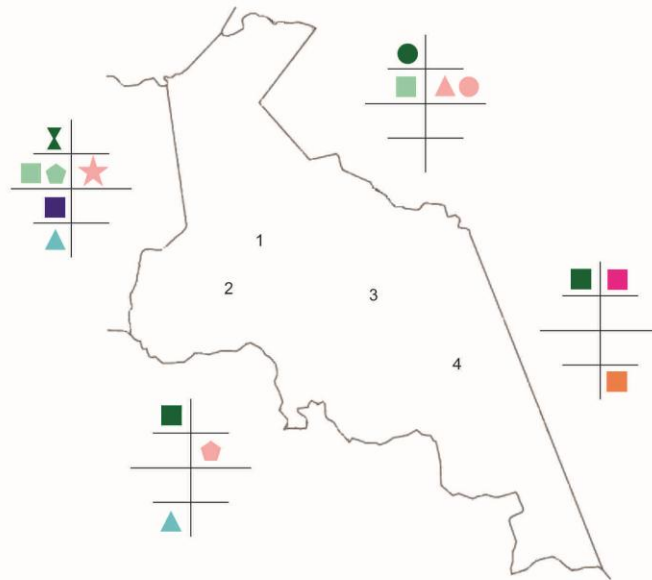


ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**ONDA DE RIO  
CORRENTEZA**

CARTA 3  
(06)

□	correnteza
△	corrente
○	água corrente
◑	onda
★	água mansa
⊗	água morta

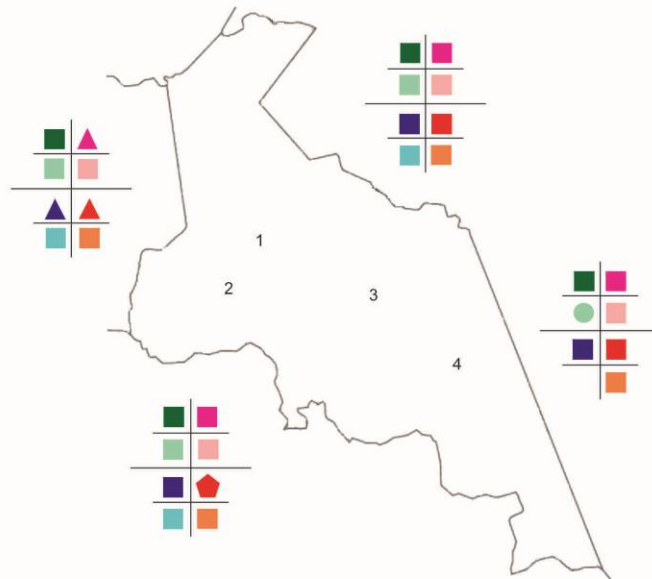




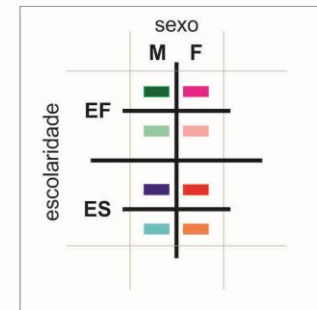
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**REDEMOINHO  
REDEMUNHO**

CARTA 4  
(07)



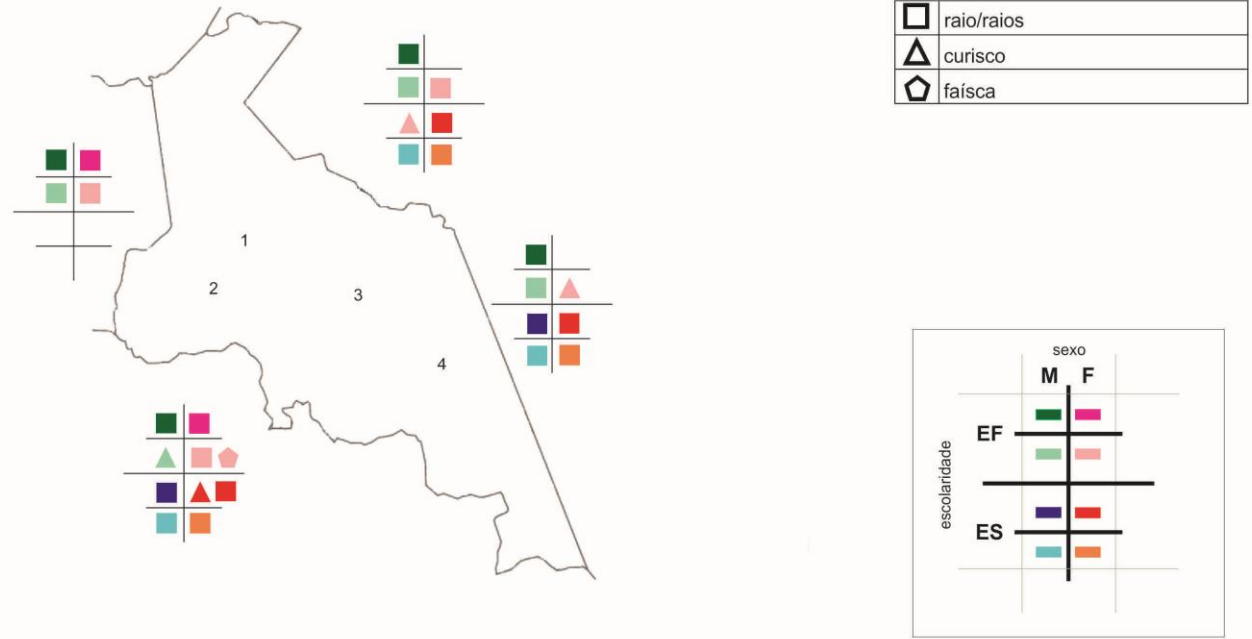
□	redemoinho/redeminho/vindimunho/riodimunho
△	ventania
⬠	redemoinho de vento
○	redimunhozim báxo



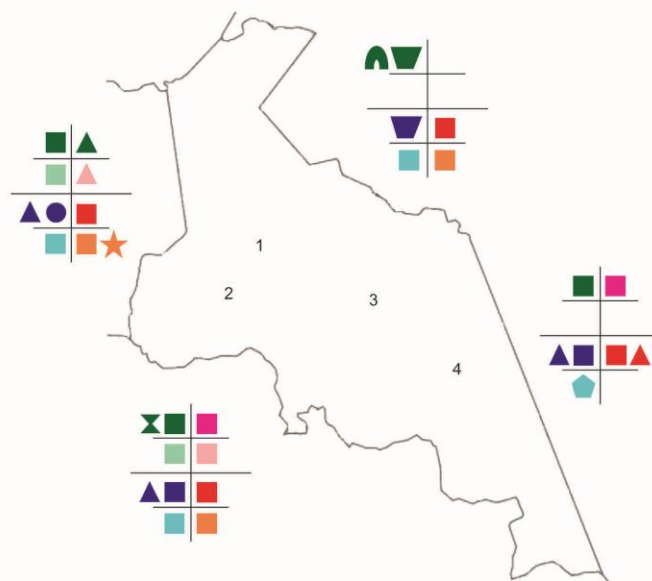
ATLAS LINGÜÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**RAIO**  
**RAIO**

CARTA 5  
(09)



## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**TEMPORAL/TEMPESTADE/VENDAVAL**  
**TEMPESTADE**
CARTA 6  
(11)

□	tempestade
△	temporal
◑	chuva com venaval
○	chuva forte
★	chuva muito forte
⊗	vendaval
∇	ventania
⤴	vento e chuva

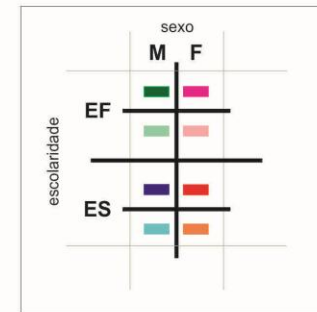
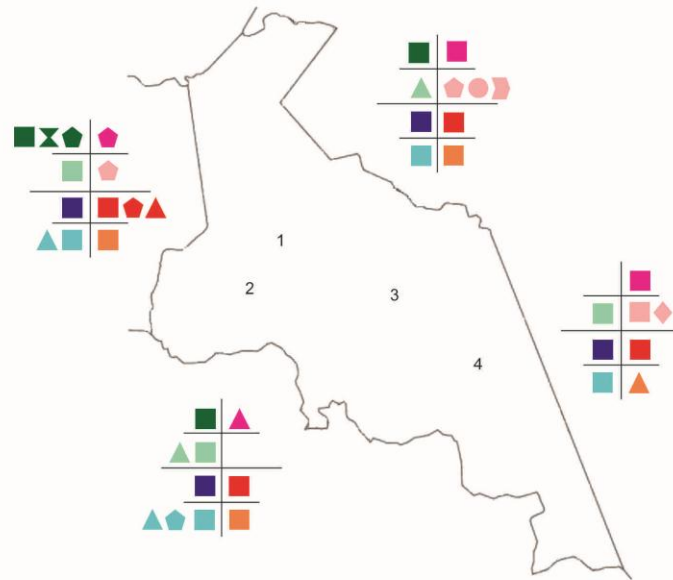
		sexo	
		M	F
escolaridade	EF	█	█
		█	█
	ES	█	█
		█	█

ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

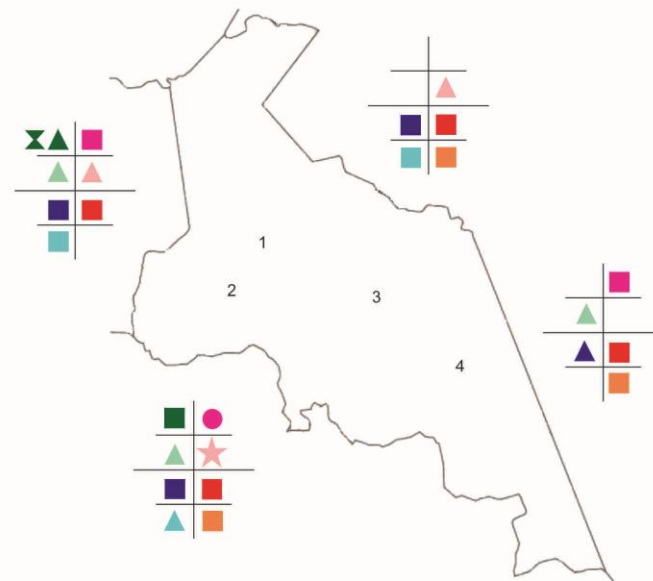
**GAROA  
NEBLINA**

CARTA 7  
(16)

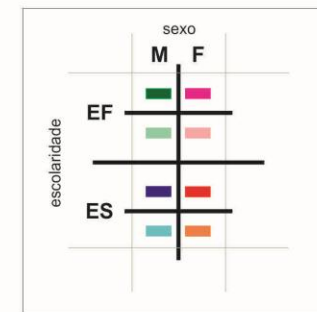
□	neblina/lebrina/nebrina/leblina/lebrinazinha
△	garoa
◊	sereno
⊗	chuva fraca
◇	lebrineiro
∩	respingo



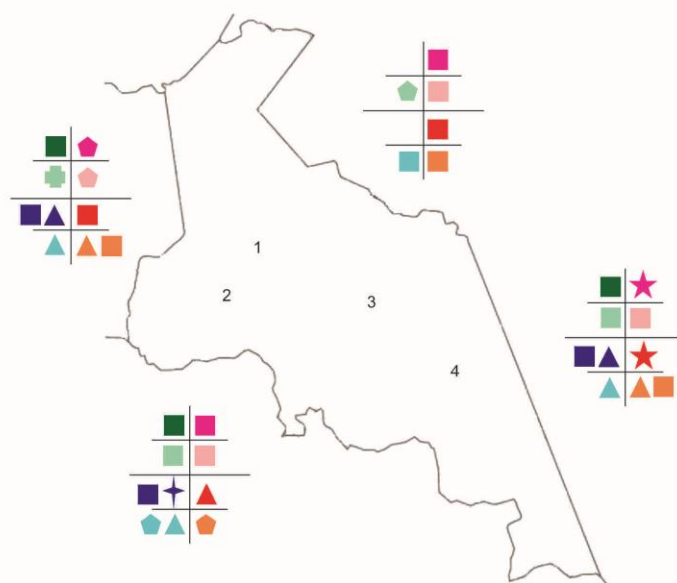
## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA  
ÚMIDA**
CARTA 8  
(19)

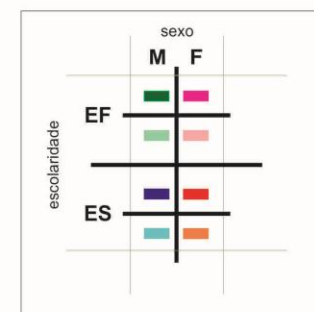
□	úmida
△	barrufada/barrufadinha
○	chuvalhada
★	enchombrada
⊗	zarolha



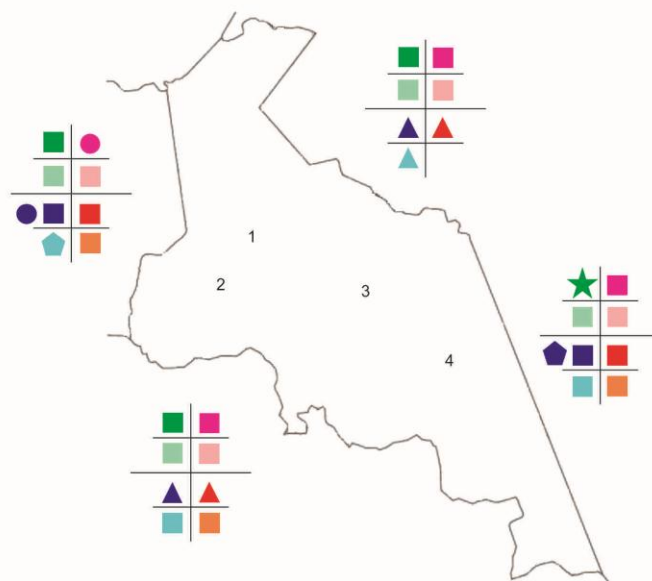
## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**ORVALHO/SERENO**  
**SERENO**
CARTA 9  
(20)

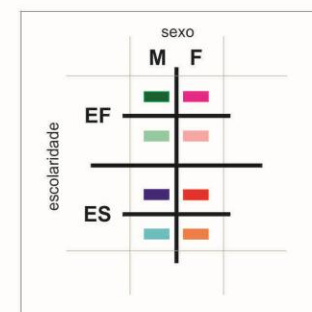
□	sereno
△	orvalho/aruval/oruval/uruvai/uruvalho/aruvalho/oruvalho
⬠	sereno da noite
★	neblina
⊕	orvalho da noite
✦	sublimação



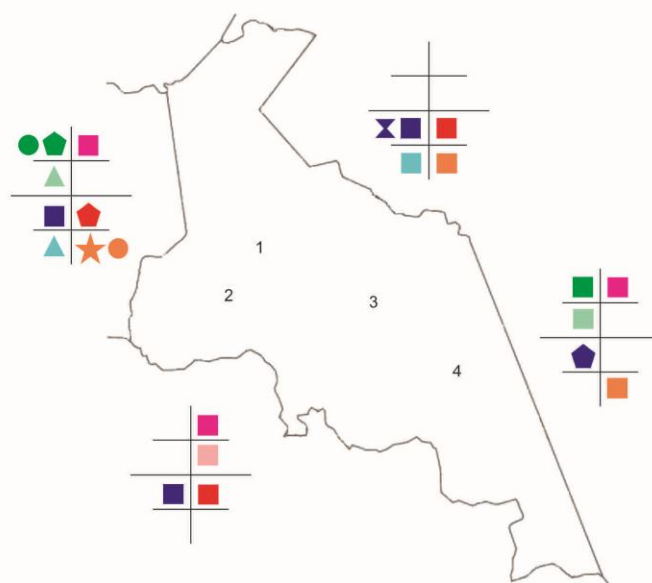
## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

NEVOEIRO/CERRAÇÃO/NEBLINA  
NEVECARTA 10  
(21)

□	neve/neves
△	névoa
⬠	nevoeiro
○	nublado
★	nevoada



## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**ESTRELA CADENTE/ESTRELA FILANTE/METEORO/ZELAÇÃO**  
**ESTRELA CADENTE**
CARTA 11  
(31)

□	estrela cadente
△	cadente
◑	cometa
○	meteoro
★	aparelho no céu
⊗	meteorito

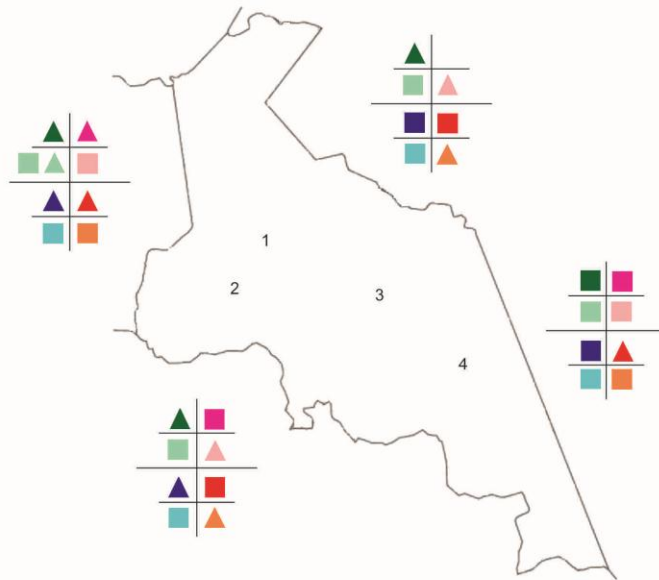
		sexo	
		M	F
escolaridade	EF	█	█
		█	█
	ES	█	█
		█	█



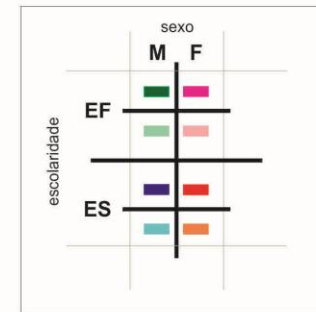
ATLAS LINGÜÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**ANTEONTEM**  
**ANTEONTEM**

CARTA 12  
(37)



□	anteontem/antonte/ontonte
△	antes de ontem/ans de ontem/ons de ontem

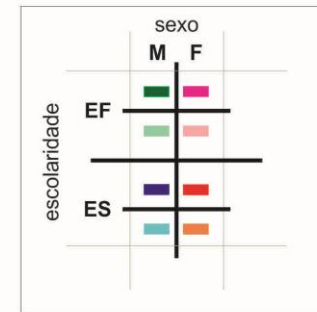
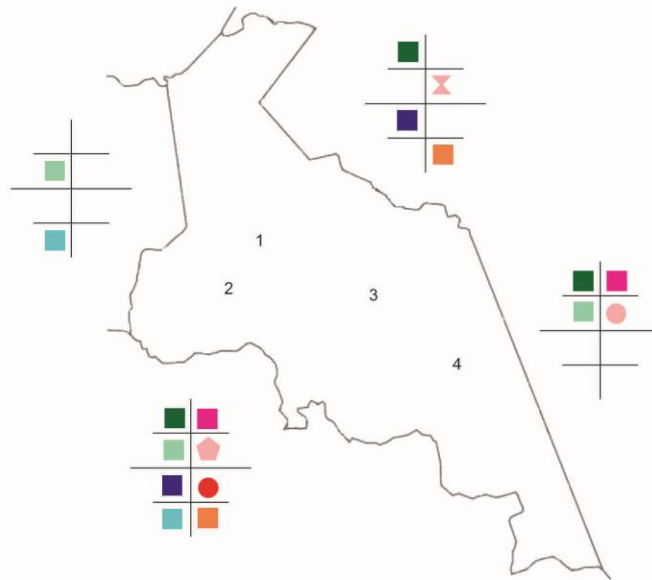


ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**TRASANTEONTEM  
TERNANTONTE**

CARTA 13  
(38)

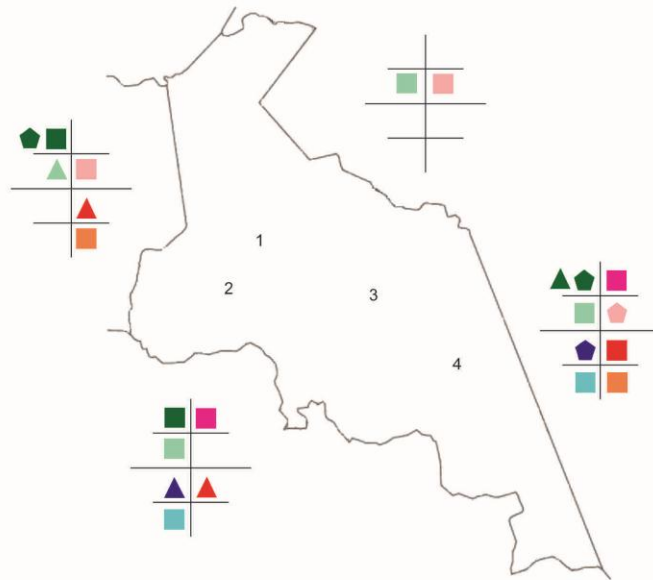
□	ternantonte/terantonte/ternoanteontem/ternoantonte
○	anteantonte/ante de antonte
⬠	ans de ans de ontem
⌵	ontonte



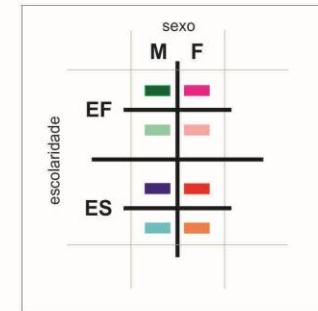
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**HASTES DO CARRINHO DE MÃO**  
**CABO**

CARTA 14  
(53)



□	cabo
△	mão
⬠	braço

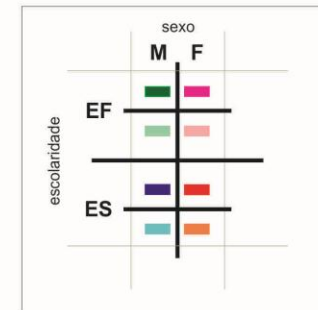
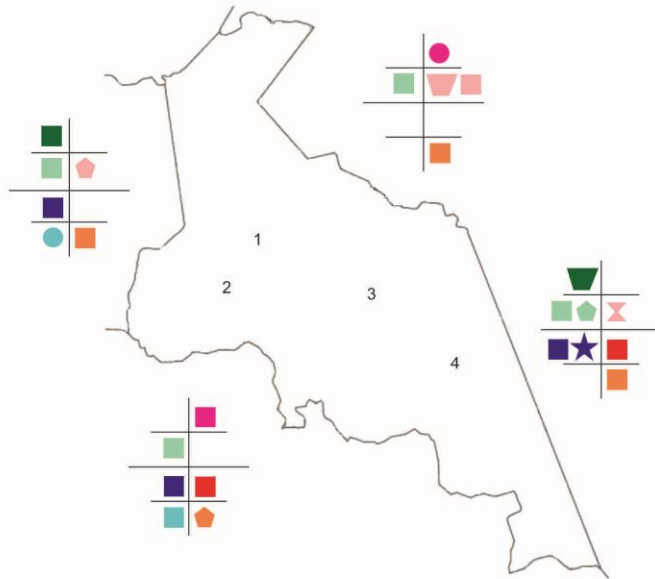


ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

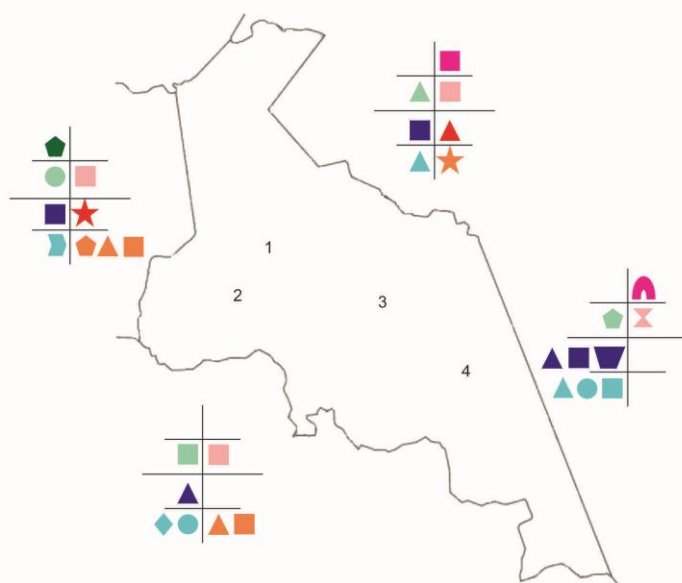
**BORREGO  
BORREGO**

CARTA 15  
(59)

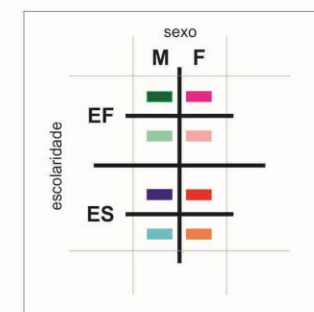
□	borrego/borreguinho
◡	carneirinho
○	ovelhinha
▽	marrã/marrãzinha
★	cordeiro
⊗	filhote



## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA  
TRABALHADOR**
CARTA 16  
(61)

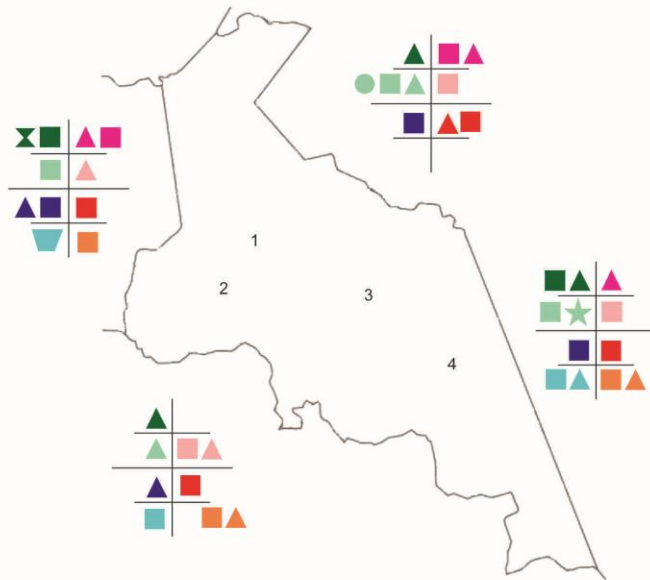
□	trabalhador
△	agricultor
⬠	alugado
○	peão
★	trabalhador rural
⌘	diarista
▽	empregado
⤴	servidor
◇	trabalhador de enxada
▷	trabalhador de roça



ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**PICADA/ATALHO ESTREITO  
VAREDA**

CARTA 17  
(62)



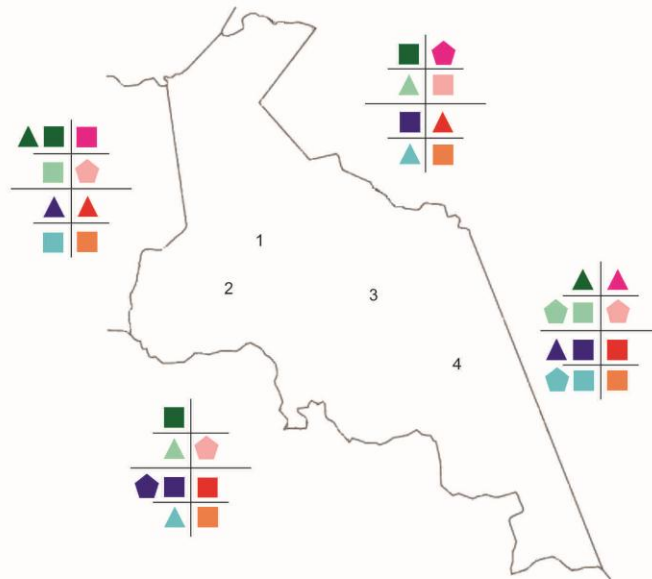
□	vareda/vereda/varedinha
△	caminho
○	estrada
★	picada
⌘	pique
▽	trilha



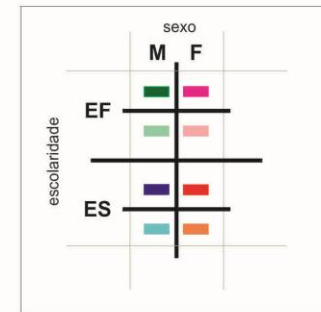
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**TRILHO/CAMINHO/VEREDA/TRILHA**  
**CAMINHO**

CARTA 18  
(63)



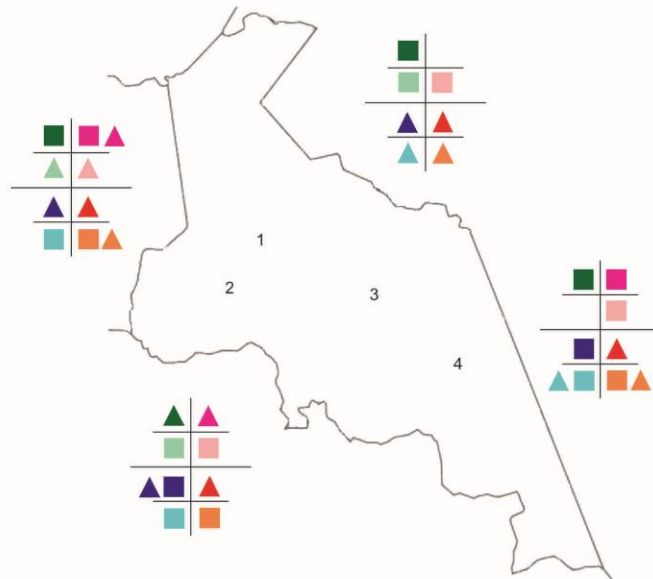
□	caminho
△	estrada
⬠	vareta/vereda/veredinha



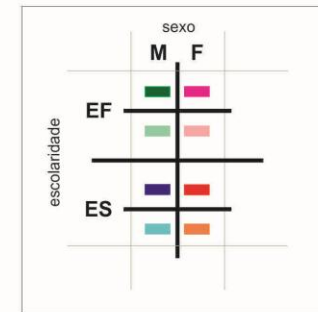
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**JOÃO-DE-BARRO**  
**MARIA-DE-BARRO**

CARTA 19  
(66)



□	maria-de-barro
△	joão-de-barro





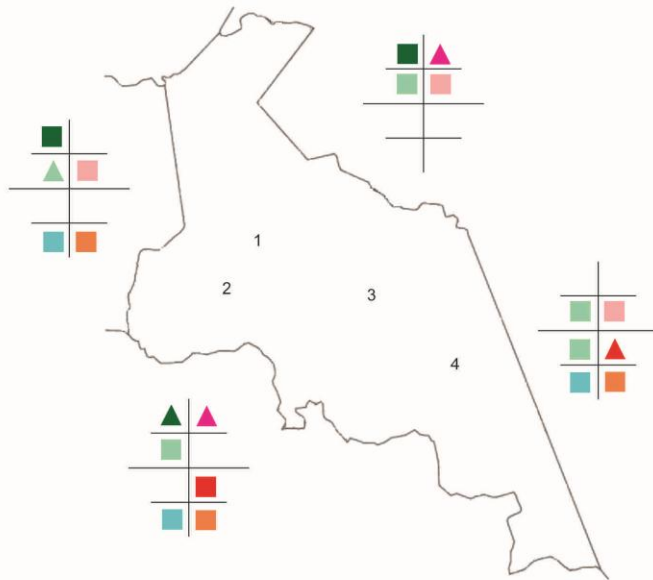
## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**GALINHA D'ANGOLA/GUINÉ/COCAR**  
**CAPOTE**
CARTA 20  
(67)

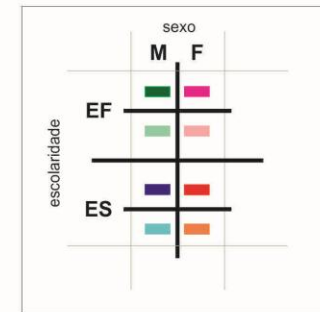
ATLAS LINGÜÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**SURA**  
**SURA**

CARTA 21  
(69)



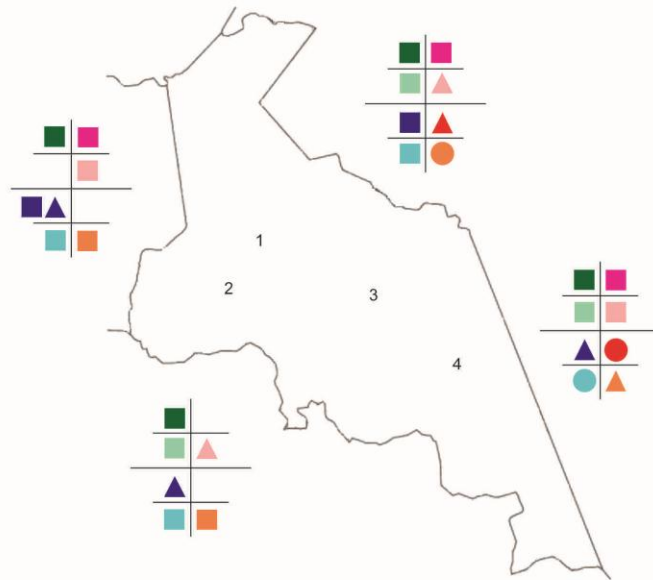
□	sura
△	bicó



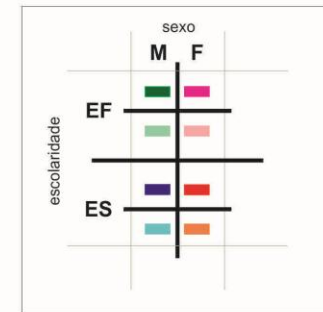
ATLAS LINGÜÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**COTÓ**  
**BICÓ**

CARTA 22  
(70)



□	bicó
△	cotó
○	rabicó

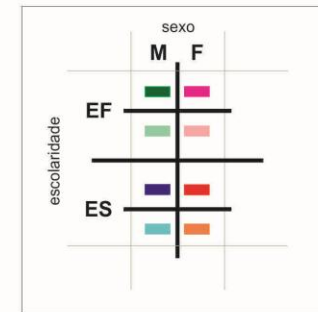
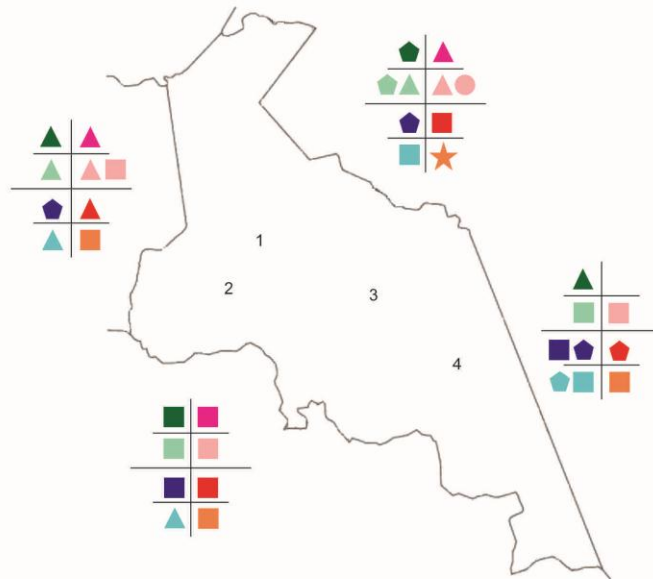


ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**PATAS DIANTEIRAS DO CAVALO**  
**PATA**

CARTA 23  
(72)

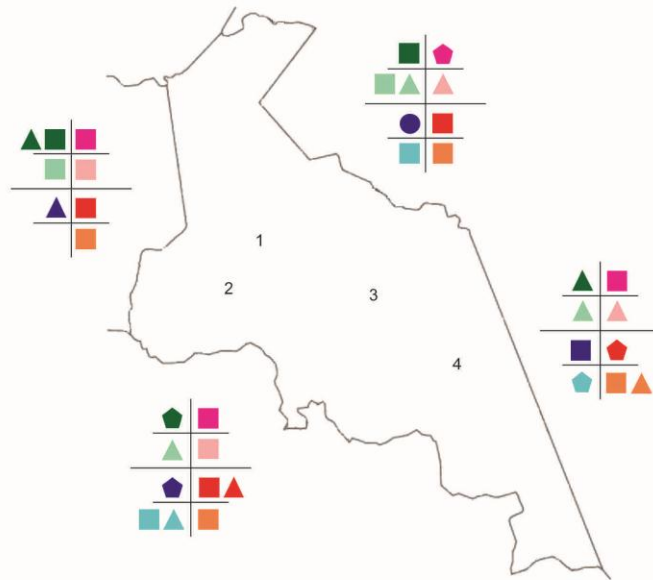
□	pata/patas
△	mão/mãos
◑	perna/pernas
○	canela
★	pata diantera



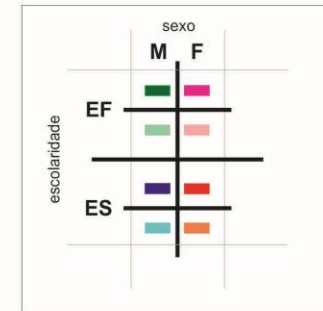
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**LOMBO**  
**LOMBO**

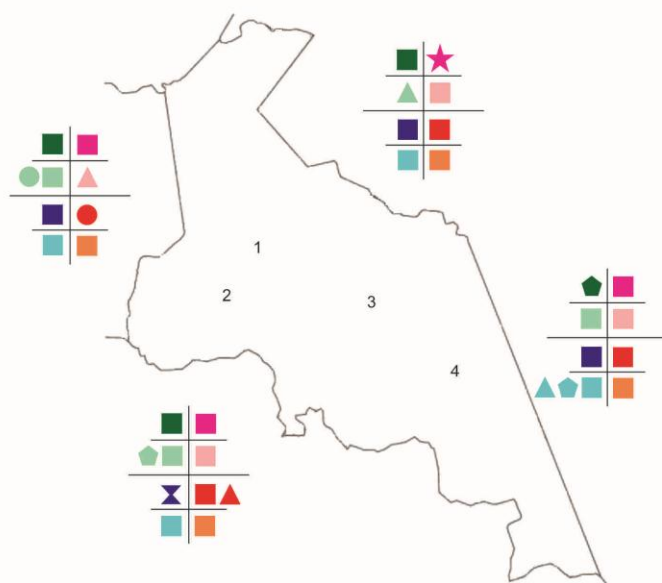
CARTA 24  
(75)



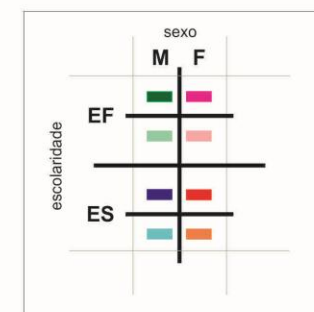
□	lombo
△	espinhaço
⬠	costa
○	dorso



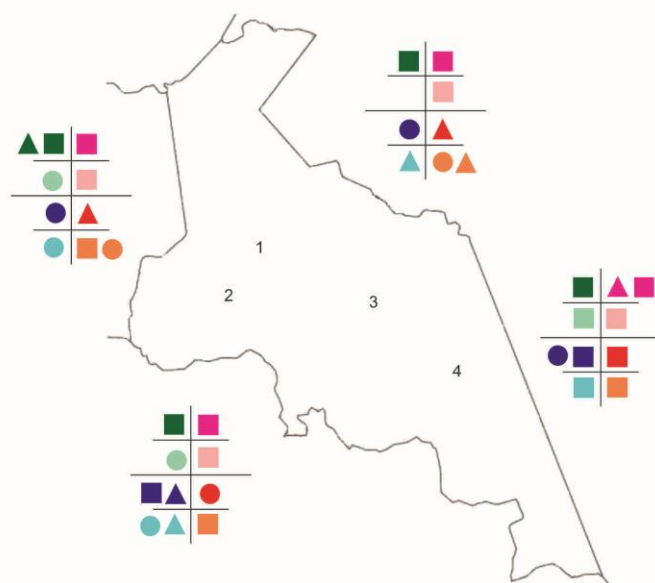
## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

ANCA/GARUPA/CADEIRA  
GARUPACARTA 25  
(76)

□	garupa
△	quarto/quartos
⬠	traseira
○	anca
★	bunda
⊗	quadril



## ATLAS LINGÜÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**ÚBERE**  
**PEITO**
CARTA 26  
(80)

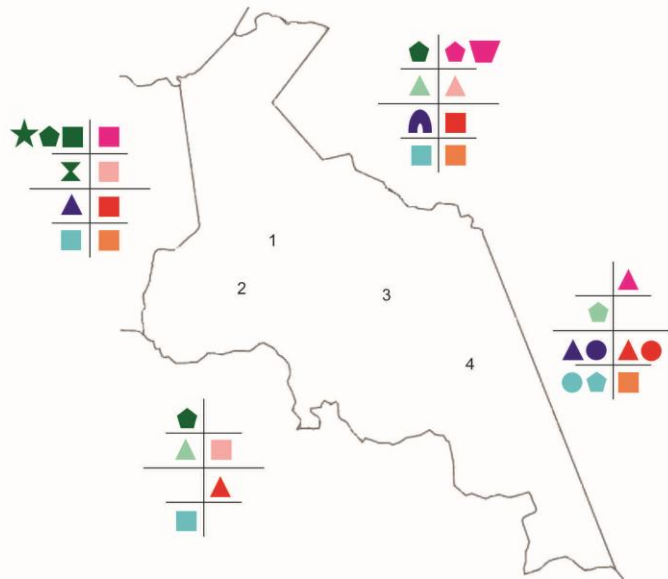
□	peito/peitos
○	úbere/úberes/úbre/úbro
△	teta/tetas

escolaridade	sexo	
	M	F
EF	█	█
	█	█
ES	█	█
	█	█

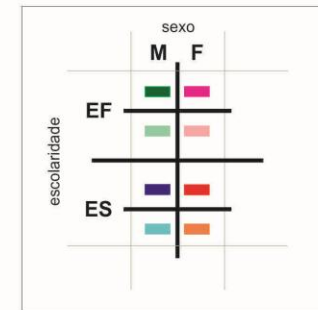
ATLAS LINGÜÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**MANCO**  
**MANCO**

CARTA 27  
(82)

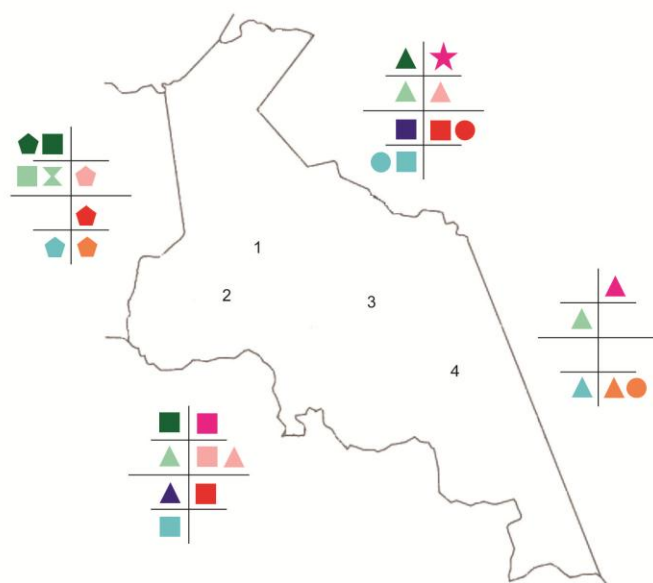


□	manco
△	coxó
◑	alejado
○	cotó
★	caxinga
⊗	caxingó
∇	deficiente
⤴	mancador

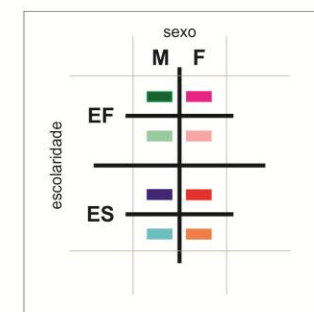




## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**LIBÉLULA**  
**BEBE-ÁGUA/LAMBE-ÁGUA**
CARTA 28  
(85)

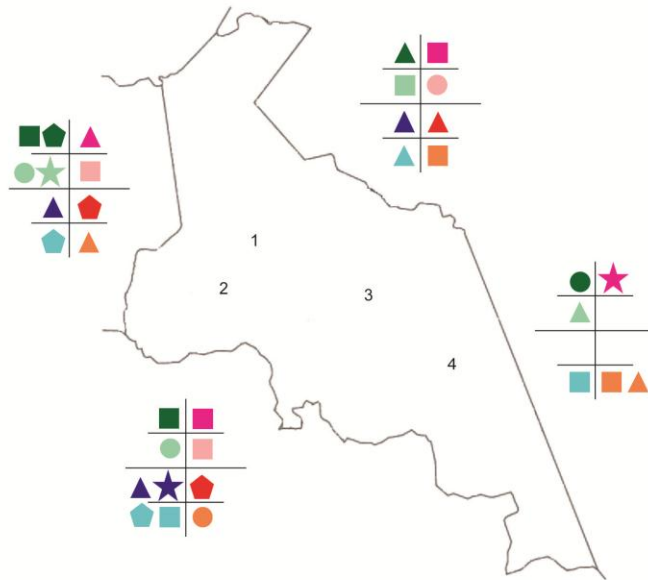
□	bebe-água
△	lambe-água
⬠	beja-água
○	libélula
★	benze-água
⊗	jingue-jingue



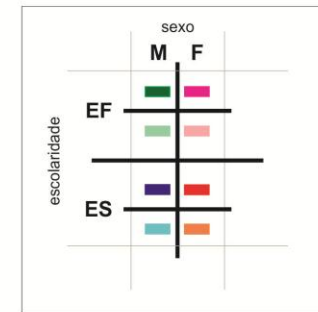
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**BICHO DE FRUTA  
TAPURU**

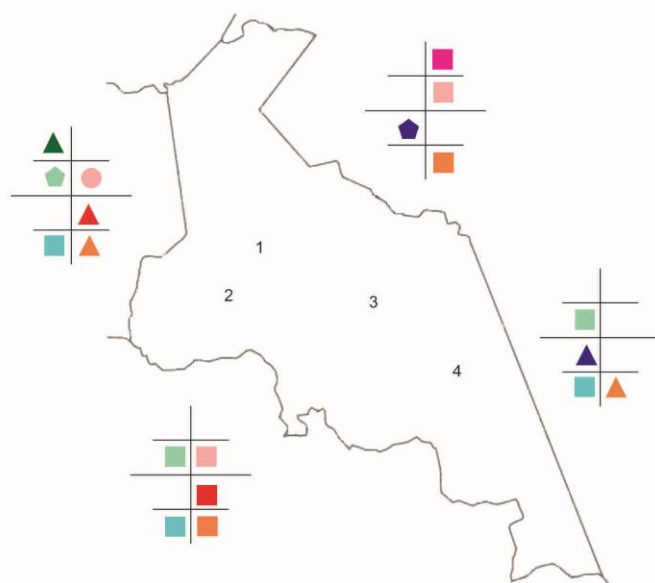
CARTA 29  
(86)



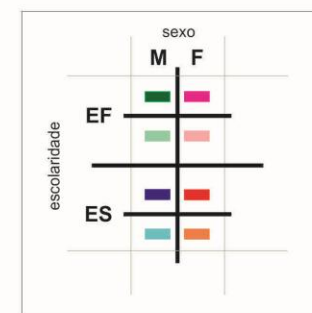
□	tapuru
△	bicho
⬠	bicho da goiaba
○	lagarta/lagarto/lagartinha
★	corongo/gorongo



## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**PÁLPEBRAS/CAPELA DOS OLHOS**  
**PESTANA**
CARTA 30  
(89)

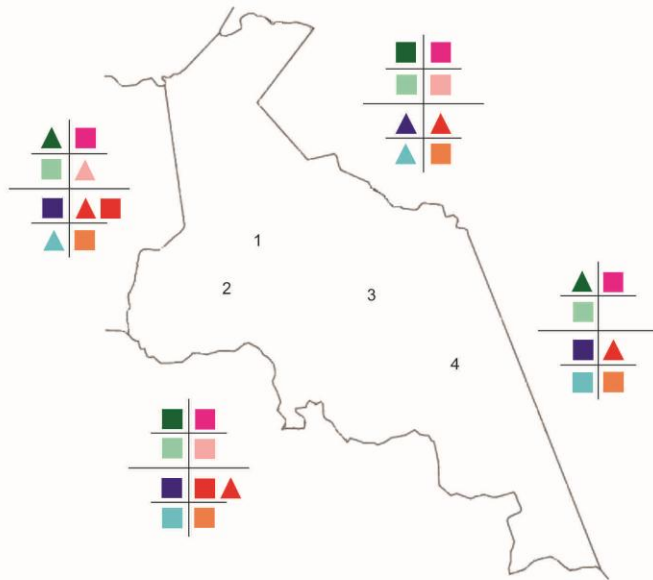
□	pestanda/pestandas
△	pálpebra/pálpebras/pálpas/pálpera
◑	supercílio
○	coro do olho



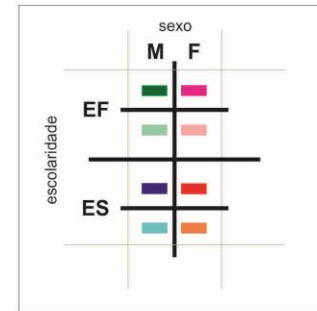
ATLAS LINGÜÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**CISCO**  
**ALGUERO**

CARTA 31  
(90)



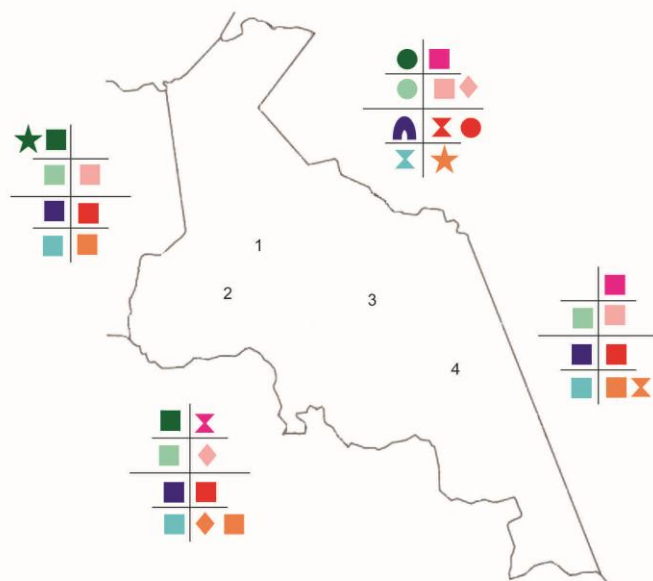
□	alguero
△	cisco



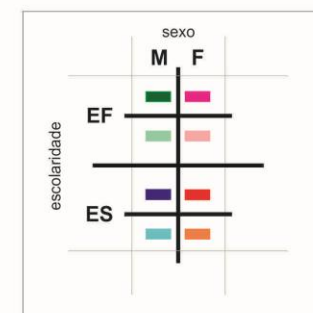
## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**VESGO**  
**ZANOIO**

CARTA 32  
(92)



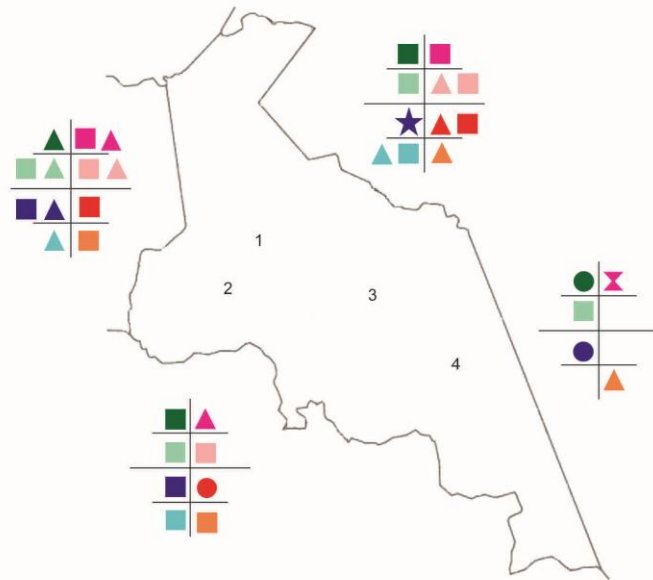
□	zanolho/zanoio/zanôï
○	caralho/caraôï
◇	olho atravessado/ôï atravessado/ôï treverso
⊗	zarolho/zarôï
★	vesgo
⤴	estrábico



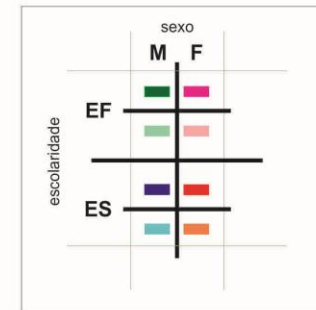
ATLAS LINGÜÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**MELECA/TATU  
CATARACA**

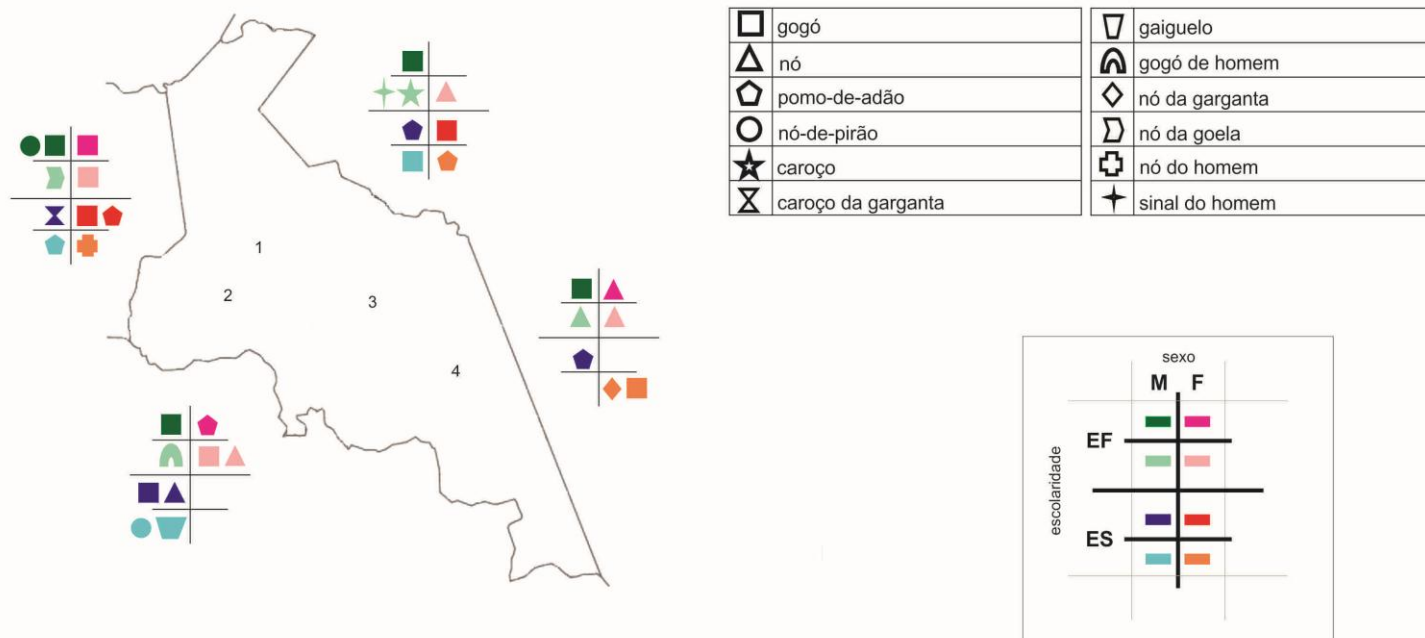
CARTA 33  
(102)



□	cataraca/catarata
△	meleca
○	remela
★	sujera
⊗	catoto



## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**POMO-DE-ADÃO/GOGÓ**  
**GOGÓ**
CARTA 34  
(105)

ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**AXILA  
SOVACO**

CARTA 35  
(108)

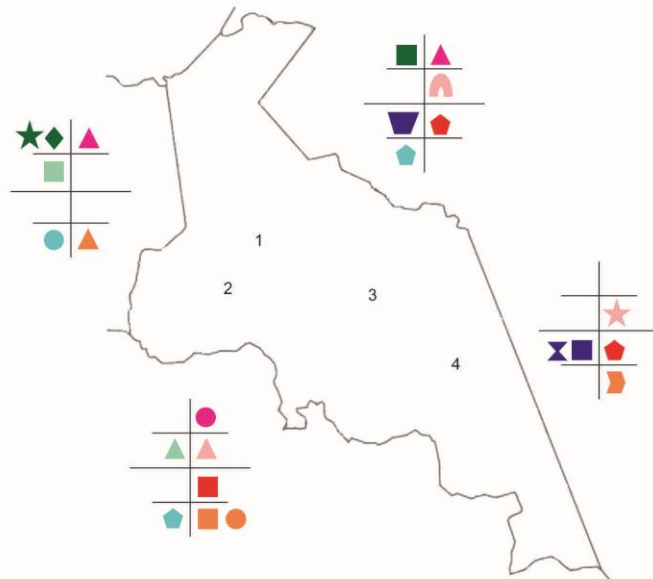




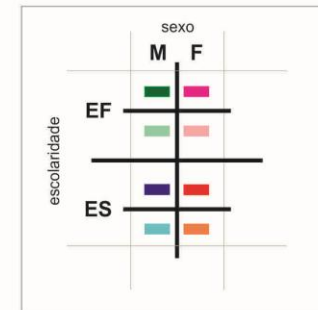
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**CHEIRO NAS AXILAS  
CATINGA/SUOR**

CARTA 36  
(109)



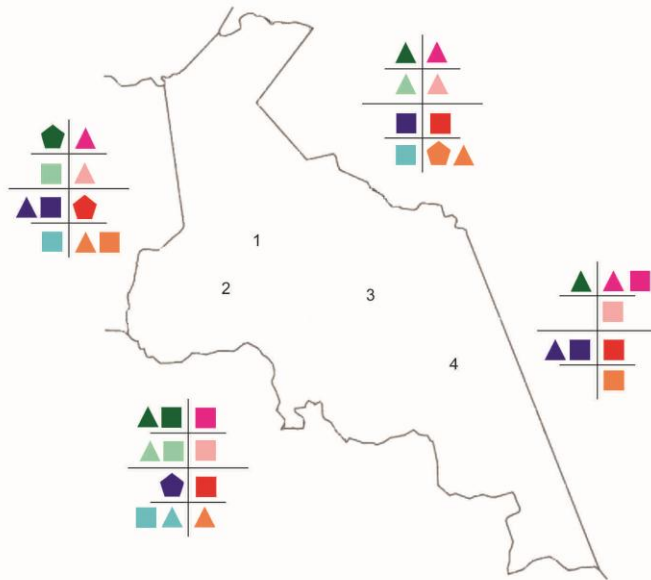
□	catinga
△	suor
⬠	sovaquera
○	odor
★	mau-chero
⊗	fedor
∇	mau odor
⤴	sovaco fedorento
◇	sovaco pode
⊞	suor fedido



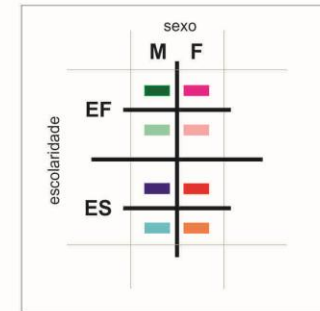
ATLAS LINGÜÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

ÚTERO  
ÚTERO

CARTA 37  
(113)



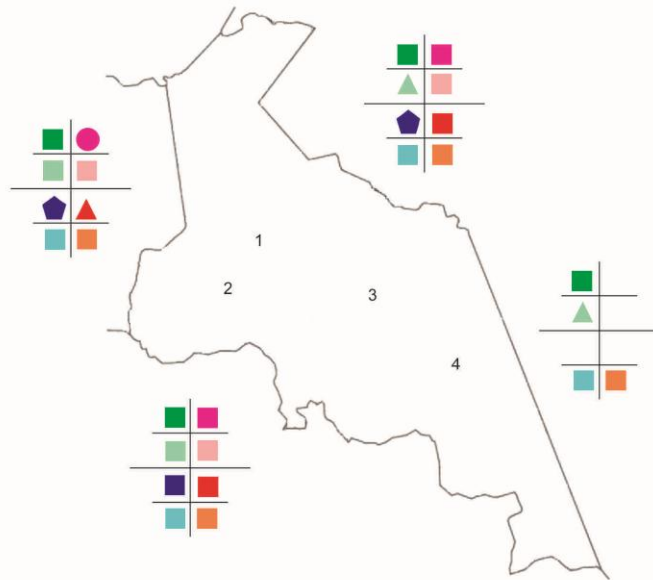
□	útero/útro
△	barriga
◓	ventre



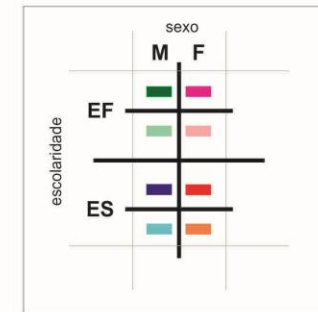
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS  
CAMBOTA**

CARTA 38  
(116)



□	camboto/cambota
△	zambeta
⬠	pernas tortas
○	vambeto

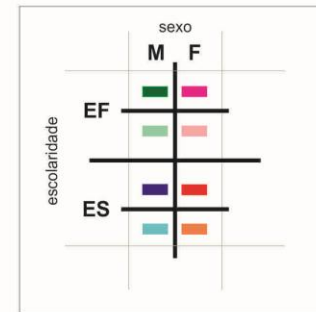
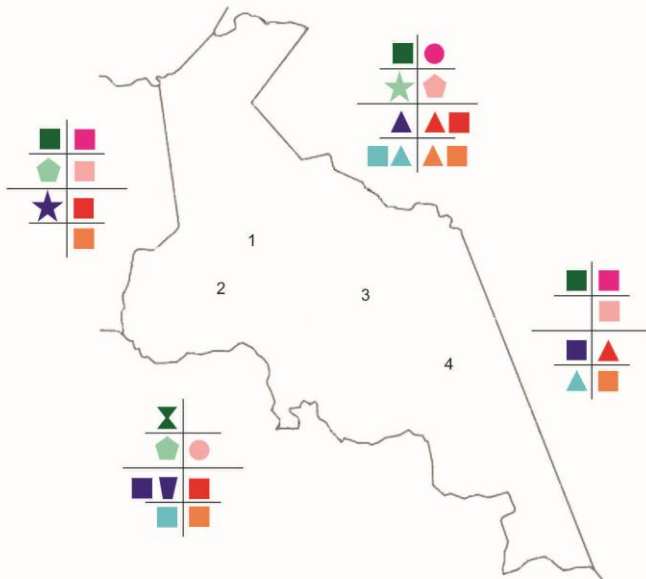


ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

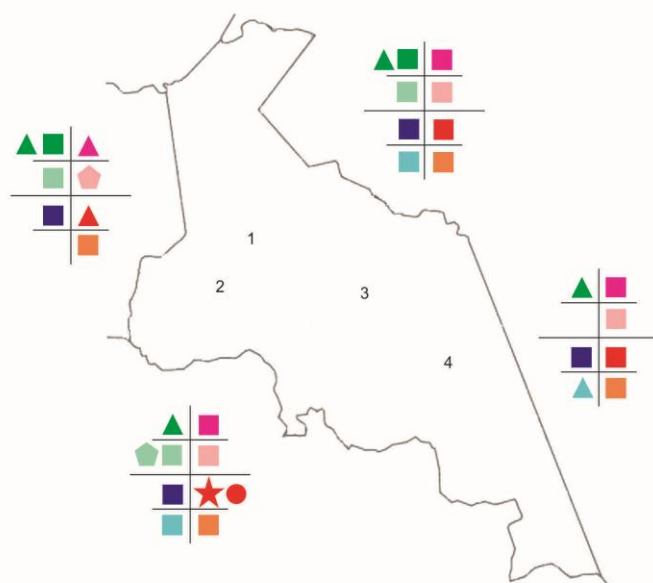
**DAR À LUZ  
PARIR**

CARTA 39  
(124)

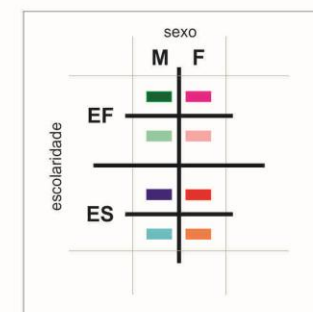
□	parir
△	dar à luz
◊	ter neném
○	ganhar neném
★	ter a criança
⊗	ter o bebê
▽	ter o filho



## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**FILHO MAIS MOÇO/CAÇULA**  
**CAÇULA**
CARTA 40  
(131)

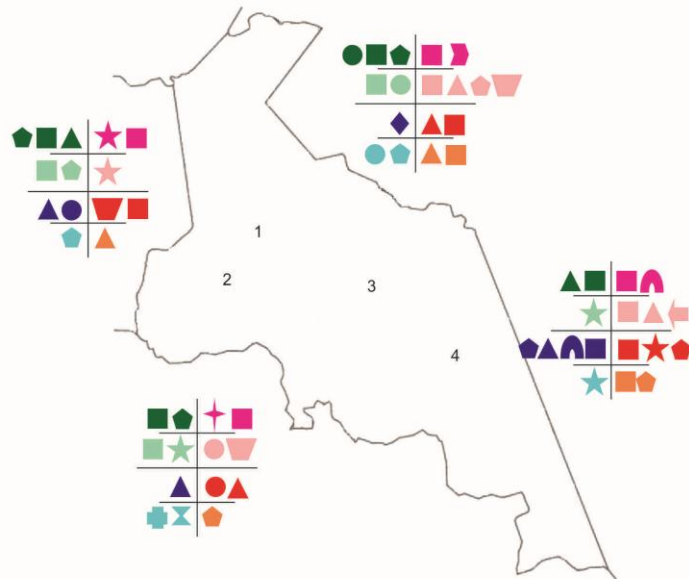
□	caçula/caçulo
△	mais novo
⬠	derradero
○	rabeira
★	raspa do tacho



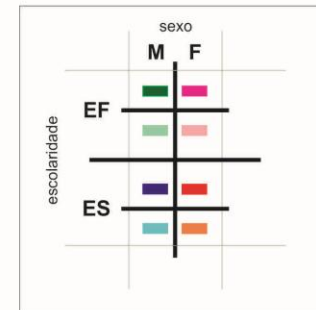
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**PESSOA SOVINA**  
**MISERÁVE**

CARTA 41  
(138)



□	miserável/miseráve	⤴	mão-de-bebê
△	mão-de-vaca	◇	avarento
◑	sovino/silvino	⤵	mão-dura
○	pão-duro	⊕	mequinho
★	seguro	✦	muquirana
▽	mão-fechada	↩	ureca

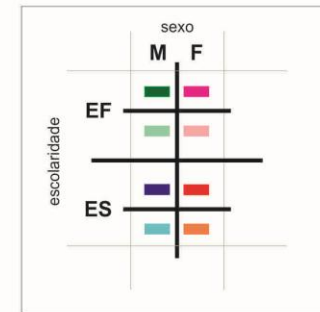
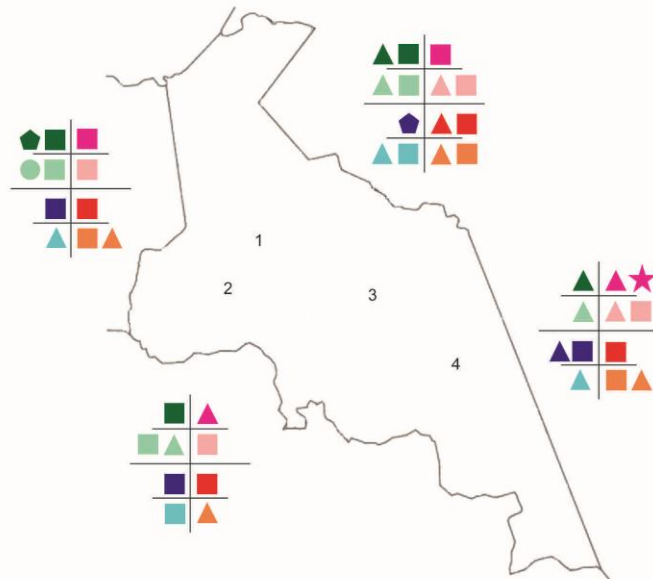


ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**MARIDO ENGANADO  
CORNO**

CARTA 42  
(141)

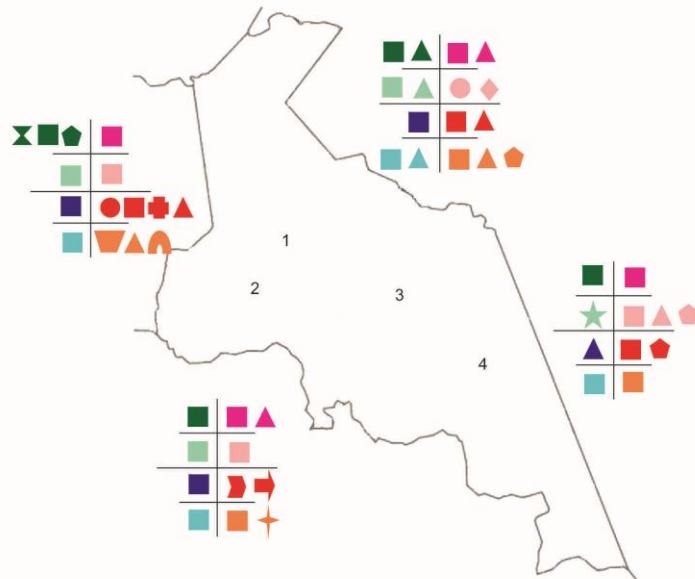
□	corno
△	chifrado
◊	traído/marido traído
○	boi
★	galha



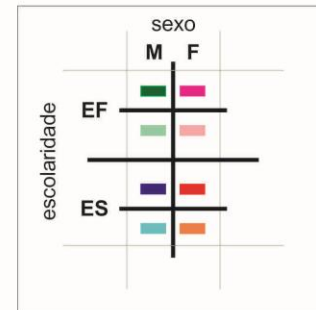
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**PROSTITUTA  
PROSTITUTA**

CARTA 43  
(142)

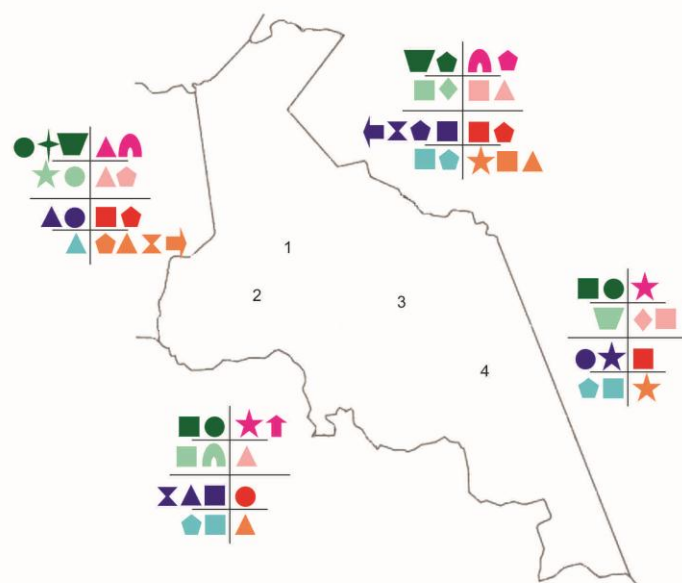


□	prostituta	⤴	mulhé sem-vergonha
△	rapariga	◇	mulhé fácil
⬠	puta	⤵	periguete
○	mulhé da vida	⊕	quenga
★	mulhé barata	✦	vadia
⌘	mulhé de cabaré	⇨	vagabunda
∇	mulhé de programa		

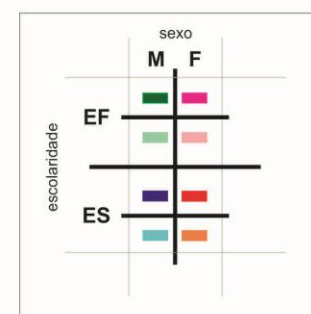




## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**BÊBADO (DESIGNAÇÕES)  
CACHACERO**
CARTA 44  
(144)

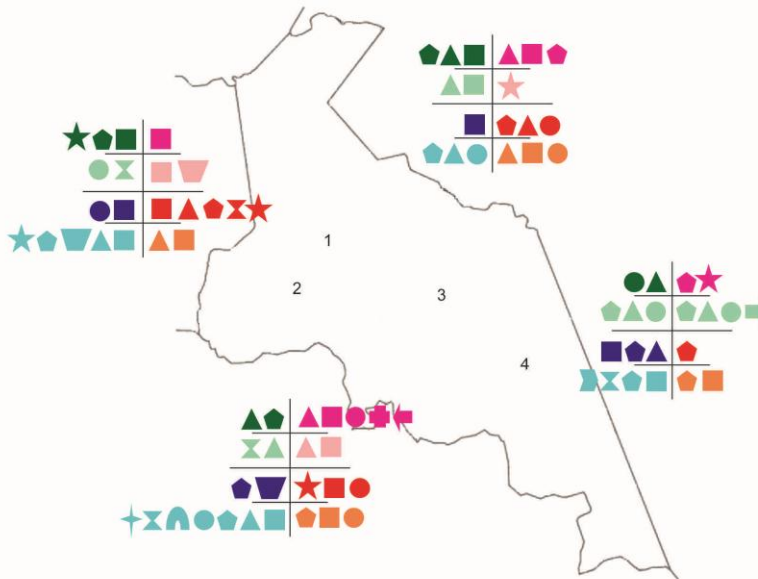
□	cachacero	⤴	bebão
△	bebarrão	◇	alcólico/alcóli
⬠	alcólatra/alcólitra	✦	bebum
○	papudim	⇨	pé-de-balcão
★	bêbado	⇩	pé-de-cana
⊗	pinguço	↑	troco-de-garrafa
∇	viciado/aviciado		



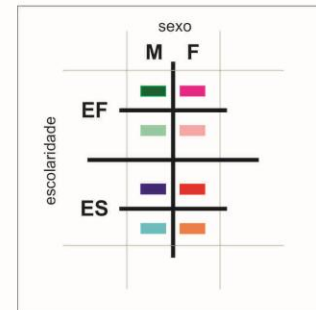
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**DIABO  
DIABO**

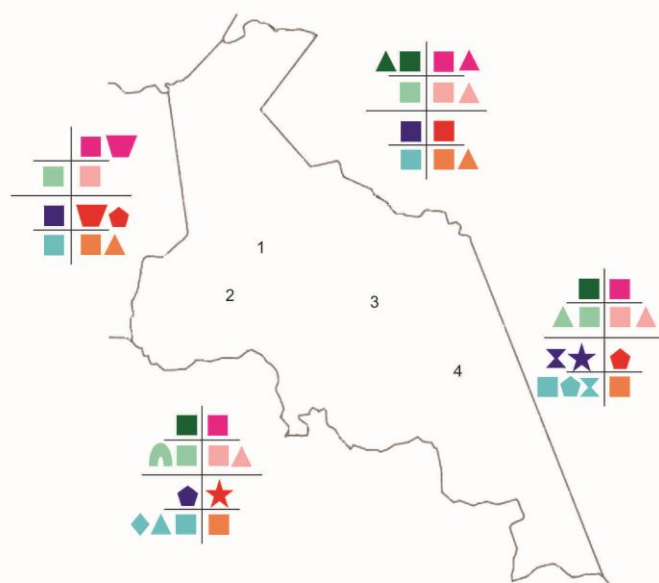
CARTA 45  
(147)



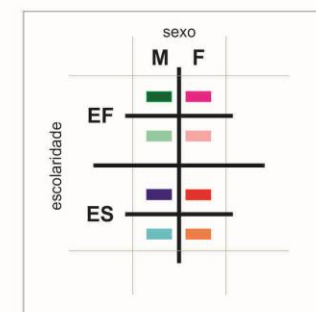
□	diabo	⤴	sujo
△	cão	⤵	encardido
◡	demônio/demõi	⊕	inimigo
○	satanás	✦	malfazejo
★	coisa ruim	⤴	rude
⊗	capeta	⤵	sapirote
▽	lucifer		



## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**FANTASMA**  
**ALMA**
CARTA 46  
(148)

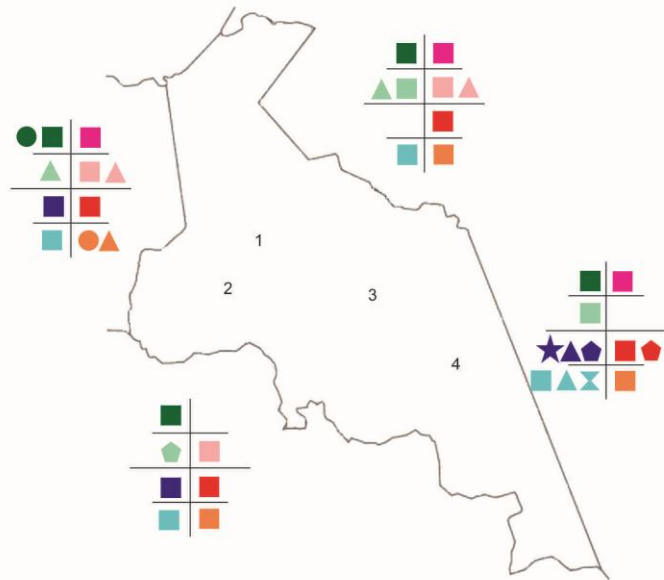
□	alma
△	visagem/visage
◊	assombração
★	alma penada
⊗	espírito
▽	fantasma
⤴	visão
◇	vulto



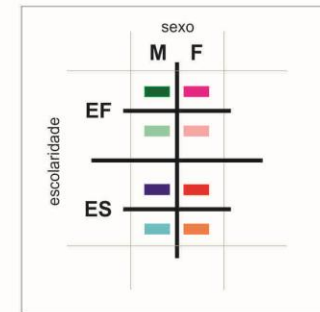
ATLAS LINGÜÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**FEITIÇO  
MACUMBA**

CARTA 47  
(149)



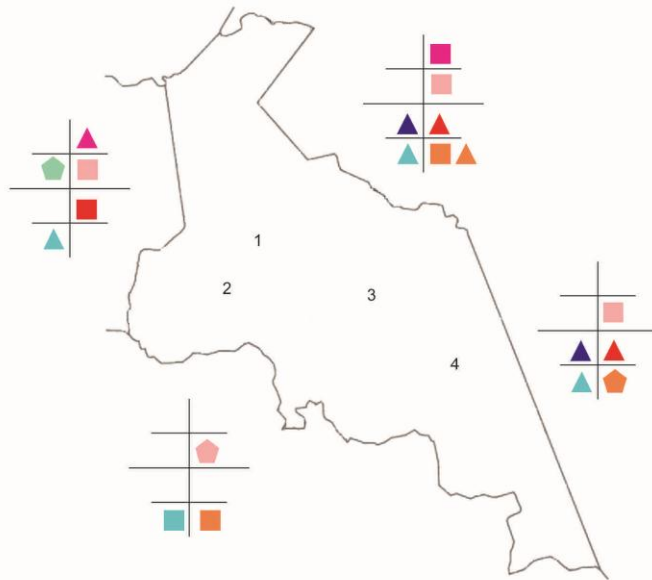
□	macumba
△	bruxaria
◻	feitiço
○	feitiçaria
★	despacho
⊗	mandinga



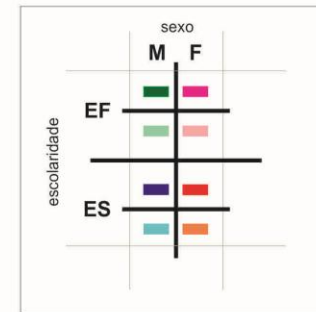
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**PRESEPIO  
LAPINHA**

CARTA 48  
(154)



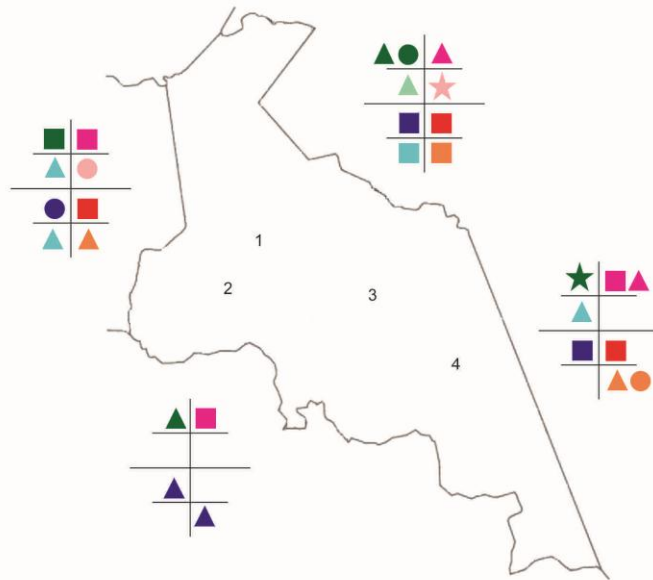
□	lapinha
△	presepio
⬠	manjedora



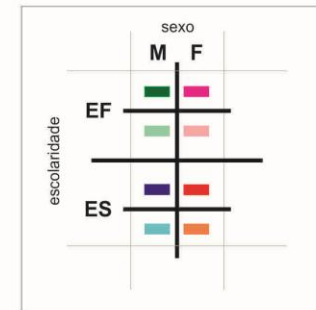
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**CAMBALHOTA**  
**CAMBALHOTA**

CARTA 49  
(155)



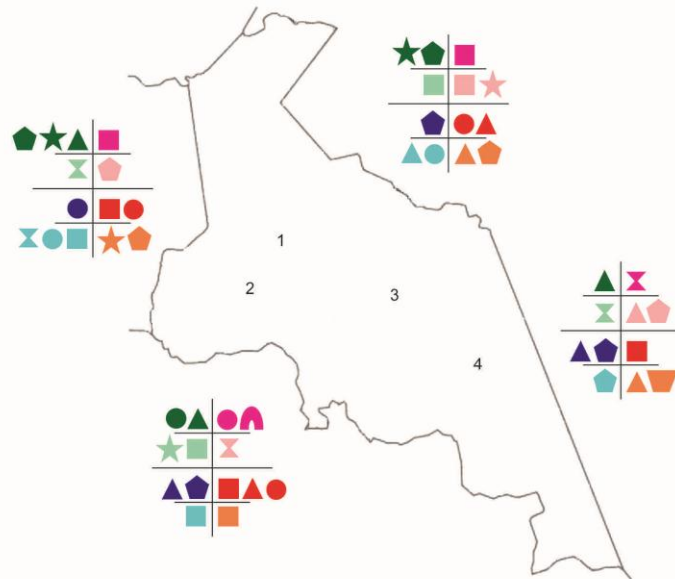
□	cambalhota
△	bunda canasca/bunda canassa
○	cangapé
★	mana canasca/mana canassa



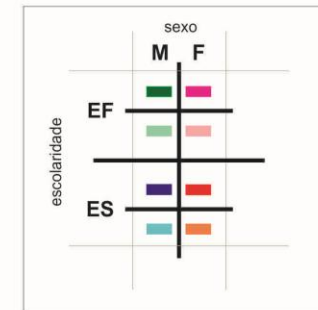
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**VASO SANITÁRIO/PATENTE  
APARELHO/PRIVADA**

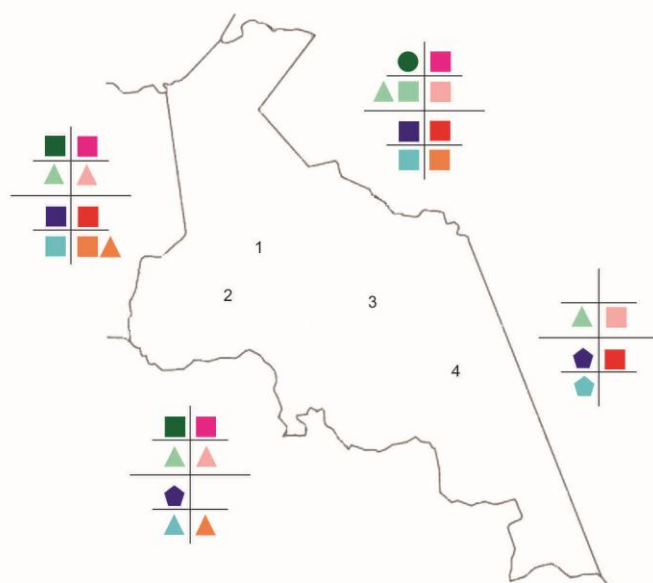
CARTA 50  
(170)



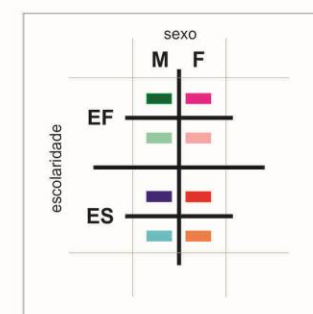
□	aparelho
△	privada
◑	vaso sanitário
○	vaso
☆	bojo
⊗	sanitário
∇	aparelho sanitário
⌒	trono



## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**FULIGEM**  
**TIRNA**
CARTA 51  
(171)

□	tirna
△	pucumã
⬠	fumaça
○	fuligem



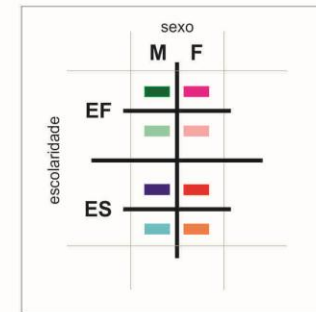
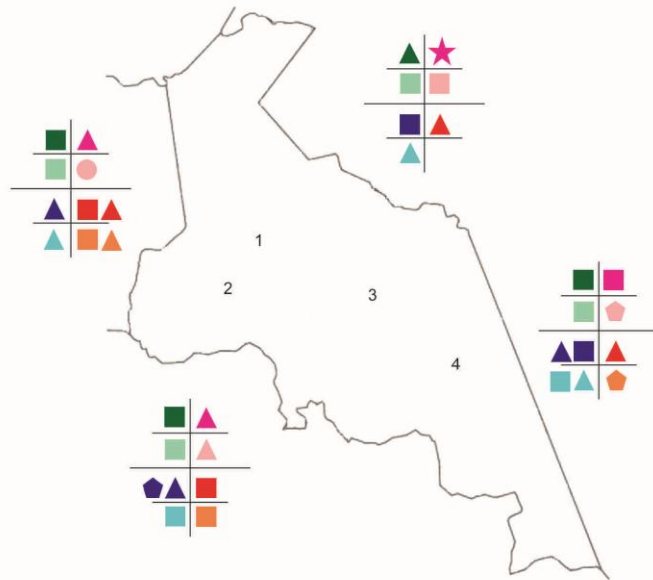


ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

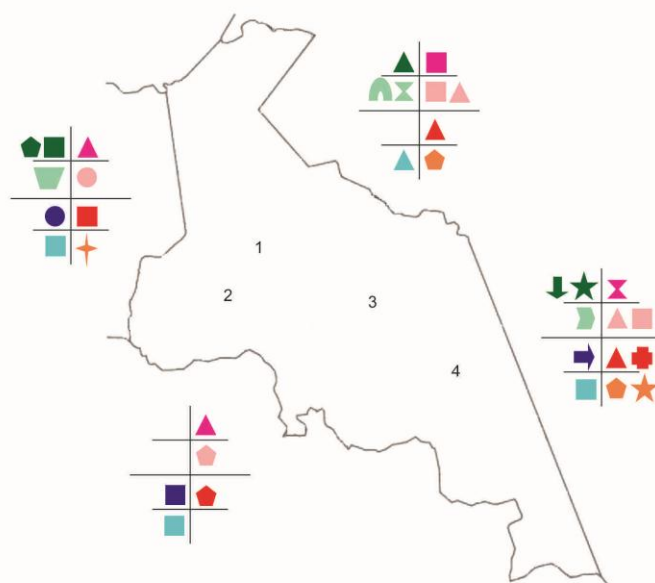
**CAFÉ DA MANHÃ  
MERENDA**

CARTA 52  
(176)

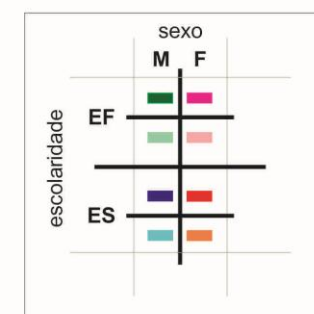
□	merenda
△	café da manhã
◑	café
○	merenda da manhã
★	pão com café



## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**EMPANTURRADO**  
**EMPANZINADO**
CARTA 53  
(183)

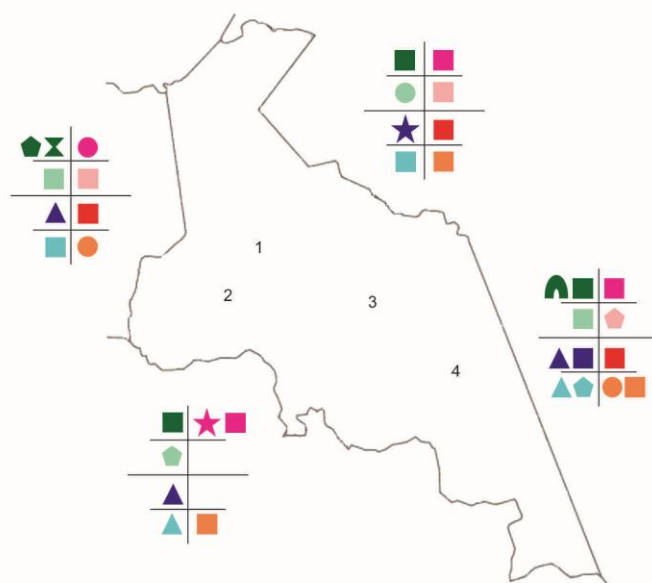
□	empanzinado/empanzinada/panzinada	⤴	barriga cheia demais
△	cheio/cheia/chei/cheinha	⤵	em tempo de espocar a barriga
◡	bucho cheio/bucho chei	⊕	empachado
○	esbafarido/esbafarida	✦	empanturrado
★	de barriga cheia	⤵	farto
⊗	com bucho inchado	⤵	inchada
∇	arfano	⤵	pra morrer



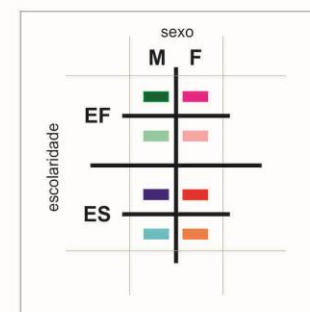
## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**GLUTÃO**  
**GULOSO**

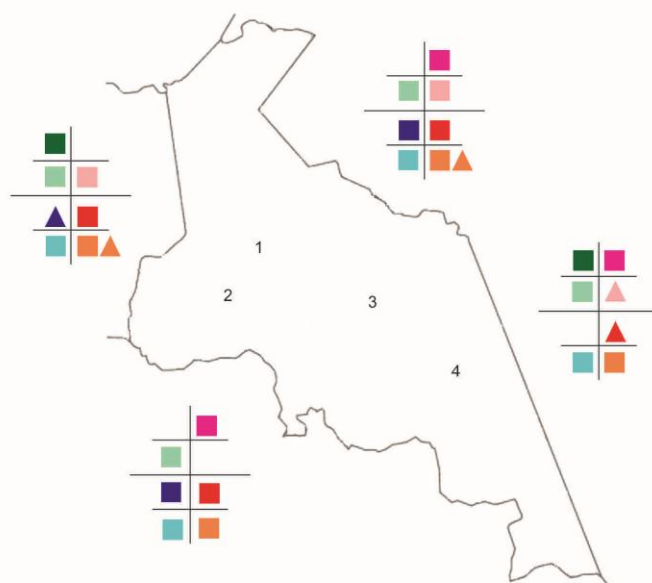
CARTA 54  
(184)



□	guloso/gulosa/gulioso
△	comilão/comilona
◑	comedor
○	esgalamido
★	esfomeado/esfamiado
⊗	com fome canina
⤴	morta-fome



## ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**GRAMPO (COM PRESSÃO)/RAMONA/MISSE  
PRESILHA**
CARTA 55  
(192)

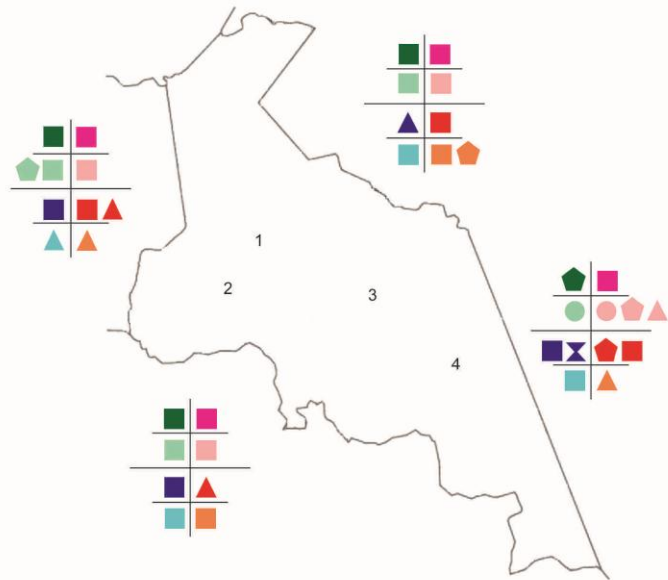
□	presilha
△	grampo

		sexo	
		M	F
escolaridade	EF	■	■
	■	■	
ES	■	■	
■	■		

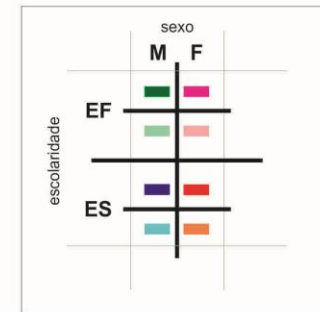
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**LOTE/TERRENO/DATA  
TERRENO**

CARTA 56  
(199)



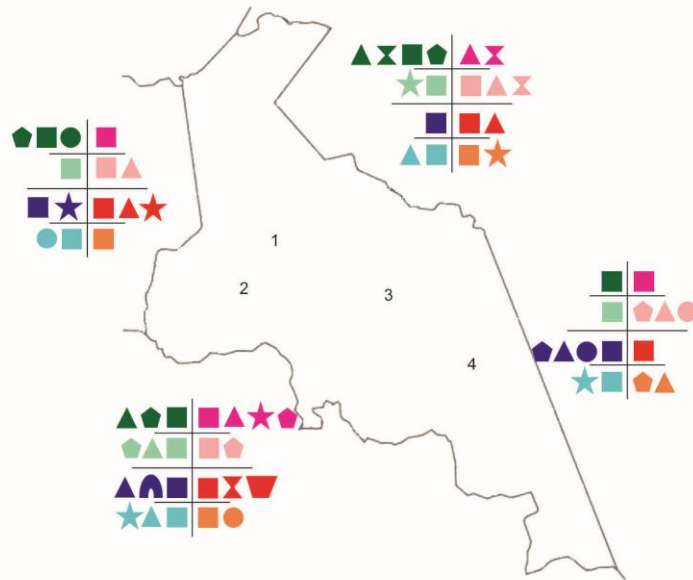
□	terreno/terrenim
△	lote/lotes
◡	chão
○	terra
⊗	lote de terra



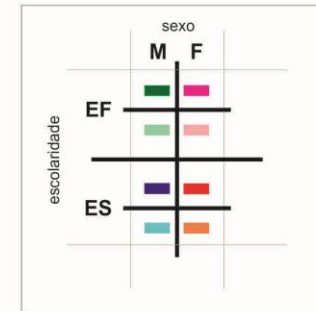
ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE CAPISTRANO

**BODEGA/BAR/BOTEÇO**  
**BODEGA**

CARTA 57  
(202)



□	bodega
△	bar/bares
◡	boteco
○	comércio
★	mercearia
⊗	botequim
∇	venda
⤴	tenda



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de estudar a linguagem falada no município de Capistrano, no Ceará, procuramos elaborar um atlas linguístico semântico-lexical e, para isso, buscamos embasamento nos princípios teóricos da Geografia Linguística e da Lexicografia, pois entendemos que o atlas possui uma estrutura lexicográfica, bem como registra o léxico marcado geograficamente, daí a nossa proposta de o incluirmos no rol dos repertórios lexicográficos regionais.

Também nos aportamos na multimodalidade para analisar a distribuição dos modos semióticos verbais e visuais na carta do atlas e, ao assumir uma característica lexicográfica, entendemos que cada carta constitui-se como microestrutura, fazendo com que elaborássemos e analisássemos, de acordo com a metafunção composicional da multimodalidade, uma carta ideal a qual chamamos de microestrutura abstrata que foi preenchida pelos dados da pesquisa de campo do atlas, tornando-se concreta.

Em relação à metodologia, adotamos o método cartográfico para nos aventurarmos na pesquisa de campo, na transcrição dos dados e na elaboração das cartas. Como resultado, produzimos um atlas linguístico de organização onomasiológica com 57 cartas lexicais, contemplando todos os 14 campos semânticos propostos pelo questionário do Projeto ALiB. A seguir teceremos alguns comentários sobre as cartas léxicas.

O campo semântico que mais obteve cartas foi *fauna*, com 11 no total, seguido por *corpo humano* com 9 cartas, *fenômenos atmosféricos* com 6 e *atividades agropastoris* com 5 cartas. Os campos *acidentes geográficos*, *convívio e comportamento social*, *religião e crenças* e *alimentação e cozinha* tiveram cada um 4 cartas. Os demais foram: *astros e tempo* com 3 cartas, *ciclos da vida*, *habitação*,

*vestuário e acessórios* e *vida urbana* com 2 cartas e, por fim, *jogos e brincadeiras infantis* com 1 carta.

Em relação ao número de variantes, registramos duas cartas com 16 variantes: *cachacero* – carta 44 – e *empanzinado* – carta 54. Outras cartas que tiveram um número considerável de variantes foram: *miseráve* e *diabo* com 14 variantes cada; *prostituta* com 13 variantes; *sereno*, *zanoi* e *gogó*, ambas com 12 variantes; e *neblina* e *trabalhador* com 10 variantes cada. Já no tocante ao número de ocorrências dos itens lexicais, as dez cartas mais produtivas foram *diabo*, com 88 ocorrências, seguida das cartas *bodega*, com 70 ocorrências, *miseráve*, *cachacero*, *prostituta*, *aparelho/privada*, *alma* com, respectivamente, 64, 63, 53, 52 e 47 ocorrências; *corn*o e *sovaco* tiveram 46 ocorrências e, por último, *vareda*, com 44 ocorrências.

Mais da metade das cartas (30) possui itens lexicais melhor distribuídos geograficamente, levando em consideração até dois informantes sem resposta, como atestamos em: *redemunho*, *neblina*, *sereno*, *neve*, *anteontem*, *vareda*, *caminho*, *maria-de-barro*, *capote*, *pata*, *lombo*, *garupa*, *peito*, *alguero*, *zanoi*, *sovaco*, *útero*, *caçula*, *miseráve*, *corn*o, *prostituta*, *cachacero*, *diabo*, *alma*, *aparelho/privada*, *merenda*, *mucunzá*, *guloso*, *terreno*, *bodega*.

A transcrição dos dados foi feita de forma grafemática, acentuando as diferenças existentes entre a ortografia do item lexical e a realização deste pelos informantes. Veremos, agora, alguns casos em que essa discrepância é evidente: apagamento de consoantes finais – *miseráve* (MISERÁVE); *mulhé da vida*, *mulhé barata*, *mulhé de cabaré*, *mulhé sem-vergonha*, *mulhé fácil* (PROSTITUTA), *visage* (ALMA); apagamento de sílabas – *alcóli* (CACHACERO); acréscimo de sílabas – *aviciado* (CACHACERO); iotização ou despalatalização da lateral – *zanoi* (ZANOIO); semivocalização do /x/ - *gaiguelo* (GOGÓ); redução de ditongos – *manjedora* (LAPINHA), *cachacero* (CACHACERO), *derradero* (CAÇULA), *sujera* (CATARACA), *alguero* (ALGUERO), *trase*ra (GARUPA). Outros casos não previstos



que aconteceram foram: *vaxilha* (SOVACO), *riodimunho* (REDEMUNHO), *gulioso* (GULOSO), *silvino* (MISERÁVE), *útro* (ÚTERO), *úbro* (ÚBERE) etc.

Nas cartas, também atestamos a variação de ordem flexional, como gênero e grau. Em relação ao gênero, temos as seguintes ocorrências: *lagarto/lagarta* (carta 29 – TAPURU), *camboto/cambota* (carta 38 – CAMBOTA), *caçula/caçulo* (carta 40 – CAÇULA), *empanzinado/empanzinada*, *cheio/cheia*, *esbafarido/esbafarida* (carta 54 – EMPANZINADO), *guloso/gulosa*, *comilão/comilona* (carta 55 – GULOSO). Já em relação à flexão de grau, temos: *redemunhozim baxo* (carta 4 – REDEMUNHO), *lebrinazinha* (carta 7 – NEBLINA), *barrufadinha* (carta 8 – ÚMIDA), *borreguinho*, *carneirinho*, *ovelhinha*, *marrãzinha* (carta 15 – BORREGO), *varedinha* (carta 17 – VAREDA), *veredinha* (carta 18 – CAMINHO), *lagartinha* (carta 29 – TAPURU), *cheinha* (carta 54 – EMPANZINADO), *terrenim* (carta 57 – TERRENO).

Com essa pesquisa percorremos uma rede de pontos com 4 localidades, entrevistamos um total de 32 informantes, transcrevemos os dados e elaboramos 57 cartas lexicais, contudo, faltou-nos tempo para realizar análises substanciais sobre as cartas léxicas, principalmente no que concerne aos regionalismos. Acreditamos, porém, que, mesmo assim, esse atlas linguístico tenha seus méritos e seja válido por registrar uma parte do inventário lexical do capistranense e, por isso mesmo, ajudar na cartografia dos falares do Ceará, contribuir para os estudos de variação linguística no nosso Estado, além de fornecer subsídios seguros para a validação de regionalismos em obras lexicográficas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. S. C. **Micro-atlas fonético do Estado do Rio de Janeiro**: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

ALVAR, M. Hacia los conceptos de lengua, dialectos e habla. In: **Nueva Revista de Filología Hispánica**. Vol. 15, p. 52-60. 1961

\_\_\_\_\_. **Estructuralismo, geografía lingüística y dialectología actual**. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1969.

ARAGÃO, M. S. S.; MENEZES, C. B. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB; CNPq, Conselho Editorial, 1984.

ARAGÃO, M. S. S. **Linguística aplicada aos falares regionais**. João Pessoa: A. União Cia Ed., 1983.

\_\_\_\_\_. **Os estudos geolinguísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB**. 2005. Disponível em: [http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF\\_SIMP/textos/msocorroaragao1.htm](http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/msocorroaragao1.htm). Acesso em: 31 mai. 2011.

\_\_\_\_\_. **Bibliografia Dialetal Brasileira**. 2ª Ed. Fortaleza: UFC, 2006, 146 p. CDRom.

\_\_\_\_\_. A parassinonímia em atlas linguísticos regionais brasileiros. In: **Revista Signum: Estudos da Linguagem**. Vol. 12/1. Londrina: UEL, 2009, p.65-83.

ARAGÃO, R. B. **Cronologia dos municípios cearenses**. Fortaleza: Banca do Escritor Cearense, 1996.

ARNAL, M. L. ¿Para qué y para quién hacemos los diccionarios diferenciales? A propósito del *Diccionario diferencial del español de Aragón*. In: **Archivo de Filología Aragonesa**, Zaragoza, 2009.

AROUCHA, C. B. L. **Uma análise linguístico-visual de mapas da cidade de Recife**. Dissertação (Mestrado em Letras), UFPE, Recife, 2008.

BESSA, J. R. F. **Atlas Linguístico do Estado do Ceará**: Vol. I. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. In: **Alfa**, São Paulo, v. 28, n. suplemento, p. 1-26, 1984.

\_\_\_\_\_. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.

\_\_\_\_\_. Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001b. p.131-144.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, S. A. M. Projeto Atlas Linguístico do Brasil- Projeto ALiB: descrição e estágio atual. **Revista da ABRALIN**, v. 8, p. 185-198, 2009.

\_\_\_\_\_. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Paráboa Editorial, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil.** Questionários. Londrina: UEL, 2001.

CORRALES, C. Causas y efectos de la lexicografía diferencial. In: CORRALES, C.; DORTA, J. et. al. (eds.). **Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística.** Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL, Madrid: Arco/Libros, 2004, p. 47-73.

COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral.** Rio de Janeiro: Presença, 1979, p.13-85.

\_\_\_\_\_. **O homem e sua linguagem:** estudos de teoria e metodologia lingüística. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

DIONISIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECKA, B.; BRITO, K. S.. (org.). **Gêneros textuais:** Reflexões e ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 131-144.

FARIA, I. H. [et. al.] **Introdução à linguística geral e portuguesa.** Lisboa: Caminho, 2006.

HAENSCH, G. **Los diccionarios del español en el umbral del siglo XXI –** problemas actuales en lexicografía; los distintos diccionarios; una guía para el usuario; bibliografía de publicaciones sobre lexicografía. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1997.

HERNÁNDEZ, H. **Los diccionários de orientación escolar:** contribución al estudio de la lexicografía monolingüe española. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.

IORDAN, I. **Introdução à linguística românica.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

ISQUERDO, A. N. Achegas sobre a discussão de regionalismos no português do Brasil. In: **Alfa**, São Paulo, 50 (2): 9-24, 2006.

\_\_\_\_\_. A propósito dos dicionários de regionalismos no português do Brasil. In: ISQUERDO, A. N., ALVES, I. M. (orgs). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Vol III. Campo Grande: Ed. UFMS, São Paulo: Humanitas, 2007. p. 193-208.

..

KRESS, G.; LEEUWEN T. v. **Reading images: the grammar of visual design**. New York: Routledge, 2006.

KRIEGER, M. G., FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LIMA, F. S. **Atlas Linguístico léxico-semântico de Iguatu**. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFC, Fortaleza, 2009.

MALMBERG, B. **As novas tendências da linguística: uma orientação à linguística moderna**. São Paulo, Nacional, 1971.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. **Diccionario de lexicografía práctica**. Barcelona: Bibliograf, 1995.

MIAZZI, M. L. F. **Introdução à linguística românica**. São Paulo: Cultrix, 1976.

MONTEIRO, J. L.. Fontes bibliográficas para o estudo do dialeto cearense. **Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa**. Fortaleza, 9 : 68-94, 1995.

MORENO FERNÁNDEZ, F. Los estudios dialectales sobre el español em España (1979-2004). In: **Revista Linguística Española Actual**, XXVI, 2004, p. 65-100.

MOUTON, P. G. Sobre Geografía Linguística del Español de América. In: **Revista de Filología Española**, 1992, p. 699-712.

ORTEGA OJEDA, G. Lexicografía regional y diletantismo: el caso canario. In: ALMEIDA, M.; DORTA, J. (eds.). **Contribuciones al estudio de la linguística**

**hispânica:** homenagem al profesor Ramón Trujillo, Tomo II, Montesinos, Barcelona, 1997, p. 197-209

PIMENTA, S. M. O.; SANTANA, C. D. A. **Multimodalidade e semiótica social:** o estado da arte. *in* MATTE, Ana Cristina Fricke (org). **Língua(gem), texto, discurso:** entre a reflexão prática e a prática. Vol. 2. Belo Horizonte: Lucerna, 2006

PINHEIRO, A. **Formação histórica de Capistrano:** 1890 a 1984. Fortaleza: Brasil Tropical, 2003.

PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. **O português do Brasil:** brasileirismos e regionalismos. Tese (Doutorado), UNESP, Araraquara, 1999.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar:** o que é, como se lê. Fortaleza: Ed. UECE, 2009.

\_\_\_\_\_. Multimodalidade em dicionários escolares. In: ISQUERDO, A. N., BARROS, L. A. (orgs). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia e terminologia. Vol V. Campo Grande: Ed UFMS, 2010. p. 201-218.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (1996) Mimeo.

RADTKE, E.; THUN, H. **Neue Wege der romanischen geolinguistik.** Akten des simposiums zur empirischen Dialektologie (Heidelberg/ Mainz 21-24/10/1991). Kiel: Westensee-Verlag, 1996, p. 25-49.

REIS, R. C. P. **Atlas linguístico do município de Ponta Porã - MS:** um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai. Dissertação (Mestrado em Letras), UFMS, Três Lagoas, 2006.

RIBEIRO, J.; ZÁGARI, M. R. L.; PASSINI, J.; GAIO, A. P. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

SAMPAIO, D. **Municípios do Ceará**. Fortaleza: Stylus Comunicações LTDA, 1982.

SERAINÉ, F. Introdução ao Atlas Linguístico e Folclórico do Cariri. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza: 1972, p. 5-23.

TEJERA, M. J. **Diccionario de venezolanismos**. Caracas: Academia Venezolana de la Lengua, 1983.

THUN, H. et. al. **Atlas Linguístico Guaraní-Románico. Sociología. Tomo I: comentários**. Kiel: Westensee-Verlag, 2002.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. São Paulo: Contexto, 2004.

WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

**ANEXOS**



## QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL – ALiB

### ACIDENTES GEOGRÁFICOS

1 CÓRREGO/ RIACHO

... um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

2 PINGUELA

...tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um \_\_\_\_ (cf. item 1)?

3 FOZ

...o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?

4 REDEMOINHO (DE ÁGUA)

Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?

5 ONDA DE MAR

... o movimento da água do mar? *Imitar o balanço das águas.*

6 ONDA DE RIO

... o movimento da água do rio? *Idem item 5.*

### FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

7 REDEMOINHO (DO VENTO)

... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

8 RELÂMPAGO

... um clarão que surge no céu em dias de chuva?

9 RAIOS

... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?

10 TROVÃO

... o barulho forte que se escuta logo depois de um \_\_\_\_ (cf. item 9)?

11 TEMPORAL/ TEMPESTADE/ VENDAVAL

... uma chuva com vento forte que vem de repente?

12 NOMES ESPECÍFICOS PARA TEMPORAL

Existem outros nomes para \_\_\_\_ (cf. item 11)?

13 TROMBA D'ÁGUA

... uma chuva com pouca duração, muito forte e pesada?

14 CHUVA FORTE

... uma chuva forte e contínua?

15 CHUVA DE PEDRA

Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

16 ESTIAR/ COMPOR O TEMPO

Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?

17 ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímica*). Que nomes são a essa faixa?

18 GAROA

... uma chuva bem fininha?

19 TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA

Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?

20 ORVALHO/ SERENO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como se chama aquilo que molha a grama?

21 NEVOEIRO/ CERRAÇÃO/ NEBLINA

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

## ASTROS E TEMPO

22 AMANHECER

... a parte do dia quando começa a clarear?

23 NASCER (DO SOL)

O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?

24 ALVORADA

... a claridade avermelhada do céu antes de \_\_\_\_ (cf. item 23)?

25 PÔR (DO SOL)

E o que acontece no céu no final da tarde?

26 CREPÚSCULO

... a claridade avermelhada que fica no céu depois do \_\_\_\_ (cf. item 25)?

**27 ENTARDECER**

E quando o sol se põe?

**28 ANOITECER**

... o começo da noite?

**29 ESTRELA MATUTINA/ VÊNUS/ ESTRELA DA MANHÃ/ ESTRELA D'ALVA**

De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

**30 ESTRELA VESPERTINA/ VÊNUS/ ESTRELA DA TARDE**

De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?

**31 ESTRELA CADENTE/ ESTRELA FILANTE/ METEORO/ ZELAÇÃO**

De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chamam isso?

**32 MUDAR/ CORRER UMA ESTRELA**

E quando se vê uma \_\_\_\_ (*cf. item 31*), como é que se diz?

*IDENTIFICAR OS VERBOS USADOS PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO DA ESTRELA CADENTE.*

**33 VIA LÁCTEA/ CAMINHO DE SANTIAGO**

Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

**34 MESES DO ANO**

Quais são os meses do ano?

**35 MESES COM NOMES ESPECIAIS**

Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho etc.?

**36 ONTEM**

Hoje é segunda-feira. E domingo, foi que dia foi?

**37 ANTEONTEM**

... o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]

**38 TRASANTEONTEM**

... o dia que foi antes de \_\_\_\_ (*cf. item 37*)? [E mais um dia para trás?]

**ATIVIDADES AGROPASTORIS****39 TANGERINA/ MEXERICA**

... as frutas menores que a laranja, que se deslocaram com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

*PEDIR PARA DESCRIVER, PARA APURAR AS DIFERENÇAS ENTRE AS DESIGNAÇÕES CITADAS PELO INFORMANTE.*

40 AMENDOIM

... o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?

41 CAMOMILA

... umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer uma chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/ bebê e até de adulto e também para acalmar? *Mostrar.*

42 PENCA

... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/ amadurecer?

43 BANANA DUPLA/ FELIPE/ GÊMEAS

... duas bananas que nascem grudadas?

44 PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA/ UMBIGO/ CORAÇÃO

... a ponta roxa no cacho da banana?

45 ESPIGA

Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé? [Quando se vai à feira comprar o milho, compra-se o quê?]

46 SABUGO

Quando se tira da \_\_\_\_\_ (cf. item 45) todos os grãos do milho, o que sobra?

47 SOCA/ TOUCEIRA

Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?

48 GIRASSOL

... flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?

49 VAGEM DO FEIJÃO/ BAINHA

Onde é que ficam os grãos de feijão, no pé, antes de serem colhidos?

50 MANDIOCA/ AIPIM

... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

51 MANDIOCA

... uma raiz parecida com \_\_\_\_\_ (cf. item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?

## 52 CARRINHO DE MÃO/ CARRIOLA

... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?

## 53 HASTES DO CARRINHO DE MÃO

... as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o (a) \_\_\_\_ (cf. item 52)?

## 54 CANGALHA/ FORQUILHA

... a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, carneiro/ bezerro, vaca), para não atravessarem a cerca?

## 55 CANGALHA

... a armação de madeira que se coloca no pescoço do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? *Mostrar gravura.*

## 56 CANGA

... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado? *Mostrar gravura.*

## 57 JACÁ/ BALAIO

... aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim etc.), no lombo do cavalo ou do burro?

## 58 BOLSA/ BRUACA

E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? *Mostrar gravura.*

## 59 BORREGO (DO NASCER ATÉ...)

... a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?

## 60 PERDA DA CRIA

Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?

## 61 TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA

... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?

## 62 PICADA/ ATALHO ESTREITO

O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?

## 63 TRILHO/ CAMINHO/ VEREDA/ TRILHA

... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

## FAUNA

## 64 URUBU

... a ave preta que come animal morto, podre?

## 65 COLIBRI/ BEIJA-FLOR

... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?

## 66 JOÃO-DE-BARRO

... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?

## 67 GALINHA D'ANGOLA/ GUINÉ/ COCAR

... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

## 68 PAPAGAIO

... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?

## 69 SURA

... uma galinha sem rabo?

## 70 COTÓ

... um cachorro de rabo cortado?

## 71 GAMBÁ

... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?

## 72 PATAS DIANTEIRAS DO CAVALO

... as patas dianteiras do cavalo?

## 73 CRINA DO PESCOÇO

... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?

## 74 CRINA DA CAUDA

... o cabelo comprido na traseira do cavalo?

## 75 LOMBO

... a parte do cavalo onde vai a sela?

## 76 ANCA/ GARUPA/ CADEIRA

... a parte larga atrás do \_\_\_\_\_ (cf. item 75)?

## 77 CHIFRE

O que o boi tem na cabeça?

## 78 BOI SEM CHIFRE

... o boi sem \_\_\_\_\_ (cf. item 77)?

## 79 CABRA SEM CHIFRE

... a cabra que não tem \_\_\_\_\_ (cf. item 77)?

## 80 ÚBERE

Em que parte da vaca fica o leite?

81 RABO

... a parte com que o boi espanta as moscas?

82 MANCO

... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?

83 MANCO

... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?

84 SANGUESSUGA

... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado (*cf. item 1*)?

85 LIBÉLULA

... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

86 BICHO DA FRUTA

... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?

87 CORÓ

... aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?

88 PERNILONGO

...aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido.*

### **CORPO HUMANO**

89 PÁLPEBRAS/ CAPELA DOS OLHOS

... esta parte que cobre o olho? *Apontar.*

90 CISCO

... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?

91 CEGO DE UM OLHO

... a pessoa que só enxerga com um olho?

92 VESGO

... a pessoa que tem olhos voltados para direções diferentes? *Completar com um gesto dos dedos.*

93 MÍOPE

... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?

94 TERÇOL/ VIÚVA

... a bolinha que nasce na \_\_\_\_\_ (*cf. item 89*), fica vermelha e incha?

## 95 CONJUNTIVITE/ DOR D'OLHOS

... a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

## 96 CATARATA

... aquela pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas?

## 97 DENTES CANINOS/ PRESAS

... esses dois dentes pontudos? *Apontar.*

## 98 DENTES DO SISO/ DO JUÍZO

... os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?

## 99 DENTES MOLARES/ DENTE QUEIRO

... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos \_\_\_\_\_ (cf. item 98)? *Apontar.*

## 100 DESDENTADO/ BANGUELA

... a pessoa que não tem dentes?

## 101 FANHOSO/ FANHO

... a pessoa que parece falar pelo nariz? *Imitar.*

## 102 MELECA/ TATU

... a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

## 103 SOLUÇO

... este barulhinho que se faz? *Soluçar.*

## 104 NUCA

... isto? *Apontar.*

## 105 POMO-SE-ADÃO/ GOGÓ

... esta parte alta do pescoço do homem? *Apontar.*

## 106 CLAVÍCULA

... o osso que vai do pescoço até o ombro? *Apontar.*

## 107 CORCUNDA

... a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (*mímica*)?

## 108 AXILA

... esta parte aqui? *Apontar.*

## 109 CHEIRO NAS AXILAS

... o mau cheiro embaixo dos braços?

## 110 CANHOTO

... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? *Completar com o gesto.*



## 111 SEIOS/ PEITO

... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

## 112 VOMITAR

Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?

## 113 ÚTERO

... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/ bebê antes de nascer?

## 114 PERNETA

... a pessoa que não tem uma perna?

## 115 MANCO

... a pessoa que puxa de uma perna?

## 116 PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS

... a pessoa de pernas curvas? *Mímica.*

## 117 RÓTULA/ PATACA

... o osso redondo que fica na frente do joelho?

## 118 TORNOZELO

... isto? *Apontar.*

## 119 CALCANHAR

... isto? *Apontar.*

## 120 CÓCEGAS

Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? *Mímica.*

### CICLOS DA VIDA

## 121 MENSTRUÇÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

## 122 ENTRAR NA MENOPAUSA

Numa certa idade acaba a/o \_\_\_\_ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher \_\_\_\_.

## 123 PANTERA

... a mulher que ajuda a criança a nascer?

## 124 DAR À LUZ

Chama-se a \_\_\_\_ (cf. item 123) quando a mulher está para \_\_\_\_.

## 125 GÊMEOS

... duas crianças que nasceram no mesmo parto?

## 126 ABORTO

Quando a mulher perde o filho, se diz que ela teve \_\_\_\_\_.

## 127 ABORTAR

Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela \_\_\_\_\_?

## 128 AMA-DE-LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

## 129 IRMÃO DE LEITE

O próprio filho da \_\_\_\_\_ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?

## 130 FILHO ADOTIVO

... a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?

## 131 FILHO MAIS MOÇO/ CAÇULA

... o filho que nasceu por último?

## 132 MENINO/ CURI/ PIÁ

Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

## 133 MENINA

E se for do sexo feminino, como se chama?

## 134 MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

## 135 FINADO/ FALECIDO

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

### CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

## 136 PESSOA TAGARELA

... a pessoa que fala demais?

## 137 PESSOA POUCO INTELIGENTE

... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

## 138 PESSOA SOVINA

... a pessoa que não gosta de gastar o seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

139 MAU PAGADOR

... a pessoa que deixa suas contas penduradas?

140 ASSASSINO PAGO

... a pessoa que é paga para matar alguém?

141 MARIDO ENGANADO

... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

142 PROSTITUTA

... a mulher que se vende para qualquer homem?

143 XARÁ

... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

144 BÊBADO (DESIGNAÇÕES)

Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

145 CIGARRO DE PALHA

Que nome dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

146 TOCO DE CIGARRO

... o resto do cigarro que se joga fora?

## RELIGIÃO E CRENÇAS

147 DIABO

Deus está no céu e no inferno está \_\_\_\_\_.

148 FANTASMA

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?

149 FEITIÇO

O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

150 AMULETO

... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

151 BENZEDEIRA

... uma mulher que tira mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

152 CURANDEIRO

... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

153 MEDALHA

... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?

#### 154 PRESÉPIO

No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?

### JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

#### 155 CAMBALHOTA

... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? *Mímica*.

#### 156 BOLINHA DE GUDE

... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

#### 157 ESTILÍNGUE/ SETRA/ BODOQUE

... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho?

#### 158 PAPAGAIO DE PAPEL/ PIPA

... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

#### 159 PIPA/ ARRAIA

É um brinquedo parecido com o(a) \_\_\_\_\_ (*cf. item 158*), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?

#### 160 ESCONDE-ESCONDE

... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

#### 161 CABRA-CEGA

... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

#### 162 PEGA-PEGA

... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?

#### 163 FERROLHO/ SALVA/ PICULA/ PIQUE

... esse ponto combinado?

#### 164 CHICOTE-QUEIMADO/ LENÇO ATRÁS

... uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?

## 165 GANGORRA

... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? *Mímica*.

## 166 BALANÇO

... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?

## 167 AMARELINHA

... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? *SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA*.

## HABITAÇÃO

## 168 TRAMELA

... aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...?

## 169 VENEZIANA

Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? *Mostrar gravura*.

## 170 VASO SANITÁRIO/ PATENTE

Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

## 171 FULIGEM

... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?

## 172 BORRALHO

... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?

## 173 ISQUEIRO/ BINGA

Para acender um cigarro, se usa fósforo ou \_\_\_\_\_?

## 174 LANTERNA

... aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (*mímica*)?

## 175 INTERRUPTOR DE LUZ

Como se chama o objeto que fica na parede e serve para acender a lâmpada?

## 176 CAFÉ DA MANHÃ

... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?

177 GELEIA

... a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?

178 CARNE MOÍDA

... a carne moída depois de triturada na máquina?

179 CURAU/ CANJICA

... uma pequena pasta cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?

180 CURAU

E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que se chama?

181 MUNGUNZÁ/ CANJICA

... aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?

182 AGUARDENTE

... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?

183 EMPANTURRADO

Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou \_\_\_\_.

184 GLUTÃO

... uma pessoa que normalmente come demais?

185 BALA/ CONFEITO/ BOMBOM

... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? *Mostrar.*

186 PÃO FRANCÊS

... isto? *Mostrar.*

187 PÃO BENGALA

... isto? *Mostrar.*

## VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

188 SUTIÃ

... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

189 CUECA

... a roupa que o homem usa debaixo da calça?

190 CALCINHA

... a roupa que a mulher usa embaixo da saia?

## 191 ROUGE

... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?

## 192 GRAMPO (COM PRESSÃO)/ RAMONA/ MISSE

... um objeto fino de metal, para prender o cabelo? *Mostrar.*

## 193 DIADEMA/ ARCO/ TIARA

... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? *Mímica.*

### VIDA URBANA

## 194 SINALEIRO/ SEMÁFORO/ SINAL

Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

## 195 LOMBADA/ QUEBRA-MOLAS

... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuïrem a velocidade?

## 196 CALÇADA/ PASSEIO

Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?

## 197 MEIO-FIO

... o que separa o \_\_\_\_\_ (*cf. item 196*) da rua?

## 198 ROTATÓRIA/ RÓTULA

... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

## 199 LOTE/ TERRENO/ DATA

... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade

## 200 ÔNIBUS URBANO

... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

## 201 ÔNIBUS INTERURBANO

... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?

## 202 BODEGA/ BAR/ BOTEÇO

... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber \_\_\_\_\_ (*cf. item 182*) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

**Atlas Linguístico léxico-semântico de Capistrano**  
**FICHA DA LOCALIDADE**

1. NOME OFICIAL:

2. NOME REGIONAL:

3. NOMES ANTERIORES:

4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES:

a) Pelos próprios:

b) Pelos habitantes de outras localidades:

5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL:

a) Pelos próprios habitantes:

b) Pelos habitantes de outras localidades:

6. NÚMERO DE HABITANTES:

7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:

8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:



9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):

10. COMUNICAÇÕES (rodoviárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.)

11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):

12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:

13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:

14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:

15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):

16. OBSERVAÇÕES GERAIS:



<p>13. NATURALIDADE:</p> <p>A. da mãe:</p> <p>B. do pai:</p> <p>C. do cônjuge:</p>	<p>14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS?</p> <p>A. <input type="checkbox"/> sim    B. <input type="checkbox"/> não</p>
	<p>15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO?</p> <p>NATURALIDADE: A. da mãe adotiva:</p> <p>B. do pai adotivo:</p>
<p>16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):</p>	
<p>17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:</p>	<p>18. PROFISSÃO:</p> <p>A. do pai:</p> <p>B. da mãe:</p> <p>C. do cônjuge:</p>

19. TIPO DE RENDA:    A.  individual    B.  familiar

### CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

<p>20. ASSISTE TV?</p> <p>A. <input type="checkbox"/> todos os dias</p> <p>B. <input type="checkbox"/> às vezes</p> <p>C. <input type="checkbox"/> nunca</p>	<p>21. PROGRAMAS PREFERIDOS:</p> <p>A. <input type="checkbox"/> novelas                      D. <input type="checkbox"/> noticiários                      G. <input type="checkbox"/> outro</p> <p>B. <input type="checkbox"/> esportes                      E. <input type="checkbox"/> programa religioso</p> <p>C. <input type="checkbox"/> programa de auditório                      F. <input type="checkbox"/> filmes</p>	<p>22. TIPO DE TRANSMISSÃO:</p> <p>A. <input type="checkbox"/> rede gratuita</p> <p>B. <input type="checkbox"/> parabólica</p> <p>C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura</p>
--	--	---

23. OUVE RÁDIO?	24. PROGRAMAS PREFERIDOS:
<p>A. <input type="checkbox"/> todos os dias</p> <p>B. <input type="checkbox"/> às vezes</p> <p>C. <input type="checkbox"/> nunca</p> <p>D. <input type="checkbox"/> parte do dia</p> <p>E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro</p> <p>F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja</p> <p>G. <input type="checkbox"/> enquanto trabalha</p>	<p>A. <input type="checkbox"/> noticiário geral</p> <p>B. <input type="checkbox"/> esportes</p> <p>C. <input type="checkbox"/> programa religioso</p> <p>D. <input type="checkbox"/> noticiário policial</p> <p>E. <input type="checkbox"/> música</p> <p>F. <input type="checkbox"/> progr. c/ participação do ouvinte</p> <p>G. <input type="checkbox"/> outro</p>
25. LÊ JORNAL?	
<p>A. <input type="checkbox"/> todos os dias raramente</p> <p>B. <input type="checkbox"/> às vezes</p> <p>C. <input type="checkbox"/> nunca</p> <p>D. <input type="checkbox"/> semanalmente</p> <p>E. <input type="checkbox"/></p>	
26. NOME DO(S) JORNAL(IS):	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER:
<p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>A. <input type="checkbox"/> local nacional</p> <p>B. <input type="checkbox"/> estadual</p> <p>C. <input type="checkbox"/></p>	<p>A. <input type="checkbox"/> editorial</p> <p>B. <input type="checkbox"/> esportes</p> <p>C. <input type="checkbox"/> variedades</p> <p>D. <input type="checkbox"/> programa cultural</p> <p>E. <input type="checkbox"/> política</p> <p>F. <input type="checkbox"/> página policial</p> <p>G. <input type="checkbox"/> classificados</p> <p>H. <input type="checkbox"/> outra</p>
28. LÊ REVISTA?	
<p>A. <input type="checkbox"/> às vezes</p> <p>B. <input type="checkbox"/> semanalmente</p> <p>C. <input type="checkbox"/> mensalmente</p> <p>D. <input type="checkbox"/> raramente</p> <p>E. <input type="checkbox"/> nunca</p>	

29. NOME/TIPO DE REVISTA:

\_\_\_\_\_

**PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES**

FREQUENTEMENTE ÀS VEZES RARAMENTE NUNCA

30. CINEMA	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
31. TEATRO	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
32. SHOWS	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
34. FUTEBOL	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
35. OUTROS ESPORTES	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
36. OUTROS	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í

#### PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?

---

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:

A. Í tímido B. Í vivo C. Í perspicaz D. Í sarcástico

39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:

A. Í total B. Í grande C. Í média D. Í fraca

40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:

A. Í cooperativa B. Í não cooperativa C. Í agressiva D. Í indiferente

41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE:

A. Í "A" B. Í "B" C. Í "C" D. Í "D"

42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR:

A. Í grande B. Í médio C. Í pequeno D. Í nenhum

43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:

A. Í sim B. Í não

44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):		
45. DADOS SOBRE A FAMÍLIA DO INFORMANTE		
46. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
47. OBSERVAÇÕES:		
48. NOME DOS INQUIRIDORES:	48. LOCAL DA ENTREVISTA:	49. DATA DA ENTREVISTA:
INQ: _____	CIDADE:	
AUX: _____	UF:	50. DURAÇÃO:
AUX2: _____		